

JANINE GOMES DA SILVA

TENSÕES, TRABALHO E SOCIABILIDADES:
histórias de mulheres em Joinville no século XIX

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS
1997

JANINE GOMES DA SILVA

TENSÕES, TRABALHO E SOCIABILIDADES:

histórias de mulheres em Joinville no século XIX

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção de grau de Mestre em História à Comissão Julgadora da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação do Prof^o Dr. Valberto Dirksen e coorientação da Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
FLORIANÓPOLIS

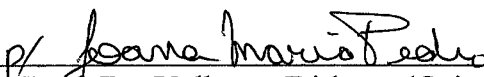
1997

TENSÕES, TRABALHO E SOCIABILIDADES: HISTÓRIA DE MULHERES EM
JOINVILLE NO SÉCULO XX

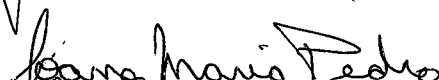
JANINE GOMES DA SILVA

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL

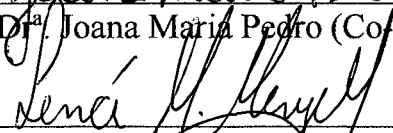
BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Valberto Dirksen (Orientador)



Prof.ª Dr.ª Joana Maria Pedro (Co-Orientadora)



Prof.ª Dr.ª Lená de Medeiros Menezes



Prof.ª Dr. Maria Bernardete Ramos Flores

Florianópolis, 19 de dezembro de 1997

Ao Piva, companheiro e amigo.

Às mulheres de Joinville, que
mesmo às vezes no anonimato,
“permitiram-me” narrar uma
história sobre suas vivências.

AGRADECIMENTOS

Para a realização deste trabalho contei com o estímulo e colaboração de algumas pessoas, que neste momento gostaria de agradecer.

Ao Prof^o Dr^o Valberto Dirksen e à Prof^a Dr^a Joana Maria Pedro, pela segurança de suas orientações.

Aos professores do Programa do Mestrado, especialmente, Maria Bernadete Ramos Flores, Ligia de Oliveira Czesnat e João Klug, pelas sugestões.

Aos colegas de mestrado, em especial, ao amigo João Batista Bitencourt.

A CAPES, que me possibilitou uma bolsa de estudos.

As pessoas que me concederam entrevistas e contaram-me um pouco das lembranças de seus antepassados.

Aos funcionários que me atenderam no Arquivo Histórico de Joinville, especialmente a tradutora Maria Thereza Böbel, sem a sua ajuda, muitas fontes não estariam presentes nesta escrita.

À Maria Gorete Schmockel, pela revisão deste trabalho.

Aos meus pais, Amirton e Lourdes, incentivadores de todos os momentos.

À Arselle de Andrade da Fontoura, pelos documentos “achados” no AHJ, pelas sugestões e pela amizade.

Em especial, à Antonio Piva, pelo carinho e apoio durante esta trajetória.

SUMÁRIO

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E RESUMO.....	05
INTRODUÇÃO.....	06
CAPÍTULO I	
Na tessitura de uma história:	
mulheres de Joinville e tensões entre brasileiros e imigrantes	13
CAPÍTULO II	
Professoras, Comerciantes, Cozinheiras....	
O trabalho das mulheres na construção de Joinville	53
CAPÍTULO III	
As sociabilidades...	89
3.1- O antigo (e atual) costume do “Kraenzchen”	93
3.2- Os bailes: de brasileiros e imigrantes.....	106
3.3- Outras formas de diversão... ..	120
3.4- Álbuns de poesias: algumas práticas da memória feminina.....	132
3.5- Jornais e canções de mesa para casamentos.....	153
3.6- Através de um processo: cumplicidade e contradições... ..	162
3.7- De tantas pequenas coisas: pormenores “ daquele tempo”... ..	173
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	181
FONTES.....	185

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA E RESUMO

SILVA, Janine Gomes da. **Tensões, trabalho e sociabilidades**: histórias de mulheres em Joinville no século XIX. Florianópolis, 1997. 194 p. Dissertação (Mestrado em História) - Curso de Pós Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof. Dr. Valberto Dirksen

Coorientadora: Prof. Dra. Joana Maria Pedro

Defesa: 19/12/1997.

Estudo sobre a cidade de Joinville no século XIX, que tematiza - através de vivências, [trabalhos], divertimentos, poesias e [sociabilidades] - a [visibilidade feminina], nuançando também algumas [tensões] entre imigrantes e brasileiros.

INTRODUÇÃO

“ Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo.”

Walter Benjamin*

A história que nos propomos a contar é, antes de mais nada, uma história sobre a cidade de Joinville¹ no século passado. Uma história que retira o olhar dos “grandes acontecimentos” e dos “grandes homens” para dar visibilidade às mulheres que viveram em Joinville. No entanto, de uma primeira intenção, que era a da questão da visibilidade feminina - por si só importante por trazer à tona um tema tão pouco problematizado na história local, somaram-se outros fios condutores. “Fios” que ao darem visibilidade às mulheres nos possibilitam lançar outras interpretações, voltadas para a formação da cidade, que não deu-se de maneira harmoniosa, pelo contrário, houve tensões entre luso-brasileiros e imigrantes. O pano de fundo desta pesquisa é, portanto, as vivências, os trabalhos, os divertimentos, as poesias, as sociabilidades femininas... , na sua relação com a formação da cidade, composta principalmente por imigrantes alemães, que colonizaram a cidade a partir de 1851, e em menor número pelos brasileiros.

* BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Magia e técnica, arte e política. p. 224.

¹ Joinville está localizada na Região Nordeste do Estado de Santa Catarina. A partir de 1851 com a instalação da Colônia Dona Francisca, vieram para essa região imigrantes suíços, noruegueses e principalmente alemães. Joinville era a sede administrativa da Colônia, que compreendia também as atuais cidades de São Bento do Sul, Schroeder, Corupá, Garuva, Araquari, Guaramirim, Jaraguá do Sul e Barra Velha.

Não pretendemos, parafraseando Benjamin, conhecer o passado “como ele de fato foi”, mas, buscamos nuançar algumas experiências da história da cidade e que, no decorrer desta pesquisa, relampejaram através de algumas reminiscências.

Quanto a estes “relampejos”, é importante destacar as dificuldades com relação as fontes. Michelle Perrot, já mencionou o silêncio dos arquivos em relação às mulheres: “*olhar de homens sobre homens, calavam as mulheres.*”² Ao iniciar esta pesquisa, buscando no acervo documental do Arquivo Histórico de Joinville - AHJ, elementos para compor esta história, as “ausências” alimentavam novas perguntas. As poucas fontes contavam, principalmente, das imigrantes e suas descendentes. E as mulheres brasileiras, quais eram suas histórias? Ressalta-se que o AHJ ao ser criado em 1972, contou com o apoio da comunidade local, destacadamente de descendentes de imigrantes alemães, que assim buscavam “preservar suas memórias”. Se a documentação referente a colonização é imensa, a mesma observação não podemos fazer em relação as histórias dos luso-brasileiros. Assim, sobre as mulheres brasileiras, foram os jornais, impressos em português, que mais nos permitiram “conhecê-las”.

Ainda assim, mesmo a documentação existente ainda não está totalmente organizada, o que dificulta a pesquisa. Boa parte dos documentos que localizamos, capturando rastros daquelas experiências vividas, foram “encontrados”, nos momentos mais inesperados. Felizes “encontros”, pois, aos poucos, possibilitava-nos extrair (e arriscar) novas interpretações para a história da cidade. Neste sentido, este trabalho é também, de certa forma, um “inventário” sobre as atividades femininas no século passado, em Joinville. Um estatuto de um clube de crochê, por exemplo, fundado por um grupo de mulheres em 1899, estava num envelope amarelo, intitulado

² PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*. A mulher no espaço público. v.9, nº 18, ago.89/set.89. p. 11.

“miscelânea”. Outras fontes foram surgindo, através da incansável busca, mesmo nos lugares aparentemente menos prováveis, contando também com a ajuda de pessoas que indicavam-nos possíveis caminhos. Assim, as poesias, as imagens, as entrevistas, entre outras fontes, que foram analisadas, poderão contar outras histórias sobre as vivências daqueles homens e mulheres. Outras possíveis escritas, pois, agora, já foram encontradas...

O cotidiano das mulheres de Joinville do século passado, brasileiras e imigrantes, têm suas especificidades. Foram mulheres que trabalharam muito e que estiveram presentes nos mais diversos espaços, tanto no público, como no privado e, escrever sobre suas histórias é dar-lhes visibilidade.

Enveredar pela história destas mulheres, que viveram “naquele tempo” e que apresentam-se para nós através das mais diversas fontes é construir, de certa forma, um mosaico da história local. Mosaico, no sentido de ser um trabalho de paciência, onde, estar atento para os relampejos de suas práticas, através dos documentos, pressupõe, descortinar histórias.

A intenção de estudar sobre o cotidiano de Joinville durante seus primeiros anos - desde sua fundação em 1851 até o início deste século - surgiu da expectativa de conhecer um pouco do “ainda não dito” sobre a história da cidade. Não dito, pois os trabalhos e as sociabilidades femininas pouco aparecem na historiografia local. Contudo, no desenrolar da pesquisa, pudemos observar que não trata-se meramente de um “não dito”, mas, de uma série de falas soltas e fragmentadas sobre essas mulheres.

E, ao buscarmos tecer uma história que privilegiasse as mulheres, rastreamos os vários sinais de suas experiências. É na “esfera do cotidiano” que podemos “encontrá-las”, na improvisação da vivência cotidiana, pois, como infere Michel de Certeau:

“ O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (...) nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma

pressão do presente. (...) O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. Não se deve esquecer este 'mundo memória' (...) É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres. Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história 'irracional', ou desta 'não-história', como o diz ainda A.Dupront. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível..."³

Para a trama desta história, recorremos a algumas fotografias, aos jornais da época, aos diários de poesias, aos jornais de casamento, a narrativa de viajantes, a obras sobre a história de Joinville, entre outros. E, utilizamos, também, as reminiscências de imigrantes e descendentes. Muitas vezes, “aceitando” sua fluidez e aprendendo sobre aquele tempo com a narrativa dos “antigos”, pois, como já disse Marina Maluf: “*É importante observar que os registros memorialísticos devem ser lidos e analisados como fachos de luz sobre realidades que se pretende conhecer mais profundamente, como pistas e como modos de despistar. (...) As narrativas de vida, produtos da memória, são biografias que necessariamente aceitaram correções. É como um 'reimaginar o já imaginado'.*”⁴

Para realizar a análise recorro a vários autores que, de uma forma ou de outra, me indicaram algumas reflexões. Vários artigos da obra **História das mulheres no ocidente**, especialmente do volume 4 (o século XIX), foram importantes para este estudo. Destacamos a análise de Joan Scott sobre a mulher trabalhadora⁵, pois, para darmos visibilidade aos trabalhos das mulheres de Joinville no século XIX, as

³ CERTEAU, Michel de et alli. **A invenção do cotidiano**. 2- Morar, cozinhar. p. 31.

⁴ MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. p. 45.

⁵ SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (Dir.) **História das mulheres no ocidente: o século XIX**.

observações desta autora sobre como eram articulados os discursos sobre a divisão sexual do trabalho e o fato dos trabalhos desenvolvidos por homens e mulheres serem valorativamente diferentes, foram importantes para construirmos uma escrita sobre os trabalhos das mulheres de Joinville.

Sobre o cotidiano, frente a uma vasta historiografia existente, enfatizamos o trabalho de Michel de Certeau. Em **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**⁶, este autor, ao abordar os mais diversos aspectos das práticas cotidianas, como ler, conversar, habitar, cozinhar, caminhar..., nos “ensina” a valorizar, a interpretar e a ousar descrever algumas vivências do século passado. Também, o trabalho de Maria Odila Leite da Silva Dias, **Quotidiano e poder**⁷, foi fundamental, pois, demonstra a importância da reconstrução dos papéis sociais femininos na análise da vida cotidiana. “Papéis” geralmente não vislumbrados na historiografia local, mas que podem ser observados a partir de diferentes fontes.

Ao buscarmos dar visibilidade às mulheres de Joinville, algumas obras de autoras que trabalham com história das mulheres e/ou relações de gênero na pesquisa histórica foram também analisadas. Como os escritos de Michelle Perrot, ao falar dos papéis e dos “poderes” femininos, dos seus silêncios e das suas memórias, e da ausência das mulheres na historiografia.⁸ Também, Joana Maria Pedro, especialmente em **Mulheres honestas e mulheres faladas**⁹, nos possibilitou conhecer as mais diversas imagens (re)elaboradas sobre as mulheres de Desterro. Suas observações

⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**.

⁷ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder: em São Paulo no século XIX**.

⁸ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários mulheres e prisioneiros; e Práticas da memória feminina**. In: **Revista Brasileira de História**. A mulher no espaço público. São paulo: ANPUH/Marco Zero, v. 9, nº 18, ago.89/set.89.

⁹ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**.

foram significativas para este trabalho, nos momentos em que buscávamos perceber a “construção” de imagens femininas em Joinville. Buscando, principalmente, dar visibilidade a diferentes experiências vivenciadas por algumas mulheres que viveram em Joinville no século passado, utilizamos várias autoras que trabalham com relações de gênero na pesquisa histórica. Contudo, convém salientar que, o que nos propomos a fazer é um estudo sobre a história de mulheres.

Foram também referências os estudos sobre imigração e colonização de Giralda Seyferth e de Marionilde Dias Brepohl de Magalhães, onde podemos compreender um pouco mais os costumes e as experiências dos/as imigrantes.¹⁰

Para discutir as sociabilidades, o texto “Por uma história da vida privada”, de Philippe Ariès¹¹, nos “sugeriu” olhar as sociabilidades das mulheres de Joinville de forma mais atenta. Sua análise é sobre a Europa, mas suas observações sobre as “sociabilidades restritas”, nos possibilitaram pensar melhor nas sociabilidades daquelas mulheres, muitas vezes, restritas a pequenos grupos. Igualmente importante é a perspectiva de “tradição inventada”, proposta por Eric Hobsbawm¹². A “continuidade” em relação ao passado, nas “tradições inventadas”, mesclam algumas das sociabilidades das mulheres de Joinville no século XIX.

A historiografia local, através dos trabalhos de Carlos Ficker, Carlos Gomes de Oliveira, Apolinário Ternes e Elly Herkenhoff, nos proporcionou um estudo sobre a

¹⁰ MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil**; e, Os primeiros anos da Colônia Dona Francisca: imigração e trabalho. In: **Boletim do AHJ**. Joinville, nº 14, junho de 1996. E, SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico; Nacionalismo e identidade étnica; e Imigração e cultura no Brasil**.

¹¹ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.) **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes**.

¹² HOBBSBAWM, Eric. Introdução: as invenções das tradições; e A Produção em massa das tradições: Europa, 1879 a 1914. In: HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) **A invenção das tradições**.

história da cidade¹³. Marina Maluf¹⁴ e Ecléa Bosi¹⁵, foram inspiradoras, quando buscamos, através das lembranças, escrever sobre o passado. Como utilizamos fotografias, alguns escritos de Miriam Moreira Leite também foram especialmente “lidos”¹⁶.

Este estudo divide-se em três capítulos. O primeiro trata de algumas tensões entre imigrantes, principalmente alemães, e luso-brasileiros, presentes na formação da cidade. Nesse sentido, podemos observar, por exemplo, através das construções de modelos femininos veiculados pela imprensa em português, como as mulheres também eram alvos desta tensão. No segundo, procuramos dar visibilidade aos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres que viveram em Joinville. E, finalmente, no terceiro e último capítulo, buscamos evidenciar o cotidiano e as sociabilidades de brasileiras e imigrantes. Convém lembrar, que são das mulheres imigrantes e de suas descendentes que mais encontramos informações, por isso é, principalmente, sobre as suas vivências que escrevemos este capítulo, pois, nos discursos sobre a cidade a memória do imigrante é presentificada, demonstrando o “predomínio” do imigrante através da cultura germânica. A tessitura desta história se dá através dos “Kraenzchen” (Clubes de crochês), dos bailes, das poesias, dos jornais de casamento, e de alguns processos, revelando um pouco daquela sociedade, “inventada” por homens e mulheres durante o século XIX, em Joinville.

¹³ FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca; HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho...** Fragmentos da história de Joinville; OLIVEIRA, Carlos Gomes de. **Integração**: estudos sociais e históricos; Joinville, Santa Catarina, Brasil; TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville e Joinville, a construção da cidade**.

¹⁴ MALUF, Marina. **Ruidos da memória**.

¹⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos.

¹⁶ LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica.

CAPÍTULO I

NA TESSITURA DE UMA HISTÓRIA:

mulheres de Joinville e tensões entre brasileiros e imigrantes.

“ A personagem feminina, construída e produzida no registro do masculino, não coincide com a mulher. Não é sua réplica fiel, como muitas vezes crê o leitor ingênuo. É, antes, produto de um sonho alheio e aí ela circula, neste espaço privilegiado que a ficção torna possível.”

Ruth Silviano Brandão*

Múltiplos são os arquétipos femininos construídos e reelaborados nos diferentes tempos históricos. Exaltadas como mães na intimidade do lar, também das mulheres que viveram em Joinville no século XIX, “esperava-se” que correspondessem a várias expectativas: da boa esposa, mãe e dona de casa.

Modelos idealizados que deveriam ser seguidos, não necessariamente encontraram ressonâncias no cotidiano das mulheres em Joinville no século passado. E, para perceber esses modelos, faz-se necessário múltiplas leituras advindas de diferentes fontes. Sendo mulheres de etnias diferentes, o fato das leituras destinadas a elas estarem, muitas vezes, escritas também em línguas diferentes, sugere uma análise distinta. Porém, não dissociada. Afinal, os elementos que compõe os discursos acerca do modelo feminino daquele século permeiam o cotidiano de brasileiras e imigrantes.

*BRANCO, Lúcia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. p. 17.

Vivências cotidianas marcadas pelas diferenças e tensões entre brasileiros e imigrantes, presentes desde a “fundação” da cidade.

É recorrente encontrarmos nos escritos sobre a história local uma íntima relação com os fatos que registram o início - o nascimento da colonização, não levando em consideração os povos sambaquianos e indígenas que aqui viveram, nem mesmo os poucos brasileiros que já encontravam-se nas proximidades. Uma espécie de mito fundante que valoriza os registros da época, acerca dos primeiros imigrantes e seu pioneirismo, contando e recontando a história a partir de 1851. Dentro desta perspectiva, esta história inicia-se em 1851, quando chegaram em Joinville os primeiros imigrantes europeus. Alguns anos antes, algumas pessoas já haviam visitado a cidade para verificar o território e, posteriormente, para fazer as demarcações, mas foi em 09/03/1851, que os primeiros imigrantes, vindos com a barca “Colon”, até o Porto de São Francisco, chegaram na Colônia Dona Francisca. Chamava-se colônia Dona Francisca em homenagem a princesa Francisca Carolina, filha de Dom Pedro I, haja vista que essa região foi dada como parte de dote do seu casamento com François Ferdinand Phillipe Louis Marie d’Orleans, Príncipe de Joinville. Alguns anos mais tarde o núcleo da colônia foi denominado Joinville.¹

A história desta colônia está intimamente ligada aos estímulos do governo imperial para preencher vazios populacionais e suprir mão-de-obra no país, pois, com o fim do tráfico negreiro, novas alternativas deveriam substituir a mão-de-obra escrava.

No início as condições de vida eram precárias e a maioria dos imigrantes vinham de uma Alemanha conturbada política e economicamente. “*O ano de 1848 foi*

¹ Embora “... somente em outubro de 1852, a primeira povoação “Schroedersort” e a área prevista para a construção da cidade foram reunidas sob o nome Joinville e, conseqüentemente nunca houve fundação oficial da cidade.” In: FICKER, Carlos. *História de Joinville: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca*. p. 71.

decisivo para a colonização ...”² A emigração dos alemães para os países livres da América expressavam os desajustamentos sociais daquele século. As guerras, as lutas políticas, o excessivo crescimento populacional, os altos impostos, e as terras concentradas nas mãos de poucos, deixavam os camponeses em situação econômica difícil.³

Segundo Carlos Ficker, estudioso da colonização de Joinville, o Príncipe de Joinville ofereceu suas terras para colonização e as negociações iniciaram em Hamburgo entre o Senador Schroeder e o Sr. Léonce Aubé, procurador do Príncipe de Joinville no Rio de Janeiro. Foi, portanto, a Sociedade Colonizadora de Hamburgo (SCH) que tratou da colonização dessa região.⁴ E, entre 1850 a 1888 encaminhou para Joinville e arredores 17.408 colonos.⁵

Ressalta-se que, contar a história local a partir do mito fundador, é uma prática semelhante a outros discursos, como por exemplo, os difundidos pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina (IHGSC). Segundo Élio Cantalício Serpa, o IHGSC procurou criar uma identidade para o estado de Santa Catarina, “*imbuídos do propósito de construção de toda uma memória que fosse constituindo fatos e heróis fundantes, mitos de origem que justificassem a existência de uma identidade catarinense...*”⁶

² Ibidem. p. 36.

³ Ibidem. Idem.

Sobre este assunto, Marionilde D.B. de Magalhães, diz que: “*A partir de 1848, aos grupos de imigrantes que deixam suas terras por razões econômicas associam-se aqueles que são exilados ou escolhem deliberadamente a emigração por razões políticas. São os assim chamados 1848er.Kinder (filhos de 1848), os homens do Märztage (dos dias de março), ou, mais popularmente, os Brummer (no vocabulário popular).*” In: MAGALHÃES, M.D.B. *Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*. p. 19.

⁴ FICKER, C. Op. cit. pp. 41-2.

⁵ MAGALHÃES, M.D.B. *Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*. p. 15.

Ao buscar forjar uma identidade para os catarinenses, os membros do IHGSC, elaboraram discursos pautados nos “mitos de origem” da história catarinense, primeiramente centrado nos luso-brasileiros. Nos seus diferentes momentos, o referido Instituto, mesmo quando trouxe para o seu interior outras etnias, sempre preocupou-se em justificar uma identidade local, tal como, alguns escritos joinvilenses que, pautados no mito de origem, possivelmente, buscavam a criação de uma identidade para a cidade.

Mescla-se, na história da cidade os discursos acerca dos ideais dos imigrantes, buscar liberdade e igualdade num “Novo Mundo”, pois eram herdeiros dos ideais das Revoluções de 1848. No entanto, Marionilde D.B. de Magalhães, ao analisar os primeiros anos da Colônia Dona Francisca, diz que não foram apenas os ideais de liberdade que marcaram a vinda dos imigrantes, mas também a grande propaganda veiculada na Alemanha pela Sociedade Colonizadora de Hamburgo:

“ Não são a estas constatações que podemos chegar quando examinamos alguns documentos deste período, sob a guarda do Arquivo Histórico de Joinville. Ali, encontram-se diversos testemunhos que evidenciam uma situação de constantes conflitos entre os sócios da SCH e os imigrantes. De fato, a propaganda que se veiculava na Alemanha sobre Dona Francisca falava de terras férteis e acessíveis, de viagens subsidiadas, de um lugar onde a liberdade de opinião e de associação era garantida a todos. Mas o que se pretendia, na realidade, era trazer colonos que, mesmo que se tornassem proprietários de um pequeno lote, constituir-se-iam mão de obra barata para uma determinada elite que representava os interesses da SCH.”⁷

⁶ SERPA, Élio Cantalício. A identidade Catarinense nos discursos do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. In: *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis, v. 14, nº 20, 1996. p. 65.

⁷ MAGALHÃES, Marionilde D.B. de. Os primeiros anos da Colônia Dona Francisca: imigração e trabalho. In: *Boletim do AHJ*. Joinville, nº 14, junho de 1996. p. 50. Para exemplificar esta afirmação, a referida autora traduziu, neste mesmo artigo, uma carta de 1852, onde podemos observar a divisão de trabalho entre membros de uma mesma família.

*“Querido cunhado,
(...) Nós estamos com saúde, estamos trabalhando bastante nesta colônia. A mamãe (sua esposa) tem lavado roupas para os alemães, por isto nós temos ganhado muito dinheiro. Temos recebido da administração 30 vinténs. A Ursula e a Bárbara, cada uma 15 vinténs e o Martin 40 vinténs. O Alexandre, 7 vinténs. Com isto pudemos construir uma cabana (...) Depois que construímos nossa cabana, temos trabalhado no nosso lote e um tempo como diaristas. Nossos filhos estão trabalhando*

As observações de Marionilde D. B. de Magalhães, demonstram os interesses da SCH nestas terras, bem como, a propaganda que a referida Sociedade fez para trazer mão-de-obra para uma determinada elite vinculada a ela. Tais informações elucidam o fato de alguns imigrantes remigrarem para São Paulo, Curitiba ou Porto Alegre. No entanto, a grande maioria subordinou-se, pois não tinham condições econômicas para remigrar e desconheciam as leis e o idioma brasileiro.⁸

Os discursos sobre Joinville, falam de “harmonia”, “progresso”, “ordem” e “trabalho”, primando pelo trabalho dos imigrantes alemães. Contudo, para Joinville, também vieram dinamarqueses, noruegueses, suíços, russos, holandeses e, posteriormente, também italianos.⁹ Costumeiramente, os escritos sobre a colonização de Joinville, referem-se apenas aos imigrantes alemães. Estes, por se constituírem em um grupo mais numeroso, desde o início da colonização, fazem-se mais presentes em todas as atividades e, aos poucos, vão “suprimindo” as diferenças com os outros grupos germânicos, (re) produzindo uma ideologia calcada na etnicidade. Sem falar ainda dos brasileiros, tratados costumeiramente pelos “de origem”, por “lusos” ou “caboclos”.

A expressão “de origem” é utilizada pelos próprios imigrantes alemães e seus descendentes para diferenciarem-se dos outros grupos étnicos, especialmente e

com os senhores da colônia. Por exemplo, Ursula está trabalhando com o Sr. Frankenberg, o diretor da colônia e a Barbara, com o senhor Rodowicz, e eles são senhores bastante bons.(...) de Martin Müller para Heinrich Stahl.”. Grifos nossos.

⁸ Ibidem. p.51.

⁹ “Até 1857 haviam entrado na colônia 2.858 imigrantes, dos quais 705 eram suíços, o que representa 25% do total. Ao contrário do que se acredita, a relação entre os diversos grupos nacionais nem sempre foi harmoniosa. Logo no início houve um isolamento voluntário desses grupos: os noruegueses estabeleceram-se na Nordstrasse (atual rua Dr. João Colin), os alemães na Deutschestrasse (atual rua Visconde de Taunay) e os suíços no Mittelweg (atual rua XV de Novembro) e na Schweizerstrasse (atual rua Mal. Hermes). Cada grupo fundou ainda suas próprias associações e empreendimentos (...)os suíços estimularam e participaram ativamente da vida religiosa de Joinville.” In: FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. *Dia da Suíça: os suíços em Joinville*. 1997. (Folder)

principalmente dos brasileiros. Ser “ de origem” reforça a sua identidade étnica, haja vista que este qualitativo é usado sempre numa perspectiva relacional, ao mesmo tempo que reafirma a sua identidade, nega a outra.

Chegando aqui, após o primeiro impacto, os imigrantes foram destinados aos seus lotes. Na maioria alemães, no início provavelmente só tinham contatos entre si, nada conheciam da “cultura” da nova terra e, portanto, seu referencial de mundo era a Europa. Trouxeram consigo seus costumes e seus valores, seus sonhos e suas saudades...

Sobre os valores, os costumes e as práticas que os/as imigrantes trouxeram, e que provavelmente povoaram a colônia no século passado, Maria Luiza Renaux, ao estudar as mulheres no Vale do Itajaí, diz que:

“... ela detinha um papel econômico ativo e uma responsabilidade moral decisiva, dentro de um quadro juridicamente emoldurado pela autoridade masculina. Na casa global, unidade econômica de base e residência da família num mundo ainda articulado pelas concepções feudais, o papel de esposa, mãe, dona de casa não se separava do papel de mulher que produz, envolvendo isso uma solidez de princípios capaz de assegurar a educação dos filhos e dependentes, mais igualmente, a reputação de todo o negócio que garantia a sobrevivência da família.”¹⁰

Sabemos que quando se fala “dos imigrantes”, “dos pioneiros” e “dos homens”, genericamente inclui-se aí as mulheres. Porém, não nos parece que estas “generalizações” contemplem, de fato, a participação feminina na construção da cidade.

É importante destacar ainda que, obras como a de Ficker, pretensamente imparcial porque para ele os fatos falam por si só, “São os fatos que se pronunciam - e não o interprete dele!”¹¹, vêm reforçando estigmas sobre a cidade, como “trabalho”,

¹⁰ RENAUX, Maria Luiza. *O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950*. p. 217.

“progresso”, “ordem” e “harmonia”, sem interpretar as diferenças existentes no cotidiano das pessoas que participaram da colonização.¹²

Extremamente laudatório quando fala dos imigrantes pioneiros, embora não sejam palavras “suas”, pois para ele o historiador apenas relata os fatos, ao transcrever uma carta de Christian Herrmann de ano de 1852, Ficker reforça a idéia de que o brasileiro é preguiçoso. No início refere-se a São Francisco: “*Os moradores da Vila não entendem nada de lavoura e domina a preguiça, pois nem existem profissionais nos ofícios gerais.*”¹³ E, a carta termina falando de Joinville, dos imigrantes que ali residem:

“*Estou cansado de escrever, e, nas quatro semanas que levei para contar estas novidades, já vejo na colônia os melhoramentos feitos num espaço tão curto. Por todos os lados estão trabalhando e construindo casas e ranchos. Acredito que a nossa Colônia terá um progresso rápido e será em poucos anos a Colônia mais bem sucedida.*”¹⁴

Já mencionamos que a idéia de que Joinville cresceu graças aos imigrantes é recorrente na historiografia local. Não negamos a importância destes, mas ao mesmo tempo, pensamos nos/as brasileiros/as, que em menor número, aqui também viveram. Convém salientar que, o número de brasileiros que moravam em Joinville nos primeiros anos após a fundação da Colônia era pequeno, e que estes passaram a ser mais

¹¹ FICKER, C. Op. cit. p. 14.

¹² Cabe ressaltar que entendemos como “tradicionais” algumas obras sobre a história de Joinville, tais como: FICKER, Carlos. **História de Joinville**: subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca, de 1965; OLIVEIRA, Carlos Gomes de. **Integração**: estudos sociais e históricos; Joinville, Santa Catarina, Brasil, de 1984; e TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**, de 1986 e **Joinville, a construção da cidade**, de 1993. Estas obras são exemplos dos registros históricos sobre a cidade e, apesar de serem factuais, são importantes para demonstrarmos como, costumeiramente, é descrita a história local. Salienta-se, que no decorrer deste trabalho, procuramos demonstrar através de diversas fontes, que é possível vislumbrar outras práticas, através de alguns aspectos do cotidiano, que não foram contemplados pela história política factual.

¹³ FICKER, C. Op. cit. p. 94.

¹⁴ Ibidem. pp. 95-6.

numerosos a partir da década de 70 do século passado. Contudo, havia famílias brasileiras na região, mesmo antes da “fundação” da cidade em 1851.¹⁵

Por ser a cidade “fundada” por imigrantes é a cultura deste grupo que costuma ser valorizada nos discursos sobre a cidade. E, quando fala-se da cultura, a intelectualidade dos imigrantes é ressaltada: “... *entre os primeiros imigrantes vieram homens de linhagem intelectual, como o advogado Ottokar Doerffel, que sabiam como enfrentar essa luta. E também pelo espírito que traziam, educado no cultivo do esporte, das artes, como o canto e a música.*”¹⁶

Nesse mesmo viés interpretativo, Oliveira, ao falar do aumento populacional de Joinville neste século, diz que hoje a cidade não é mais uma cidade alemã e sim brasileira. Mas, ao mesmo tempo, enaltece o trabalho dos antepassados germânicos: “*É pois, hoje, uma cidade brasileira com madeixas louras e olhos azuis, em boa parte, denunciando a origem. E conservando os predicados que distinguiam os antepassados, pelo trabalho, pela disciplina que tanto a enobrecem.*”¹⁷

Posteriormente, este mesmo autor, tratando da integração econômica do município, destaca a “... *assimilação, pelos imigrantes dos meios e processos econômicos do brasileiro.*”¹⁸ Mas, o progresso está ligado ao imigrante: “*Mas, é de*

¹⁵ Os escritos sobre a história local, especialmente quando referem-se as demarcações da Colônia Dona Francisca, demonstram a existência de vários brasileiros. Ficker, ao falar das demarcações das terras em 1849, diz que: “... *Ewert von Knorring (...) de certo não representava o tipo do homem robusto e forte para trabalhar na roça. Consequentemente, empreitaram-se brasileiros, moradores da redondeza, que ofereceram os seus serviços.*” In: FICKER, C. Op. cit. p. 61. Também, Carlos Gomes de Oliveira, evidencia a presença de brasileiros: “*As linhas da demarcação depararam com terras do Coronel José Vieira e de Salvador Gomes de Oliveira. Os Fermianos da Silva, os Coutinhos da Rocha, os Cidrais, os Dias, os Borges, os Cercais habitam as margens dos rios Cubatão e Três Barras. (...) Já o coronel Francisco de Oliveira Camacho havia, com os seus homens, entre os quais alguns escravos, transportado em suas canoas, os primeiros imigrantes, das embarcações ancoradas na baía Babitonga, para o seu destino, às margens do Cachoeira. (...) E começaram a aparecer, na vida política do município, os brasileiros de origem lusa. Já na eleição de 1868...*” In: OLIVEIRA, C. G. *Integração*. pp. 114-5. Grifos nossos.

¹⁶ OLIVEIRA, Carlos Gomes de. *Integração: estudos sociais e históricos*; Joinville, Santa Catarina, Brasil. p. 83.

¹⁷ Ibidem. Idem.

¹⁸ Ibidem. p. 88.

ver o progresso que marcava a presença do imigrante europeu - o uso da força motriz a vapor que, decerto, o brasileiro, aqui, não conhecia.”¹⁹ Assim, o pioneirismo do imigrante é ponto fundamental da maioria dos discursos sobre a cidade de Joinville: *“O colonizador de Joinville, pelo menos o que se instalou na primeira década de povoamento foi um bravo. (...) a bravura do imigrante certamente induz à compreensão da rápida evolução a médio prazo que o empreendimento colonizador acabou obtendo”.*²⁰

Demonstrar estas elaborações discursivas é importante para podermos compreender as tensões presentes na formação da cidade. Entendemos que, apesar dos discursos sobre a cidade enaltecerem a harmonia, existiu tensão entre brasileiros e imigrantes. E, podemos observar, por exemplo, através das representações de imagens femininas veiculadas pela imprensa em português, que as mulheres faziam parte (e, às vezes, eram alvos) desta tensão. Neste sentido, alguns jornais locais, além de outras fontes, foram pesquisados²¹, e as notícias dos jornais escritos em português, apesar de

¹⁹ Ibidem. Idem.

²⁰ TERNES, Apolinário. **Joinville, a construção da cidade**. p. 36.

²¹ Para esta pesquisa, analisamos os seguintes jornais da cidade:

Gazeta de Joinville (1877 a 1883). Primeiro jornal impresso em português. No século passado ainda apareceu um outro jornal com o mesmo nome em 1891, circulando até 1893, e declarando-se “fora de partidarismos políticos.”

O Globo (09/03/1884 a 22/06/1884). Posteriormente passou a denominar-se **O Democrata** (13/07/1884 a 05/10/1884), órgão do Partido Liberal.

O Constitucional (27/09/1885 a 21/03/1886), “filiado ao Partido Conservador”.

Folha Livre (23/01/1887 a 03/07/1887), de propriedade de uma associação, “não declara nome de redatores e dizia-se sem política”.

Sul (11/08/1889 a 30/06/1890), “vinculado ao Partido Republicano”.

Também utilizamos alguns artigos do **Kolonie-Zeitung** (Jornal da Colônia), lançado a 20 de dezembro de 1862. O jornal circulou durante 80 anos, sendo de 06/11/1917 a 21/08/1919 sob o título de **Actualidade**, e de 02/09/1941 a 21/05/1942 sob o título de **Correio de Dona Francisca**, quando encerrou suas atividades. Salienta-se que não lemos alemão e, portanto, não nos foi possível fazer uma análise sistemática desta fonte. Todavia, utilizamos algumas notícias deste jornal que já estavam traduzidas, ou ainda, anúncios, que gentilmente foram “procurados” e traduzidos para esta pesquisa por Helena Remina Richlin e Maria Thereza Böbel, tradutoras do Arquivo Histórico de Joinville. Além destes jornais, circulou no século passado em Joinville, segundo o Dr. Plácido Gomes, em artigo sobre a imprensa local, publicado no **Álbum do Centenário de Joinville**, os seguintes jornais: **A União** (1884), **Balão-Correio** (1884), **Neue Kolonie Zeitung** substituído pelo **Reform** (1885), **Volkstaat** (1891), **Comércio de Joinville** (1900).

provavelmente serem lidas por uma minoria daquela população, devem ser relativizadas, seus discursos e suas idealizações não podem ser tomados como características gerais daquela sociedade.²² Segundo Habermas, a imprensa “*institucionalizou contatos permanentes de comunicação*”²³ e através dela surgem notícias. Podemos dizer que essas notícias quando referem-se, especialmente, às mulheres, não podem ser lidas como uma “notícia qualquer”, permeiam os seus textos, normas, códigos e moral. Constróem imagens femininas.

Sabemos que as mulheres circulavam (e circulam) entre o espaço público e privado, que seus papéis não eram absolutos. No entanto, são tratadas como assunto do privado, tematizadas como mãe, esposa e dona de casa. Para elas, o lar. As questões públicas eram assuntos para homens. A imprensa (re) afirma a divisão das esferas pública e privada, aliás, os jornais eram dirigidos por homens. Insistem nesta dualidade, e isso serve para uma ação normatizadora da educação das mulheres, mesmo que os interesses das duas esferas mesclam-se.

Optamos por privilegiar a **Folha Livre** para esta análise, por este jornal dedicar sempre uma coluna “às leitoras”, que sugestivamente chamava-se “Seção Amena”. Além desta seção, a **Folha Livre** trazia sempre anúncios destinados às mulheres, ou na coluna “Anúncios” ou na “Seção Noticiosa”. Ofereciam “véus”, “enxovaes” e “renda

Ver: GOMES, Plácido. A imprensa em Joinville (1863-1950). In: **Álbum Histórico do Centenário de Joinville. 1851-1951**. pp. 49-53.

²² É preciso salientar que a opção em privilegiar os jornais impressos em português para analisar as imagens femininas “construídas” em Joinville no século passado, deu-se, principalmente, por ser esta fonte que mais nos contou das mulheres brasileiras. Já mencionamos, na Introdução deste trabalho, as dificuldades em encontrar indícios sobre as práticas cotidianas destas mulheres. E, ao manusear a documentação do AHJ, desde o início desta pesquisa, foram nos jornais, especialmente na **Folha Livre**, que com mais frequência suas “vozes” ecoaram. No desenrolar do trabalho, após constataremos, através de outras fontes, que algumas prescrições de condutas verificadas em tal imprensa ocorria também em relação às imigrantes, optamos por tecer esta narrativa, pois, são várias as fontes que, mescladas aos jornais em português, nos revelam imagens femininas.

²³ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. p.29.

para vestidos”²⁴. Avisava do baile da semana²⁵ e oferecia uma “boa criada.”²⁶ A coluna “Anúncios” também destinava às leitoras produtos de beleza, como o “pó de arroz, que dá as moças um certo quê inexplicável que as torna mais bonitas, mais simpáticas.”²⁷

É bom lembrar que nem sempre as notícias veiculadas por esses jornais eram frutos dos mesmos. Muitos dos trechos, e às vezes textos inteiros, eram reproduzidos de outros jornais. Contos, extratos de romances, matérias de outros centros compunham as páginas dos jornais joinvilenses. Apesar de suas especificidades, esses jornais estavam atentos às discussões dos grandes centros. No entanto, para entender como as imagens apresentavam-se, as palavras de Joana Maria Pedro, ao analisar os jornais de Desterro, parecem elucidar também o que ocorria na imprensa joinvilense:

*“ Para analisar as imagens, é preciso levar em conta as formas como se apresentavam. Muitas delas apareciam em forma de crônicas, outras eram veiculadas através de notícias. Outras, ainda, eram organizadas sob forma de piadas, provérbios, quadrinhas. E essas variadas formas podiam produzir impactos diferenciados. É importante estar atento a que a notícia, por exemplo, possuía um “conteúdo de verdade”, que tende a criar uma “realidade”. Diferente, pois, do efeito produzido por uma piada, um poema ou ainda, pela opinião formulada em forma de crônica.”*²⁸

Sobre as piadas, forma irônica de expor em público o que se pensa, a “Seção Amena” é rica. Não foi possível uma análise detalhada de quando a notícia é de fato produzida por homens de Joinville, ou quando é apenas cópia. Por isso, partimos da

²⁴ Jornal *Folha Livre*. Joinville, 22/05/1887, n.18. p.4.

²⁵ Idem. 20/02/1887, n.5. p.2.

²⁶ Idem. 08/02/1887, n.3. p.4.

²⁷ Idem. 2/01/1887, n.1. p.4.

²⁸ PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. p.37.

reflexão de que se as veiculavam é porque com elas concordavam, e portanto, tornaram-se responsáveis por essas palavras.

O maior alvo das piadas eram as sogras. Aliás, fato também comprovado em outros centros, com por exemplo, em Desterro.²⁹ A crueldade com que as sogras eram “tratadas” pela **Folha Livre**, em diversos dos seus números, pode ser constatada através do seguinte discurso:

“ Deus não tendo que fazer (o que se dá muitas vezes) agarrou um pouco de barro, fez uma velha feia, desdentada, poz-lhe na bicanca uns óculos de tartaruga, no bolso uma boceta de rapé, um lenço vermelho, um molho de chaves e uma palmatória. Depois como num sopro deu-lhe vida. E a estátua fez-se mulher, a mulher fez-se sogra e a sogra fez-se diabo. E Deus disse-lhe - “Vai ao mundo e acaba com ele”.³⁰

Ao se divulgarem essas piadas, podemos pensar que não foram escolhidas por acaso. Outros temas poderiam ser alvos de tal crueldade. No entanto, as sogras, afinal também são mulheres, eram alvo dos redatores dos jornais. Todavia, seria simplista pensar que apenas o fato de serem sogras possibilitaria a construção dessas imagens. Joana Maria Pedro, no texto “Mulheres do Sul”, demonstra que o fato da sogra ser o alvo dessas piadas vai ao encontro da desqualificação de um tipo anterior de família, onde moravam juntos outros membros, que não só marido, mulher e filhos. Em Desterro, por exemplo, a imagem negativa da sogra, data da década de 80 do século passado, associado a uma urbanização e aburguesamento dessa sociedade, e o surgimento, ou tentativa de implantação da “nova família civilizada”, composta pelo casal e por seus filhos.³¹ Uma família nuclear - pai, mãe e filhos - e não uma família ampliada na qual residem parentes, como a sogra.

²⁹ Ibidem. Idem.

³⁰ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 06/02/1887, n. 3. p. 4.

³¹ PEDRO, J. M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. p. 286.

Um outro aspecto da imprensa local que coincide também com a imprensa de Desterro, é por exemplo, o uso da imagem da mulher como possibilidade de complementação de uma página, espaços que poderiam trazer outras notícias eram costumeiramente ocupados com informações para o público feminino. *“No entanto, a maneira como eram preenchidos estes espaços vazios nas edições refletia as preocupações da sociedade. E, podemos notar, o motivo de inquietação eram as mulheres.”*³²

Analisando a **Folha Livre** percebemos imagens de mulheres idealizadas. Imagens (re)construídas a cada texto, reafirmada a cada novo discurso. Discursos carregados de uma preocupação com a educação feminina voltada para o lar, com o caráter moral que estas deveriam ter. Em um de seus artigos, os autores da “Seção Amena” tecem um longo discurso sobre ser certo ou não as mulheres lerem. As que lêem muito são péssimas casadouras, pensam que sabem tudo, menos *“a confecção de uma omelete, a teoria do pesponto e as maravilhas econômicas do remendo”*³³. Essas “qualidades” são referenciadas com a “tríplice missão da mulher”.

Esse mesmo artigo, trata de diversos aspectos que aos poucos constroem uma “mulher ideal”. Esta mulher deveria, segundo seus idealizadores, ler pouco, ter um *“leve perfume de escravidão”*³⁴, estudar música, ser meiga, não discutir sobre qualquer tema científico, ser frágil, e é claro, cozinhar, pespontar e remendar.

Obviamente, nem todas as mulheres de Joinville do século XIX seguiam à risca este ideal. As suas imagens, normativamente expostas à público, nem sempre, talvez quase nunca, eram real. No entanto, os periódicos, especialmente a **Folha Livre**, reforçava a cada número a imagem da mulher ideal.

³² PEDRO, J. M. **Mulheres honestas e mulheres faladas**. p. 39.

³³ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 01/05/1887, n. 15. p. 3.

³⁴ Idem.

Infelizmente, não podemos ouvir daqueles/as leitoras/as como de fato esses discursos eram interpretados. No entanto, observamos que essa constante necessidade normativa da imprensa deveria ter profundas relações com a sociedade da época. Provavelmente, afirmar o que na prática cotidiana das mulheres não era constante, normatizar as condutas, colocá-las no espaço da esfera privada e acabar com as transgressões. Talvez, na tentativa de que de tanto se falar, o discurso tornar-se-ia verdade.

No entanto, cabe lembrar, que estas imagens fazem parte de um contexto, não podem, portanto, serem analisadas dissociadas do momento em que estão sendo (re)elaboradas. Segundo Joana Maria Pedro: “ *Essa idealização das mulheres em seus papéis familiares é muito semelhante aquelas divulgadas no final do século XVIII e início do século XIX nos grandes centros europeus. Nas cidades do Sul, imagens idealizadas foram frequentes a partir da segunda metade do século XIX, durante a formação das elites nos centro urbanos.*”³⁵

Salienta-se, pois, que os referidos modelos da mulher ideal, não são construções próprias da imprensa joinvilense, já faziam-se presentes no “*imaginário ocidental*”.³⁶ A sociedade joinvilense que se configurava no momento da apresentação do referido modelo feminino, já não era mais de uma típica pequena Colônia. Apesar da maior parte dos joinvilenses residirem na zona rural no fim do século XIX, pode-se observar a constituição de um núcleo urbano.³⁷

Importante para o desenvolvimento econômico da cidade foi a abertura, entre 1856 a 1877, da Estrada Dona Francisca, ou Estrada da Serra, como ficou conhecida,

³⁵ PEDRO, J.M. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, M. (Org.) Op. cit. p. 281.

³⁶ Ibidem. Idem.

³⁷ TERNES, Apolinário. *História econômica de Joinville*. p. 77.

que ligava a cidade com o planalto Norte. Foi através desta estrada que Joinville teve maiores contatos com outros centros, através da comercialização da erva-mate.³⁸

É inegável a importância do comércio da erva-mate para o desenvolvimento da cidade e com o desenvolvimento econômico, o núcleo da cidade foi aos poucos urbanizando-se. E, a partir da década de 70 do século passado, novas necessidades passaram a fazer parte das preocupações locais: *“Começa-se a discutir a urgência de melhorias básicas, tal como o fornecimento de água, implantação do telégrafo, aceleração dos trabalhos da Estrada da Serra, estabelecimento de um serviço de transporte público através de vapores com o porto de São Francisco, além de melhorias imediatas nas condições das estradas e caminhos da colônia, notadamente em seu incipiente ‘perímetro urbano’.”*³⁹

E, mesmo antes de ser elevada a categoria de cidade, o que ocorreu em 1877, Joinville já vinha consolidando seu núcleo urbano, contando com: *“... abrigo e proteção para forasteiros, centro de relações comerciais, de exportação e importação de produtos e serviços, sede das representações do poder, como Juiz de Paz, Câmara e Superintendente Municipal, códigos e leis, Imprensa e Política...”*⁴⁰

³⁸ “A Estrada da Serra foi o grande desafio e ao mesmo tempo o acontecimento que determinou a consolidação da colônia. (...) a partir de 1873 já permitia uma comunicação com o planalto Norte.

A estrada viria representar também a circulação de capitais oriundos dos governos da Província e do Império, a alocação de mão-de-obra, a fixação de novas famílias de colonos, a derrubada da mata e a consequente exploração da madeira, atividade que permitiu a instalação de dezenas de serrarias e um incremento nas relações capital-trabalho na colônia, decorridos dez anos de sua instalação.

Além destes aspectos, a Estrada da Serra permitiria que, a partir de 1880, tivesse início o terceiro grande ciclo econômico de Joinville: a comercialização do mate.” Ibidem. pp. 31-2.

³⁹ TERNES, A. Joinville, a construção da cidade. p. 99.

⁴⁰ Ibidem. pp. 99-100. Ressalta-se que a elite administrativa de Joinville era no decorrer de todo o século XIX majoritariamente composta por imigrantes. E, somente a partir do desenvolvimento econômico proporcionado pela comercialização da erva-mate, que uma nova elite - a brasileira - começou a despontar, a partir da década de 80, do século passado. “... durante o período da Monarquia estiveram à testa da Municipalidade os seguintes senhores: Dr. Adolfo Waltenhoff. Presidente da Câmara desde 1869 a 1872; Frederico Lange, idem, em 1873; Dr. Ottokar Doerffel, idem, de 1874 a 1876; Augusto Stock, idem, de 1877 a 1880; Vitorino de Sousa Bacelar, idem, de 1881 a 1884; Dr. Frederico Bruestlein, de 1885 a 1889. Com o advento da República a administração manteve-se até 1894 com a mesma organização da monarquia, isto é, manteve os Presidentes da Câmara e eles foram Ernesto Canac, Dr. Abdon Batista e João Paulo Schmalz. Em

Assim, segundo Apolinário Ternes, a partir de 1880 começou a se formar um dinâmico núcleo comercial, o que possibilitara, nas décadas seguintes, a industrialização da cidade, abandonando a antiga condição de “colônia agrícola” para tornar-se um centro industrial.⁴¹ No final do século foi criada uma sociedade para o embelezamento da cidade, “ *tendo por fim o aformoseamento de Joinville, especialmente a criação de um jardim público na praça denominada ‘do Mercado’, melhoramentos de outros lugares públicos e preparos de sítios que ofereçam bons golpes de vista.* ”⁴²

É, portanto, neste cenário, que a nova sociedade aos poucos configurava-se. E com esta urbanização aparece também uma elite urbana, composta, não apenas por imigrantes, mas principalmente, por famílias brasileiras relacionadas com o comércio da erva-mate. Neste sentido, a predominância da elite germânica foi, ainda, segundo Apolinário Ternes, “ *...mais cultural que propriamente econômica. Pois, foi a elite luso-brasileira que promoveu a primeira grande acumulação de capital em Joinville*”, não sendo, portanto, os imigrantes a impulsionarem a economia local.⁴³ Raquel S. Thiago, ao estudar sobre o “coronelismo urbano em Joinville”, também destaca a participação das famílias brasileiras na comercialização da erva-mate: “*A economia ervateira desenvolvida por paranaenses e adotada por joinvilenses que logo se*

1895 inicia-se o governo republicano com anomeação dos Superintendentes. Estes foram: Frederico Bruestlein, de 1895 a 1898; Gustavo Adolfo Richlin, de 1899 a 1902; Procopio Gomes de Oliveira, de 1903 a 1906; Oscar A. Schneider, de 1907 a 1910; Procopio Gomes de Oliveira, de 1911 a 1914; Dr. Abdon Batista, de 1915 a 1921; Dr. Marinho de Souza Lobo, de 1922 a 1926; Ulysses Gerson Alves da Costa, de 1927 a 1930.” In: TORRENS, Agenor. Administradores de Joinville. **Álbum Histórico do Centenário de Joinville. 1851-1951**. pp. 75-6. E, ainda, sobre a economia ervateira como base da liderança “luso-brasileira” em Joinville, ver S. THIAGO, Raquel. **Coronelismo urbano em Joinville: o caso de Abdon Baptista**.

⁴¹ TERNES, A. **Joinville, a construção da cidade**. 103.

⁴² **Relatório do ano de 1897, apresentado ao conselho Municipal de Joinville pelo superintendente Frederico Brustlein em 17 de janeiro de 1898**. Typ. Boehm. Joinville. pp. 19-20.

⁴³ TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**. p. 79.

*integraram na sua produção e comercialização, proporcionou a solução de muitos problemas econômicos. (...) em Joinville, dava-se a industrialização, comandada por luso-brasileiros, na maioria, e com mão-de-obra teuto-brasileira.”*⁴⁴

Possivelmente, a **Folha Livre**, ao reforçar as condutas da mulher ideal estivesse sentindo a pressão de uma nova elite - a brasileira - que se constituía, a partir da década de 80 do século passado, neste momento de incipiente urbanização.⁴⁵

Seria então, a essa elite urbana, no seu processo de afastamento do rural e da pobreza, que dirigiam-se as imagens idealizadas femininas dos jornais? Tudo indica que sim. Tais discursos, através da sua linguagem e das suas notícias iam “construindo” o modelo da mulher joinvilense daquele século. Essas imagens são, principalmente, de mulheres urbanas, e destinavam-se a elas, pois, estavam formando uma certa elite.⁴⁶ Possivelmente, esta elite brasileira que aos poucos constituía-se, buscava diferenciar-se por ter ascendido socialmente. Entre os referenciais de diferenciação estava o da mulher dedicada exclusivamente aos papéis de esposa, mãe e dona de casa e não mais, ou pelo menos não tão marcante, o da mulher envolvida com a agricultura e os animais, uma prática, talvez, presente por mais tempo junto às mulheres imigrantes.

O que nos parece é que encontramos nestes modelos femininos tentativas de definir a “família civilizada”. Peter Gay, ao mencionar a “campanha para civilizar” as famílias, em meados do século XIX, demonstra que, tal campanha, através dos séculos, visava tornar a família “*mais cordial e mais gentil*” e que, “*já existiam famílias gentis*

⁴⁴ S. THIAGO, R. Op. cit. pp. 23-31.

⁴⁵ Nos referimos a uma incipiente urbanização porque é somente no final do século passado e primeiras décadas deste que pode-se observar mais nitidamente as características de um processo de urbanização.

⁴⁶ As considerações apresentadas aqui vão de encontro do fato desta elite ser, como mencionou Apolinário Ternes - “lusa”, e portanto, as notícias extraídas de jornais publicados em português são dirigidas, principalmente, às brasileiras. No entanto, ressalta-se que, não foi possível fazer a mesma análise com a imprensa escrita em alemão.

e afetuosas, mas agora” - meados do século XIX - “ seu estilo doméstico era exibido na agenda cultural para servir de paradigma para as demais famílias.”⁴⁷

Esta preocupação, em tornar a família civilizada, discutida por Peter Gay, possibilita-nos pensar nas semelhanças com a “sociedade burguesa” que se constituía em Joinville. Entendemos que a construção da cidade não foi um processo harmonioso e no momento em que esta nova elite brasileira constituía-se, além de demarcar seus espaços em relação aos grupos influentes de imigrantes e descendentes, possivelmente, fazia-se importante reeditar os valores da “civilização”. Neste sentido, os periódicos impressos em português foram importantes divulgadores dos preceitos da família civilizada. Pois, também falavam das virtudes domésticas, especialmente, das virtudes femininas.

Retomando o artigo da **Folha Livre** em que a “mulher ideal” é construída, podemos observar vários aspectos, que referem-se a leitura, a música, a “escravidão feminina” e a meiguice.

Sobre a leitura feminina, o artigo começa dizendo que: “ As senhoras talvez só possuam dois livros: o Dicionario das Flores e o Cozinheiro Imperial; e fazem muito bem: detesto as (...) sabichonas”⁴⁸. E ainda:

“ As mulheres que lêem Proud’home, os romances de Montepin e os sinapismos de Bellot são excellentes pares de cotillon, porém péssimas casadeiras; esquecem a tríplice missão da mulher entre duas páginas de crítica literária. (...) o romance é uma praga que rouba o sono e inocula nas verdes fantasias de quinze anos, milhares de ilusões impossíveis.”⁴⁹

Quanto a estudar música, os autores não o sugerem acreditando na capacidade feminina. Pois, apesar de serem “sensíveis” para a arte, não têm condições orgânicas e

⁴⁷ GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** p. 307.

⁴⁸ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 01/05/1887, n. 15. p. 3.

⁴⁹ Idem.

intelectuais para a execução: *“Uma moça deve ser instruída, mas até certo limite e em vez de viver folheando Gustavo Planche e Girardin, estude música, muita música”*⁵⁰.

Mas:

*“A mulher não tem pelo lado da execução, as aptidões artísticas do homem, mas tem em compensação a meiguice suprema do seu sexo. (...) talvez essas notas não sejam a interpretação fiel e máscula do compositor, mas a fragilidade feminina quando não pode atingir as últimas escalas da arte, sabe repassá-las contudo de um certo que adorável e celeste que inebria.”*⁵¹

Ao nos depararmos com esse artigo, pensamos nas “vozes silenciadas”, nas normas de conduta, que, oficiais ou não, excluía as mulheres das discussões tidas como de “caráter masculino”. Para Gonsalinho e Curuvina, autores do referido artigo: *“(...) causa-me profundo tédio a moçoila que se esganiça num salão, em defesa de um tema científico,...*”⁵²

Sobre a meiguice e a fragilidade, essas são “qualidades” que ratificam a sua condição de inferioridade:

*“A mulher é talvez mais sensível nos primeiros momentos e recebem as impressões com mais facilidade, mas as sensações do homem se prolongam mais e podem, elevando-se num crescendo harmônico, atingir o sublime paroxismo da arte. A compleição feminina é demasiado frágil para essas altas pressões.”*⁵³

Ainda sobre esse tema, o artigo é enfático quanto às possíveis “transgressões”:

“A mulher que a natureza consagrou a um mister sagrado e fatal, tem por esse motivo, a incapacidade orgânica dos extremos do emocionamento e da contenção artísticas. Aquela que conseguisse tudo nesse campo, seria com certeza um hibridismo, um desvio monstruoso,

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem.

⁵² Jornal *Folha Livre*. Joinville, 01/05/1887, n. 15. p. 3.

⁵³ Idem.

*uma mulher-homem, um caso de hermafroditismo psíquico...*⁵⁴

Como vimos, as que fugiam às condutas estabelecidas eram facilmente taxadas de “mulher-homem”. Dessa forma, dissimula-se as diferenças, escamoteia-se as transgressões. Contudo, todas essas “imagens” vão ao encontro de uma premissa básica, para os autores que construíram tal “mulher ideal”, essa devia ser submissa: *“Não sou eu dos que acreditam na igualdade intelectual e sensitiva da mulher e do homem: a primeira conservará sempre o leve perfume de escravidão que a natureza impõe às criaturas inferiores”*⁵⁵.

Ainda sobre a forma como essas imagens idealizadas de mulher eram construídas, não podemos esquecer da beleza, pois, como diz Denise Bernuzzi de Sant’Anna: *“A insistência em associar a feminilidade à beleza não é nova. A idéia de que a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino, atravessa os séculos e as culturas”*⁵⁶.

Temas enaltecendo a feminilidade, relacionando com a beleza e com a moda permeiam os textos dirigidos às mulheres. Assim, as mulheres da “elite” de Joinville deveriam usufruir dos mais modernos tecidos e modelos de vestidos. A renda estava na moda, assim como os cetins, os veludos e as gravatas para as mulheres⁵⁷. As fitas e as flores eram adereços imprescindíveis para os vestidos de baile. Essa moda requintada, de muitas rendas e fitas foi, possivelmente, usada largamente por pequena parcela da

⁵⁴ Idem. Grifos nossos.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: _____ (org.) *Políticas do corpo*. p.121.

⁵⁷ *Jornal Folha Livre*. Joinville, 23/01/1887, n.1. p.4 e 22/05/1887, n. 18. p. 4.

população, as mulheres da elite urbana, tanto imigrantes como brasileiras, pois, não eram trajas adequados para os trabalhos da Colônia.

Para as mulheres destinavam-se, também, os contos, os romances e as “amenidades” dos folhetins. É claro que tudo muito bem dosado, se lessem muito esqueceriam da sua “missão”. Os artigos versavam, timidamente aos nossos olhos, sobre amores bonitos e puros, confissões e vozes “macias”. Os preceitos morais permeavam as histórias e os comportamentos eram prescritos.

Um dos exemplos nos é dado por um conto intitulado “O Bilhete”. A história passa-se quando Idalina descobre, através de um bilhete, que seu amado, e marido há poucas semanas, tinha “outra” e com esta uma filha. A história é rica em detalhes e parece-nos interessante transcrever alguns trechos para demonstrarmos as suas especificidades:

“ - A sra. sabe que nunca menti. Revelou-se um segredo do meu tempo de solteiro. O que quer? O homem é assim!(...) - Foi ela que morreu... talvez de amor... - Lhe tinhas abandonado? - Sim, por ti; mas não lhe faltaram os recursos. - Perdoas-me? - perguntou ela. - E tua filhinha, Leon? (...) peço-te a menina...”⁵⁸

Importa observar que este é um exemplo da “bondade feminina”. Uma mulher bondosa - e submissa, aliás, esta era a mulher ideal - que não deveria interessar-se pela vida pregressa do marido. Afinal, “o homem é assim”. Não deveria tampouco, criticar esse marido pelos seus atos. Ele abandonou a outra, que “morreu de tristeza”, mas ficou com a “esposa” e esta ainda pede-lhe perdão por ter descoberto a verdade. E, coroando a maior das virtudes, a bondosa mulher toma para si a filha do marido com a outra, cria a menina como sua própria filha e assim “viveram felizes para sempre”. Talvez esteja aí

⁵⁸ _Jornal Folha Livre. Joinville, 12/06/1887, n. 21. p. 3-4.

o maior preceito dessa história: para que um casal viva feliz para sempre a esposa deve seguir o modelo de Idalina.

De qualquer forma, quer pelos folhetins ou pelos contos publicados na imprensa, o que permeava as “notícias para as mulheres” eram os códigos construídos de uma boa mulher: a imagem que elas deveriam refletir.

Ainda sobre as imagens femininas, os jornais além de prescrições morais, constituíam-se enquanto “formadores de opinião pública”. As “amenidades” tinham também uma função pedagógica, mostrar para as mulheres como estas deveriam (re) construir suas condutas.

Quanto às vozes femininas na imprensa, poucas apareceram. Contudo, não podemos ter certeza de que realmente textos com nomes femininos foram de fato escritos por mulheres. Analisando todos esses discursos, desde os anúncios de beleza até as qualidades femininas, parece-nos oportuno retomar algumas indagações sobre as perspectivas da imprensa local. Será que as mulheres joinvilenses correspondiam a estas mulheres urbanas idealizadas pela **Folha Livre**?

Falamos de mulheres urbanas idealizadas por entendermos haver uma distância muito grande entre a imagem construída pela imprensa de uma mulher ideal e a realidade da Colônia Dona Francisca. Salienta-se que dos 19.000 habitantes que Joinville tinha no último ano do século XIX, apenas 3.000 residiam na cidade⁵⁹. Neste sentido, as rendas, o pó-de-arroz, os bailes, a leitura, enfim, os códigos de condutas sugeridos pelos jornais eram destinados, prioritariamente, às mulheres urbanas, pois não combinavam com a “lida diária”.

⁵⁹ GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. **O exercício da arte de curar: o hospital de São José de Joinville: 1852-1952**. São Paulo, 1992. Tese. (Doutorado em História) USP. p. 31.

Quantas e quais liam a “Secção Amena”? E as que liam, será que concordavam? Infelizmente, “(...) *somente se pode saber o que era publicado, e não como era lido e entendido pelos/as leitores/as*”⁶⁰. Por outro lado, novos sujeitos sociais, homens e mulheres, talvez foram construídos a partir desses novos códigos. Talvez, ainda, essas “notícias para mulheres”, sejam apenas representações daquela sociedade. E as representações são importantes para entendermos aquele grupo, os seus valores, os seus poderes, as sua práticas.

Ainda no plano das representações, Roger Chartier nos lembra que nem sempre os textos são eficientes em prescrever condutas, embora alguns textos objetivem condutas consideradas legítimas e úteis⁶¹.

Assim, analisar as diversificadas “notícias”, assim como buscar compreender as imagens idealizadas de mulheres, tem como interesse desvendar algumas das representações daquela sociedade. As diferentes imagens femininas, especialmente sobre as brasileiras, contidas em também diferentes impressos, escritos e dirigidos por homens, nos permitem algumas leituras. Leituras e interpretações tímidas perante um assunto que abre tantas possibilidades. Procuramos, ao trazer essas notícias, refletir sobre as possíveis leituras que estas sugerem. Obviamente não temos como analisar a recepção dessas notícias pelos/as seus/suas leitores/as, contudo, as imagens apresentadas de “mulher ideal” podem suscitar algumas especificidades da Joinville do século passado. Tentar desvendar as relações entre os gêneros naquela sociedade é apenas uma das formas de dar visibilidade às joinvilenses. Possivelmente, as “notícias” podem ser entendidas na perspectiva apontada por Hannah Arendt ao evidenciar o significado das esferas pública e privada, de que “... *há coisas que devem ser ocultadas*

⁶⁰ PEDRO, J. M. *Mulheres honestas e mulheres faladas*. p. 37.

⁶¹ CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. p. 135-6.

e outras que necessitam ser expostas em público para que possam adquirir alguma forma de existência."⁶²

É, pois, a (re)construção destes espaços, públicos e privados⁶³, em Joinville, no século passado, que possibilita-nos pensar nas suas especificidades, onde há uma elite econômica sobrepondo-se a uma elite cultural - mas que convivem no espaço público, segundo os discursos sobre a cidade - em harmonia. Ao descortinarmos algumas imagens femininas, nos deparamos com alguns indícios de preconceitos entre imigrantes e brasileiros/as. Indícios que nos levam a relativizar tal harmonia, talvez originados da maior participação de brasileiros no cotidiano econômico e político da cidade, mas ainda submersos pelos discursos de cidade germânica. De qualquer forma, desvendam-se no público, e apontam, para uma outra teia de relações cotidianas.

Vivências nuançadas pelas diferenças entre brasileiros e imigrantes em relação, por exemplo, na participação da sociedade nos mais diversos eventos. Em 1890 a cidade comemorou festivamente o aniversário da República Brasileira:

" A comemoração do dia 15 de novembro: A população joinvilense é de tendência por demais republicana para que se pudesse pensar que deixaria passar o aniversário da República sem festas.(...) Depois do café da manhã começou o trabalho: era um tal de martelar e bater, faixas verdes e coloridas foram apostas às casas, mastros foram erguidos e logo de quase todas as casas flutuavam flâmulas e bandeiras, nas cores do Brasil e da Alemanha. Os alemães, por melhores cidadãos brasileiros e republicanos que sejam, jamais negarão sua pátria. (...)

⁶² ARENDT, Hannah. *A condição humana*. p. 84.

⁶³ Ao nos referirmos a esta imagens veiculadas em público, parece-nos oportuna, as palavras de Maria Izilda Santos de Matos, ao tentar "recuperar" a dinâmica entre estes dois espaços, que são elementos social, cultural e historicamente redefinidos. Segundo ela:

*" O público, cada vez mais voraz, estende seus tentáculos no domínio das intimidades; o privado, posto na defensiva, fortifica laços particulares de convívio. (...) Os conceitos, sentidos e práticas do público e do privado, seja quanto a espaço, ação ou propriedade, não são universais nem estáveis. O processo de construção e de segmentação do público/privado carrega na sua trajetória inter-relações desenvolvidas através de um discurso legitimador que vem atrelado desde a origem a um ocultamento de toda uma tensão e indefinição entre esses aspectos." Ver: MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público ao privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930) In: *Cadernos Pagu*. (4) 1995. p. 101.*

Levaria muito longe mencionar todas as casas que se destacaram pela iluminação, de admirável bom gosto. Foram muitas, foram inúmeras. Principalmente cidadãos de origem alemã se esmeram nisto."⁶⁴

O anúncio acima, vem ao encontro dos estudos de Giralda Seyferth, sobre o nacionalismo alemão no Vale do Itajaí. Segundo esta autora, o nacionalismo alemão é característica fundamental da ideologia e modo de ser do teuto-brasileiro. Através de uma expressão, bastante ambígua: "*ser brasileiro e permanecer alemão*", a autora explica como este grupo étnico entende sua "condição de brasileiro"⁶⁵: "*A questão da identidade étnica teuto-brasileira pode ser resumida pela expressão *Deutschtum* (...) como o ponto crucial de uma ideologia nacionalista que coloca o direito de sangue como determinante da nacionalidade acima do Estado e da cidadania.*"⁶⁶

A germanidade é então, o que assegura a sobrevivência do grupo étnico teuto-brasileiro. A imprensa teuto-brasileira era, portanto, elemento fundamental como fonte de informações acerca da ideologia do *Deutschtum* e por extensão do nacionalismo alemão.⁶⁷ Neste sentido, a autora adverte que esta imprensa não pode ser negligenciada, e faz um estudo sobre o nacionalismo alemão, a partir da imprensa teuto-brasileira do Vale do Itajaí. Quanto às publicações, o vale do Itajaí contou com cinco jornais em língua alemã entre 1881 e 1941, com uma breve interrupção entre 1917 e 1919. São eles: **Blumenauer Zeitung**, **Immigrant**, **Der Urwaldsbote**, **Brusquer Zeitung** e **Rundschau**. No entanto, apesar de ser de Joinville, criado em 1862, o **Kolonie Zeitung** também teve grande penetração na região do vale do Itajaí.⁶⁸

⁶⁴ Kolonie Zeitung. Joinville, 18/11/1890. In: Curiosidades do Kolonie-Zeitung. Tradução: Maria Thereza Böbel. Boletim do AHJ. V.2, Nº 1 e 2, out.dez./1984. Mimeo. pp. 12-3.

⁶⁵ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. pp. 73-4.

⁶⁶ Ibidem. p. 49.

⁶⁷ Ibidem. Idem.

⁶⁸ Ibidem. Idem.

É notável a importância desses jornais para a comunidade teuto-brasileira. No caso da zona rural, diferente da zona urbana, onde em maior número os teuto-brasileiros eram bilíngues, os colonos praticamente só falavam alemão. Outro aspecto relevante é que “ (...) *quase todos eles mantinham um suplemento literário e/ou um suplemento com informações sobre agricultura.*”⁶⁹

Quanto aos objetivos desses jornais, penso que podemos utilizar a análise que a autora faz sobre o **Brusquer Zeitung** e o **Rundschau** para também exemplificar os outros: “ *Definiam como seus objetivos mais importantes: manter vivo o germanismo e defender os interesses da comunidade teuto-brasileira do vale do Itajaí-mirim.*”⁷⁰

Compreender a ambiguidade de “*ser brasileiro e permanecer alemão*”, é importante para quem utiliza a imprensa teuto-brasileira, e no caso deste trabalho o *Kolonie Zeitung*, também foi utilizado como fonte de pesquisa.⁷¹

Todavia, voltando às comemorações de 15/11/1890, verificamos além das festividades, um “preconceito” dos imigrantes e descendentes com a forma dos brasileiros “comemorarem”:

“ ... desagrada-nos sobremaneira que muitos cidadãos de origem brasileira, e principalmente, organizadores da festa, e pessoas que gabam seu “Patriotismo” e que olham com desprezo para os “alemães”, não tenham enfeitado ou iluminado suas casas. Não podemos deixar de censurar profundamente tal atitude!”⁷²

⁶⁹ Ibidem. p. 53.

⁷⁰ Ibidem. Idem.

⁷¹ É bom lembrar que não fizemos um estudo sistemático desta fonte, mas, a partir das informações traduzidas que utilizamos podemos também visualizar este “dualismo político nacional”.

⁷² *Kolonie Zeitung*. Joinville, 18/11/1890. Curiosidades do *Kolonie-Zeitung*. Tradução: Maria Thereza Böbel. In: **Boletim do AHJ**. V.2, Nº 1 e 2, out.dez./1984. Mimeo. pp. 12-3.

São nestas sociabilidades que a cultura é (re)significada, por homens e mulheres, enquanto reprodutores culturais. A crítica dos imigrantes em relação aos brasileiros, pode ser verificada a partir de estudos sobre identidade. Giralda Seyferth, diz que: “ *A preservação da identidade étnica tem como corolário a preservação de um modo de vida específico, situado acima das clivagens de classes, religiosas e regionais. (...) A etnicidade, enquanto sistema de símbolos étnicos que criam uma consciência coletiva, é basicamente situacional, (...) e termos como ‘identidade’ ou ‘grupo’ implicam na manutenção da distintividade através de limites que definem a condição de membro.*”⁷³ É, pois, este caráter de distintividade que permeia a identidade do imigrante, que o possibilita censurar o diferente. Censura pautada na sua noção de nação e valorização do que é patriotismo, decorrente do que Giralda Seyferth chama de “*dupla identidade afirmando a cidadania.*” Um patriotismo, frente a uma nação, que extrapola os limites territoriais, os povos e os governos, mas são também, como infere Jean Franco, “ *‘imaginadas’, isto é, elas articulam sentidos, criam narrativas exemplares e sistemas simbólicos que garantem a lealdade e o sacrifício de diversos indivíduos.*”⁷⁴

Essas nações que “articulam sentidos”, como diz Jean Franco, somadas a “dupla identidade do imigrante afirmando a cidadania”, como verifica Giralda Seyferth, nos possibilita inferir que a importância atribuída às comemorações oficiais pelos teuto-brasileiros, são, possivelmente, reprodução de suas práticas culturais, bem como, uma forma de “proteção” nas relações em uma cultura diferente, mesmo sendo maioria em relação aos brasileiros.

⁷³ SEYFERT, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. (Orgs.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. pp. 24-6.

⁷⁴ FRANCO, Jean. Sentido e sensualidade: notas sobre a formação nacional. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (Org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. p. 99.

Sobre a tensão entre brasileiros e imigrantes, algumas notícias de jornais demonstram que houve disputa (e desqualificação) entre estes grupos, e que as mulheres eram, às vezes, temas centrais desta questão. De maneira sarcástica, Gonsalinho e Curuvina, da **Folha Livre**, algumas vezes escreviam sobre as diferenças entre brasileiros/as e imigrantes. Ao comentar sobre detalhes de um dos bailes que aconteceu na cidade, em 1887, disseram que:

“Como deve ser estúpido ver uma miss de cabelos cor de manteiga e olhos esverdinhados arranhando uma guitarrilha atrás de uma rotula!

E uma alemã executando ao piano os nossos tangos repincados!

E uma camponesa dos Alpes suíços pitando um delgado cigarrilho espanhol, em vez de chupar o seu tosco cachimbo de pinho !... ”⁷⁵

Em outro artigo, no mesmo jornal, em artigo intitulado “ De binóculo”, estabelecem as diferenças entre os casais de namorados brasileiros e imigrantes:

“ Em noites luarentes eles costumavam sentar-se a sombra das acácias,(...)

E em que prosavam? Em coisas corriqueiras. Amavam-se placidamente, como as flores e as plantas, sem uma palavra de amor, sem um olhar, um aperto prolongado de mãos, sem um beijo, sem nada!

Se eles tivessem nascido sob as influências profundamente eróticas dos climas tropicais, era evidente uma explosão, mais dia menos dia; porém nasceram lá na pátria, lá em cima, como eles dizem, sob um sol sem calor, ao pé de uma natureza sem seiva e moribunda, lá na velha Germania (...)

Por isso a mamã, a boa mamã gorda deixava-os prosear sob as poéticas acácias, em noites luarentes, sem nada receiar pelas alvas florinhas simbólicas.

E tinha razão em não inquietar-se: se eles, em vez de arrulhar como dois pombinhos, levavam as vezes horas e horas a falar em colheitas de batatas e nos eclipses da lua!

(...)casaram-se. Foram felizes e tiveram filhos, muitos filhos, d’olhos esverdinhados e cabelos cor de algodão em rama, berrões e robustos - uns Hércules

⁷⁵ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 17/04/1887, nº 13, p. 4.

diminutivos que devoravam enormes fatias de brôa com torresmos à soleira da porta...”⁷⁶

Além de desqualificar o “outro”, este artigo contrasta singularidades com nuances de preconceito. Evidencia o “não-dito”, através de sinais que salientam conflitos. Ao satirizar o diferente - “cabelos cor de manteiga”, “cabelos cor de algodão em rama”, “que comiam broas com torresmos”, “que só falavam de batatas” - construíam também vários estereótipos em relação às mulheres alemãs.

Salienta-se, no entanto, que exemplos como estes são apenas alguns indícios das diferenças. Contudo, divergências entre brasileiros/as e imigrantes, parecem ter - mais do que a historiografia local nos conta - feito parte também do cotidiano de Joinville. Exemplo destes conflitos é o fato narrado pelo jornal **Der Urwaldsbote**, em 1908.

“ O caso Kulack tomou agora em Joinville um aspecto mais grave. Como é conhecido o alemão Kulack dinamitou uma pequena ponte de ferro que foi construída em seu terreno pela Companhia Ferroviária São- Paulo Rio Grande do Sul, ramal São Francisco-Iguassu esta terra não foi paga pela Companhia como anteriormente combinado com o senhor Kulack. Este senhor foi preso, processado e liberado. Na ocasião da prisão e também da cadeia foi maltratado e pediu assim a intervenção do governo alemão. O caso está nos tribunais na Alemanha e para maiores esclarecimentos o senhor Kulack viajou para aquele país e em companhia do Professor Max Stein.

Há pouco os dois regressaram da Alemanha. Em São Francisco os dois embarcaram num Vapor Fluvial que os levou para Joinville. Aqui foram recebidos no cais por uma multidão revoltada e que aos gritos cairam por cima dos dois arrastando-os pelo cais ameaçando-os. Ajoelhados tiveram que beijar a bandeira nacional. Então Stein foi forçado a carregá-lo até o “Club Joinville” e Kulack tinha que gritar sempre Viva o Brasil. (...) Esta manifestação já beira um abuso patriótico e temos certeza que não foi espontâneo, mas o povo instigado a isto.”⁷⁷

⁷⁶ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 12/06/1887, nº 21, p. 3.

⁷⁷ Jornal **Der Urwaldsbote**. 02/12/1908. Tradução Edith S. Eimer. In: **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXVI. Outubro de 1985, nº 10. pp. 302-3.

Comportamentos espontâneos ou instigados por “alguém” ? O mesmo jornal, alguns dias depois, aponta alguns culpados: “ *As autoridades em Joinville procuram os culpados, mas o que não deverá ser fácil, pois são apontados como instigadores do acontecido um genro e um filho do Vice-Governador Dr. Abdon Batista.*”⁷⁸ As consequências deste fato, bem como a autenticidade destas acusações, não constituíram-se para nós em objeto de análise. No entanto, se estamos abordando as diferenças, fatos como estes as trazem à tona, pois, as notícias do “caso Kulack” apontam, além de um conflito étnico, a “participação” de um influente político local, integrante da elite brasileira.

Passagens como esta sugerem algumas pistas... E, das singularidades de cada grupo étnico, vários são os aspectos ressaltados na construção de um modelo feminino. O jornal **Gazeta de Joinville**, ao escrever sobre a obra do jornalista joinvilense Crispim Mira, publicada em 1906 e intitulada **Município de Joinville**, transcreveu alguns fragmentos do trabalho do autor, entre eles o “amor ao trabalho e a elegância feminina”:

“ E é com verdadeiro encanto que se aprecia a elegância singela das modestas filhas de Joinville, tão sensíveis, quão belas e virtuosas. O amor do trabalho fez-se um dogma inviolável, ao supordes uma criada a elegante senhorita, filha de pais abastados, que vos aparece de braços arregaçados, entregue aos misteres do lar, ou de regador em punho, orvalhando flores.

*E, depois, quando a tarde vem caindo, na tranquilidade imponente das coisas solenes, vós a vereis, de vestido branco e flores à cabeça, sob a luz mansa do sol que se despede...”*⁷⁹

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ MENDONÇA, Curvêllo de. Uma jóia brasileira. Jornal **Gazeta de Joinville**. Joinville, 20/04/1907. nº 105.

É, segundo o autor, o amor ao trabalho uma das grandes virtudes femininas, ratificando, assim, o modelo da boa mulher - “*aquela entregue aos misteres do lar.*” Todavia, a imprensa, também nos conta de outras mulheres, de outras histórias... Em 1869, o Sr. Heinrich, veio a público, através da imprensa, comunicar que foi abandonado por sua mulher:

“ *Anúncios: Eu, Heinrich Schmitz, residente em Annaburgo, comunico através deste que minha mulher fugiu, sem meu conhecimento e autorização, e que caso não volte dentro de 8 dias, não a aceitarei de volta, nem pagarei nada a quem lhe emprestar alguma coisa.*”⁸⁰

Este anúncio, evidencia as relações de poder do marido sobre a sua mulher, na medida que além de dar um prazo para que ela retorne, comunica também que não pagará nada a quem ajudá-la. Mas, também evidencia transgressões, algumas ousaram abandonar uma relação que moralmente deveria durar a vida toda. Ironicamente, a mesma imprensa que noticiava separações, anunciava também “propostas de casamento”:

“ *Um jovem senhor, culto, nos melhores anos, com rendimentos bons e seguros, ao qual falta conhecer moças, procura uma companheira para a vida, com idade entre 16 e 24 anos. A mesma deve, além de possuir boa cultura e aparência agradável, ter todas as qualidades de uma boa dona de casa e ter bom caráter. Ofertas, acompanhadas de fotografia podem ser enviadas ao Sr. J.H.Auler em Dona Francisca, sob o código A.B. Garante-se maior discrição.*”⁸¹

Demonstrar seus atrativos para causar boa impressão, como ser culto e com situação econômica estável, dão à tônica a este tipo de anúncios. Ressalta-se que, no anúncio acima, ele não diz que é de aparência agradável, mas quer uma mulher assim.

⁸⁰ Jornal *Kolonie-Zeitung*. Joinville, 06/02/1869, nº 6, p. 24.

⁸¹ Jornal *Kolonie-Zeitung*. Joinville, 26/12/1868, nº 52.

A imprensa traz à público temas do privado, como a separação de um casal, por exemplo. Mas, ao mesmo tempo, apresenta delimitações de papéis sociais, de espaços masculinos e femininos, ratificando o modelo de boa mulher - mãe/esposa/dona de casa. Convém lembrar, que estas delimitações de espaços apresentadas também na imprensa, podem ser verificadas nos mais diversos espaços, como por exemplo, nas escolas. Em Joinville, no século passado, várias escolas, principalmente mantidas pela comunidade, voltaram-se para a educação das crianças. Em 1887, o Colégio Cezarino noticiava que abria um curso primário para meninas⁸² e Maria Clara de Miranda Oliveira também abriu um colégio voltado para a educação feminina.⁸³

Vários estudos vem demonstrado o quanto a educação das meninas era secundária em relação a educação dos meninos. Maria Lúcia Rocha-Coutinho, analisando a educação feminina no Brasil no século XIX, observa que a educação feminina permaneceu por muito tempo “atrasada com relação à dos meninos”. Segundo esta autora, “ *Uma vez que a ela era destinado o papel de mãe e esposa, a menina tinha acesso quase que unicamente ao ensino elementar. (...) Lentamente, a idéia de escolarização para meninas foi-se acrescentando a idéia mais antiga de educação doméstica, embora não se oferecesse ainda uma educação idêntica àquela ministrada aos meninos...* ”⁸⁴ Salienta-se, no entanto, que em Joinville, há registros sobre a educação feminina, desde do início da colonização. É claro, que com muitas atividades manuais. Também, Etelvina Trindade, ao falar que os trabalhos manuais domésticos faziam parte dos programas escolares para as alunas, ao estudar sobre a educação

⁸² Jornal *Folha Livre*. Joinville, 23/01/1887, nº 1, p. 3.

⁸³ Jornal *Kolonie- Zeitung*. Joinville, 28/05/1889. Curiosidades do *Kolonie-Zeitung*. Tradução: Maria Thereza Böbel. In: *Boletim do AHJ*. vol. 1, nº 6, ago/1984. mimeo. p. 5.

⁸⁴ ROCHA-COUTINHO. Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. pp. 79-80.

feminina em Curitiba, durante a Primeira República, alerta para o fato que tais trabalhos manuais inseridos nos programas, eram “... o único indício claro de uma filosofia educacional particularmente dirigida à mulher.”⁸⁵

Em Joinville, o Colégio da Professora Maria Clara de Miranda Oliveira, ao que tudo indica, ensinava para as meninas principalmente os trabalhos manuais.⁸⁶ No entanto, aprendendo em casa ou na escola, os espaços para meninas e meninos eram distintos, convém lembrar que, estas separações são constituidoras dos gêneros. E, como infere Michelle Perrot, ao analisar o público, o privado e os poderes das mulheres: “O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes.”⁸⁷

⁸⁵ TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotides ou Marias**: mulheres de Curitiba na Primeira República. p. 24.

⁸⁶ Jornal Kolonie-Zeitung. Joinville, 28/05/1889. In: Curiosidades do Kolonie-Zeitung. Tradução: Maria Thereza Böbel. **Boletim do AHJ**. Vol. 1, nº 6, ago/1984. mimeo p. 5.

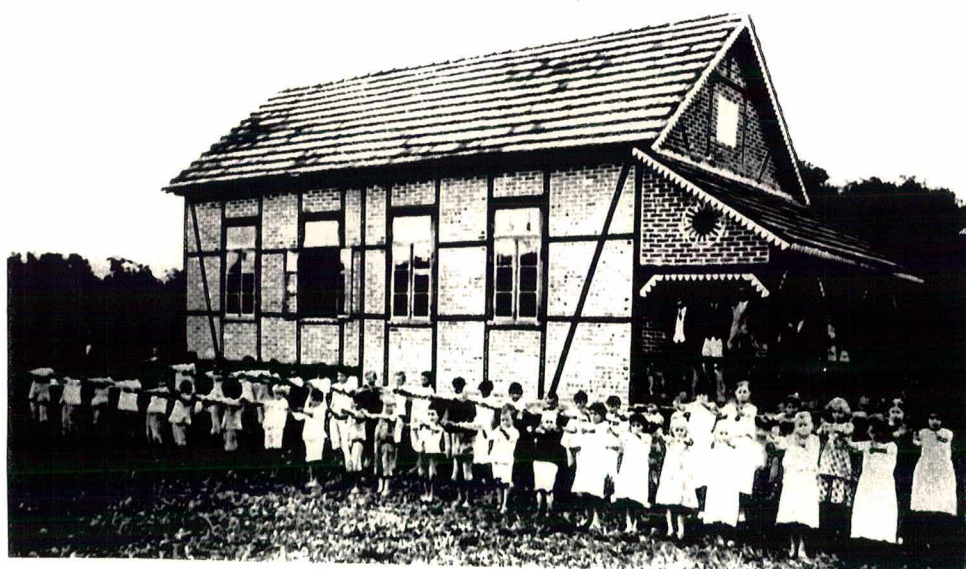
⁸⁷ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. p. 178.



"Escola localizada na Estrada Dona Francisca". Época: final do século XIX. (Acervo:AHJ)

Uma
fotografia,
de uma
escola do
final do
século XIX,
localizada na
Estrada
Dona

Francisca, mostra-nos claramente as "divisões dos espaços". Embora, a mesma escola "abrigasse" meninos e meninas, suas atividades provavelmente eram distintas, e ao serem fotografados aqueles alunos/as com seu professor, o Sr. August Kluewer, demonstram tal divisão: vemos as meninas brincando de roda e do outro lado da cerca, os meninos posando junto ao professor. Detalhes que revelam as divisões daquele espaço...



"Escola Cononial de Joinville". (Acervo:AHJ)

Fotografias
sempre nos
indicam
algumas
leituras,
algumas
interpreta-
ções. Uma
outra foto,

neste caso sem data, mas provavelmente de um período próximo, mostra-nos os alunos

e alunas da Escola Colonial de Joinville, formados para a chamada “Ginástica Sueca”. Enfileirados, meninos à esquerda e meninas à direita, sob os atentos olhares, possivelmente dos professores e da Diretoria da escola, nos contam deste espaço, misto, mas, segregado ao mesmo tempo. No entanto, são diversas as fontes que nos possibilitam verificar os discursos que estabelecem os espaços femininos e masculinos, e que apresentam o modelo a ser seguido. Como por exemplo, a da mulher fiel e terna, demonstrado por Alfred, ao escrever uma poesia para sua mulher, Lilly Tiede:

“ Perguntei ao sol: Fala! O que é o amor?

Ele não me deu resposta, só luz dourada.

Perguntei à flor: Fala! O que é o amor?

Ela me deu perfume, mas a resposta não.

Perguntei ao Eterno: Fala! O que é o amor?

É algo sério, sagrado? É doce namorico?

Deus me deu então uma mulher, fiel e terna,

E nunca mais perguntei o que era o amor.

Para minha amada esposa,

Alfred. ”⁸⁸

No caso das fontes referentes às imigrantes, é significativa a análise de um livro, talvez trazido na bagagem de uma imigrante e que, mesmo não tendo sido lido por muitas mulheres, reflete algumas normas de comportamento, presentes na sua antiga pátria e que, possivelmente, “permaneceram” na nova cidade. Trata-se de **A fein’s benehma** (Boas maneiras), um livrinho que dá conselhos de boas maneiras, em forma de poesias, para as adolescentes. Os conselhos apresentados neste livro fazem referência ao comportamento feminino nas mais diversas situações, por exemplo, como se portar na rua, no baile, em uma conversa, com as criadas, etc. A poesia “Visita de

⁸⁸ Poesia escrita por Alfred Tiede para Lilly Tiede. Joinville, 5 de agosto de 1899. Acervo pessoal de Maria Thereza Böbel. Tradução: Maria Thereza Böbel.

café”, além de valorizar as prendas domésticas, critica os passeios femininos, especialmente aqueles que possibilitam um “falatório feminino”:

*“ Você deve ler sobre vários assuntos
Também pode pintar, às vezes, ou bordar,
Mas o melhor seria mesmo
Se você pudesse remendar meias!
Costurar vestidos, saber cozinhar,
Isto vale muito mais
Do que ir aos cafés-lanches,
Onde não se escuta nada de bom.
Veja, o pior para mim é sempre
Um destes tais lanches!
Uma mesa cheia de mulheres -
Jesus, que falatório!
Nenhuma deixa a outra falar,
Todas conversam ou gritam;
Cada uma quer ser a mais bela,
Morrem de inveja uma das outras.
Por isso digo, deixe disso,
Fique em casa, junto ao fogão;
Aprenda bem a cozinhar, a assar,
Pois isto tem muito mais valor!”⁸⁹*

A valorização das prendas domésticas, atributos indispensáveis na formação de uma boa esposa e dona de casa, dão a tônica a todos os “conselhos” do referido livro. Ao ensinar a jovem alemã a se portar, a obra explica como proceder no espaço privado e no público. “ Em casa”, a mulher deve ser ágil, trabalhadora, rápida e prendada - o tempo não pode ser desperdiçado:

*“ Assim que seus irmão tenham saído,
Não perca tempo,
Guarde as roupas,
Arrume os quartos,
Vá para a cozinha e
Veja o que há mais a fazer -
Para saber cozinhar bem,
São necessárias muitas semanas;
Por isso, ajude as criadas,
Faça o assado, os bolinhos
cozinhe os legumes e asse o bolo;*

⁸⁹ “ Visita de café”. HENLE, M. *A fein's Benehma*. (Boas maneiras) Tradução: Maria Thereza Böbel. p. 39.

*Deixe-me experimentar -
E caso eu aprove,
Então está realmente gostoso!
Mas se você tiver tempo,
Apronte-se;
Deve fazer visitas
E providenciar as coisas
Para a cozinha e a casa.
Venha, vamos sair.”⁹⁰*

Já, “na rua”, discreta e educada:

*“Menina, diga-me, onde você está?
Menina, diga-me, o que está fazendo?
Escute, minha filha,
Seja um pouco mais ligeira,
Você deve se aprontar depressa -
Se não, saio sozinha!
Olha só a menina!
Parada em frente ao espelho.
Não pará de se olhar.
Olha, isto não deve acontecer
Você perde muito tempo
Com a vaidade! -
Finalmente, estamos na rua -
Mas o que é isso?
Não olhe para trás,
Veja, eu não gostaria disso!
Ande, não fica bem,
Isto é ser coquete!
Se um cavalheiro tirar o chapéu
Você deve sempre agradecer;
Mas não faça mesura -
Pois isto não fica bem.
Cumprimente com a cabeça,
Com muita elegância -
Vá sempre para o lado esquerdo
Quando for ao encontro de pessoas mais velhas.
Não ria alto;
Para não chamar a atenção
Não levante a voz
De modo que todas a olhem
Quando quiser entrar num local,
Preste bem atenção
Deixe-me sempre entrar primeiro,
Pois este é o meu direito!”⁹¹*

⁹⁰ “Em casa”. HENLE, M. A fein’s Benehma. p. 7.

Elegante, porém, não vaidosa, pois isso não deve acontecer - mulheres vaidosas perdem tempo. Estes exemplos, ratificam as construções acerca do modelo feminino a ser seguido. No entanto, outras mulheres foram apresentando-se no espaço público, cobrando seus direitos, mostrando suas experiências. Como, por exemplo, Ritha Gomes de Oliveira, filha de João Gomes de Oliveira e Rosa Leocadia Machado Gomes de Oliveira, que em 1892 entrou com uma ação de emancipação. Com o falecimento do pai, Ritha, tendo 19 anos, e pertencendo a elite local, entendeu que deveria “*administrar a sua pessoa*”.⁹²

O processo de Ritha, contou com o testemunho de quatro homens, entre eles o Sr. Abdon Batista, político importante da história local, ligado ao comércio da erva-mate. Este, ao testemunhar disse que: “... *conhece a justificante a quem reputa com a precisa capacidade, para reger a sua pessoa e bens, e tanto que já em vida do pai o auxiliava em seus negócios. (...) Disse que a justificante é comedida em todos os seus atos (...) é pessoa circunspecta e capaz de dirigir sua pessoa e bens sem a tutela de pessoa alguma, tanto quanto é dado uma mulher fazê-la.*”⁹³

Fizeram parte também, das informações sobre Ritha, frases como: “... *que é ativa, diligente e amiga do trabalho; sendo certo que não é desperdiçada e é bastante comedida no trajar. (...) que é como todos os membros de sua família, econômica e trabalhadeira...*”⁹⁴

⁹¹ “ Na rua”. HENLE,M. A *fein's Benehma*. p. 9.

⁹² AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Emancipação com suplemento de idade.** D. Ritha Gomes d'Oliveira, Comarca de Joinville, 1892. p. 2.

⁹³ Idem. pp. 7,7v.

⁹⁴ Idem. pp. 7v,8.

O fato de Ritha pertencer a uma certa elite, e das testemunhas só a elogiarem, pois - *não desperdiçava e era econômica e “trabalhadeira”* - possibilitaram a aprovação de sua emancipação, haja vista que foi julgada que tinha “*capacidade para reger sua pessoa e bens.*”⁹⁵

Mas, se algumas mulheres ousaram, ao procurar provar suas capacidades e sua independência em relação à família, outras encontraram dificuldades ao tentar encaminhar sozinhas suas atitudes. Quando Carlos Forster faleceu, deixando três filhos, a viúva Guilhermina deu entrada no “*inventário dos bens do seu extinto casal*”⁹⁶ Ao fazê-lo, teve que descrever todos os bens do casal, que constavam de móveis, animais, arreios para carro, um terreno, uma casa e dinheiro em crédito.⁹⁷ Contudo, o que possivelmente não esperava Guilhermina é que seu genro entrasse com uma reclamação contra ela por não concordar com “*a descrição dos bens feita por sua sogra.*”⁹⁸

Fernando Drehfahl, genro de Guilhermina, casado com sua filha Luisa, na condição de “cabeça de casal”, compareceu ao cartório e disse que:

“... não concordava com a descrição dada pela inventariante, porquanto, que a mesma deixou de descrever alguns bens, como um crédito de Bültie, de quantia de cem mil réis, um outro crédito de Stöternan, da quantia de quinhentos mil réis e trezentos kilos de café, mais ou menos, que estão separados para vender, independente de cerca de sessenta kilos que deixou para gasto da casa...”⁹⁹

⁹⁵ Idem. p. 9v.

⁹⁶ AHJ, caixa nº (1892). **Processo. Arrolamento.** Arrolamento de Carlos Forster a Guilhermina Forster, Comarca de Joinville, 1892. p. 3.

⁹⁷ Idem. pp. 4v,5.

⁹⁸ Idem. p. 5v.

⁹⁹ Idem. pp. 6,6v.

Este processo, revela uma relação nada harmoniosa entre sogra e genro, pois, a divisão dos bens que não tinham sido arrolados no processo poderiam ser resolvidos num acordo. Mas não foi isso que aconteceu, Fernando entrou com uma ação e, Guilhermina foi intimada a descrever o que num primeiro momento “ocultou”. O processo acabou quando a inventariante concordou com um novo “*Auto de descrição e avaliação dos bens*”, aquele proposto por seu genro.¹⁰⁰

Os processos, como o de Guilhermina, nos contam alguma histórias do século passado e evidenciam algumas formas de relacionamento. Mas, várias imagens femininas foram delineando-se ao longo do século passado, em Joinville, especialmente, a partir do aparecimento no cenário local de uma outra elite - a brasileira. A presença de imigrantes e brasileiros/as concorrendo na formação da cidade, pode ser verificada através de algumas tensões. Tensões que sinalizavam também “um tipo ideal de mulher”, especialmente das brasileiras, demonstrado através da imprensa.

E, na improvisação da vivência cotidiana, várias experiências também foram apresentando-se. Evidenciá-las é, também, tecer uma história sobre a cidade.

¹⁰⁰ Idem. pp. 7-14v.

CAPÍTULO II

PROFESSORAS, COMERCIANTES, COZINHEIRAS...

O trabalho das mulheres na construção de Joinville

“O pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerceriam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história.”

Maria Odila L.S. Dias*

A vida cotidiana dos homens e mulheres joinvilenses do século passado foi ritmada pelo trabalho. Porém, diferente dos homens, as mulheres pouco aparecem na historiografia local. Não que essa história contemple o cotidiano masculino, mas, o fato dos trabalhos empreendidos pelos pioneiros para desbravar a região e construir a cidade, darem a tônica à referida historiografia, fazem dos homens sujeitos dessa história.

Quando nos referimos a esta historiografia, estamos falando de um número significativo de trabalhos, tidos hoje, como tradicionais, pautados numa história cronológica e linear, concentrada sempre nos grandes feitos dos grandes homens, baseado nos documentos oficiais e que se constitui, como nos diz Peter Burke, numa *“história vista de cima”*.¹

* DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e Poder*: em São Paulo no século XIX. p. 7.

Entretanto, talvez, o motivo pelo qual a historiografia de Joinville insista nesta história “*vista de cima*”², seja o mesmo constatado por Cristina Scheibe Wolff ao analisar o “*Cotidiano e Trabalho das Mulheres de Blumenau*”: “... *é preciso esclarecer que tal fato deu-se em parte por estes historiadores não enxergarem nem mesmo os trabalhadores, voltando-se normalmente para os empresários, como se o desenvolvimento industrial da região pudesse ter se dado somente com estes últimos.*”³

É, portanto, nesta mesma perspectiva apontada por Cristina Scheibe Wolff, que entendemos que o cotidiano feminino pouco aparece na historiografia local. Muito embora, algumas mulheres se sobressaíram, sendo observadas, em espaços “*míticos sacralizados*”, como a Dona Helena⁴, pioneira na fundação da entidade hospitalar que leva o seu nome, ou a Princesa Francisca, irmã de D. Pedro II⁵, a maioria não aparece na historiografia da cidade, ficando relegadas “*à margem dos fatos e ausentes da história.*”⁶

¹ BURKE, Peter. (Org.) Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: **A escrita da história: novas perspectivas**. Sobre Joinville, quando nos referimos a trabalhos tradicionais, destacamos, principalmente, os trabalhos de Carlos Ficker, Carlos Gomes de Oliveira e Apolinário Ternes, autores já discutidos no capítulo anterior.

² Ibidem. p. 13. Ver também SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, P. Op. cit. pp. 39-62. Nos últimos anos, trabalhos sobre a história local vêm procurando contemplar a chamada “história vista de baixo”. No entanto, são apenas alguns trabalhos, na maioria dissertações de mestrado, ou teses de doutorado, e que infelizmente, por não estarem publicados, são poucos conhecidos. Ainda assim, trabalhos que discutam as relações de gênero na pesquisa histórica, em Joinville, são praticamente inexistentes.

³ WOLFF, Cristina Scheibe. **A mulheres da Colônia Blumenau - cotidiano e trabalho (1850-1900)**. p. 27.

⁴ “*Imigrante da Saxônia, Helene Dorothea Trink Lepper chegou a Joinville no ano de 1853 (...) casou-se com Hermann August Lepper, fundador e patrono da então Casa de Saúde Dona Helena, nome dado em homenagem ao casal. Helena foi a pioneira na fundação da entidade mantenedora, tendo o imóvel onde está localizado o hospital sido doado pelo casal. Em 12 de novembro de 1916, pela primeira vez cerca de 80 senhoras evangélicas reuniram-se e formaram a Sociedade de Socorro das Senhoras Evangélicas. Tinham sob sua responsabilidade, no início, apenas um jardim de infância, (...) O então chamado ‘Helenenstif’ foi temporariamente fechado em consequência da Primeira Guerra Mundial...*” In: Dona Helena - 80 anos. **Jornal A Notícia**. Joinville, 12/11/1996, nº 20.327, p. 2. (Caderno Especial).

⁵ Princesa Francisca Carolina, filha de D. Pedro I, casou-se com François Ferdinand Phillippe Louis Marie d’ Orleans - Príncipe de Joinville, em 22/04/1843. In: SCHNEIDER, Adolfo Bernardo et alii. **Biografias dos príncipes de Joinville**. p. 18.

⁶ DIAS, M.O.L.S. Op. cit. p. 7.

A palavra trabalho encerra vários significados e, usualmente, utilizamos para designar a aplicação das forças e faculdades humanas para a realização de alguma atividade. Também expressa esforço incomum, a lida, a luta. No entanto, quando fala-se de trabalho de mulheres, principalmente até o século XIX, é comum pensar-se primeiramente no trabalho doméstico, como se fosse apenas neste espaço que as mulheres lidavam e lutavam.⁷

Entendemos que em Joinville, as mulheres não restringiram-se ao trabalho doméstico, e ao darmos visibilidade a alguns de seus trabalhos, procuramos demonstrar que não ficaram no rastro de seus maridos e filhos. Contudo, possivelmente, foi desta forma que as mulheres de Joinville foram vistas pela historiografia local.

Neste sentido, é oportuno lembrar, da análise de Joan W. Scott, ao dizer que as distinções - a divisão sexual do trabalho - não eram novidades no século XIX, mas, *“eram, no entanto, articuladas de novas maneiras e com novos efeitos sociais, econômicos e políticos.”*⁸ No decorrer de todo o século XIX, nos países que estavam passando por um processo de industrialização, permeou a interpretação de que os trabalhos desenvolvidos por homens e mulheres eram valorativamente diferentes. Ainda, assim, as mulheres não deixaram de trabalhar na esfera do “trabalho produtivo”,

⁷ Cabe ressaltar que, a partir da década de 70, deste século, vários estudos vem analisando o trabalho feminino, discutindo não apenas o trabalho doméstico, como também o chamado “trabalho produtivo”. Segundo Maria Valéria Junho Pena, o trabalho doméstico diferencia-se dos outros numa sociedade por ser *“auto-definido, auto-controlado e por ser privado, confundindo-se com o papel da mulher na família. (...) Embora seja parte do capitalismo, seu desempenho ocorre fora das relações capitalistas de produção.”* In: PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril.** p. 73. Salienta-se que esta autora, entre outras, utiliza a categoria “patriarcado” como referencial de análise. Não faremos este tipo de abordagem para dar visibilidade aos trabalhos das mulheres na escrita desta história. Todavia, vários aspectos sobre o trabalho feminino, apontados por Maria V.J.Pena, são importantes para entendermos a “ausência” do trabalho das mulheres na historiografia local. Para esta autora, *“O trabalho produtivo da mulher, concentrando-se na produção de valores de uso, enquanto o dos homens nos valores de troca, produziu como resultado que a mulher passava a trabalhar para seu marido e seus filhos e o homem para a troca e a aquisição de propriedade.”* p. 55.

⁸ SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (Dir.) **História das mulheres no ocidente: o século XIX.** p. 446.

mesmo sendo este vinculado a trabalho barato. Lembra-se, contudo, que nem todo trabalho barato era considerado apropriado para mulheres.⁹ Assim, como nos lembra Joan W. Scott: “*No discurso da divisão sexual do trabalho, oposições marcadas entre mulheres e trabalho, reprodução e produção, domesticidade e trabalho remunerado faziam da própria mulher trabalhadora um problema.*”¹⁰ No entanto, convém destacar que, o fato da mulher trabalhadora ser entendida como um problema, desviou a atenção, sobre as condições do trabalho das mulheres e dos baixos salários.¹¹

Não é apenas no espaço doméstico que as mulheres trabalham, contudo, mascarar suas presenças enquanto trabalhadoras no espaço público, especialmente no século XIX onde as possibilidades de trabalhos “fora” eram reduzidas, é, de certa forma, tentar deixar suas atividades coletivas submersas. Pois, como diz Maria Izilda Santos de Matos, ao analisar as atividades femininas, especificamente das lavadeiras em São Paulo, no período de 1890 a 1930, “... *o trabalho coletivo revigorava vínculos de vizinhança que significavam lazer, solidariedade material e afetiva, mas também controle e regulação das condutas e procedimentos.*”¹²

As mulheres joinvilenses do século passado, não necessariamente participavam de “trabalhos coletivos”, porém, aparecerem como trabalhadoras no espaço público é ainda menos comum na historiografia local. Como se de fato existisse uma linha divisória entre espaço doméstico e espaço não doméstico, onde fosse possível delimitar

⁹ Ibidem. p. 453

¹⁰ Ibidem. p. 474.

¹¹ Ibidem. Idem.

¹² MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público ao privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890- 1930) In: *Cadernos Pagu*. (4). 1995. p. 105.

onde termina um e começa o outro. Este espaço não é algo abstrato, ele tem uma significação social, podendo ser confundido com a própria ordem social.¹³

Nesse sentido, o espaço doméstico é um espaço inventado, “*construído pela sociedade*”.¹⁴ E, o trabalho das mulheres, inclusive o doméstico, foi importante para a colonização de Joinville. Considerado “tipicamente feminino”, o trabalho doméstico encontra-se no âmbito do lar, um dos espaços privilegiados dos poderes femininos. Contudo, o espaço do lar nem sempre compreende apenas os “serviços da casa”. Quando o espaço doméstico em questão está inserido numa área de colonização, a abrangência do espaço é maior e o trabalho doméstico mais diversificado. “*A Colônia (Kolonie), tomada no seu sentido particular, é a base da existência do camponês na área: inclui a propriedade com tudo que ela contém (casa, estábulo, pastagem, roças, etc.) É pois, a unidade básica dentro do sistema econômico em questão.*”¹⁵

Presentes nas histórias, nas memórias e, principalmente, nos discursos, “trabalho” é em Joinville categoria de distinção. Aparece, às vezes, como sinônimo de religião - “*Se o Brasil esta materialmente em estado de lastimável atraso, o deve à escravidão que avilta a religião do trabalho*”¹⁶, como neste caso, num discurso da imprensa local de 1887. Mas também, é reelaborado no presente, ratificando a importância do trabalho como a principal atividade humana. Discursos ainda pautados na origem da cidade e seu progresso decorrente da colonização germânica.

¹³ DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. p. 34.

¹⁴ Ibidem. p. 37.

¹⁵ SEYFERTH, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. p. 152.

¹⁶ O Abolicionismo, *Jornal Folha Livre*. Joinville, nº 11, 03/04/1887. p.1.

Convém lembrar que não é nosso objetivo neste estudo analisar as construções dos discursos sobre o trabalho em Joinville, todavia, fazer referência a estas “presenças” é importante para demonstrar a atualidade deste tema para a cidade. E, ao estudar sobre Joinville no século passado, várias fontes, especialmente os jornais, também nos contam histórias de um povo trabalhador.¹⁷

Reside então nestas observações, a intenção de dar visibilidade às mulheres de Joinville do século XIX a partir também de uma categoria que não só é eminente nos discursos, mas que permeia a história daqueles/as que imigraram para a Colônia Dona Francisca - o trabalho.

Frases como - aos poucos Joinville transformou-se na “ maior cidade do Estado”, ecoam nos mais diversos discursos sobre a cidade, sendo que o trabalho lhe deu este título. Está presente nestes discursos que desde o início, a ética protestante permeava as relações na antiga colônia, assim, economia e moderação constituíam-se em valores importantes.

E quem trabalhou para construir a “ maior cidade do Estado” ? É possível que nem todos os ‘trabalhos’ sejam reconhecidos. Já mencionamos que várias obras sobre a história local do século XIX, está pautada em descrever a superioridade do imigrante alemão, mas não se fala de todos/as trabalhadores/as. Fazem-se importantes apenas os “grandes homens”. As pessoas “comuns” ficam relegadas às listas de imigrantes ou a citações muito genéricas. “...vieram mais três navios de imigrantes.”¹⁸ *A última leva de*

¹⁷ Cabe ressaltar que alguns estudos vêm demonstrando a relação da importância do trabalho para os imigrantes com a falta deste no país de origem. Neste sentido, o ethos do trabalho está relacionado com o migrante que sentiu a falta de emprego e passa a valorizá-lo. Ver: MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. *Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*.

¹⁸ FICKER, C. Op. cit. p. 155.

imigrantes.¹⁹ iniciaram-se as obras da casa de oração protestante, com outra turma de trabalhadores.²⁰ ”.

Sobre os trabalhadores joinvilenses deste século, alguns estudos podem ser apontados, como por exemplo, **A cidade da ordem**, de Iara Andrade Costa.²¹ Contudo, para visualizarmos as trabalhadoras do século XIX outras fontes precisaram ser garimpadas, e as memórias de descendentes vão nos contar um pouco mais do passado da cidade. Quanto às memórias, não podemos esquecer do seu caráter seletivo, pois, as reminiscências de imigrantes são (re)inventadas e (re)elaboradas ao relembrares da terra natal. Compartilhamos com Bela Feldman Bianco e Donna Huse, quando dizem que: “ *Permeadas por ‘silêncios, amnésias, sombras e moldadas por condicionantes múltiplos’, as reminiscências de imigrantes certamente constituem uma mediação simbólica através da qual o significado é construído.*”²² Portanto, a nossa opção em focalizar algumas memórias, não pode ser dissociada do fato de que estas são (re) elaboradas e (re) inventadas, mais fluidas ainda são as reminiscências das vozes que iremos escutar. Estamos ouvindo também não os/as próprios/as imigrantes, mas as suas descendentes, e possivelmente, a cada geração novas reconstruções foram feitas sobre a colonização.

¹⁹ Ibidem. Idem.

²⁰ Ibidem. p. 181. Salienta-se que não queremos, ao discorrer sobre os diversos discursos sobre “o trabalhador”, instituir a “trabalhadora” na escrita da história local. Obviamente, os trabalhos femininos eram importantes, mas isso não significa que ao dar visibilidade às mulheres intencionamos construir um novo mito - o da mulher trabalhadora. Todavia, é importante destacar que os rastros que nos deixam as fontes podem conduzir para a construção deste mito. E, procurando escapar de tal “armadilha”, ratificamos que ao analisar o trabalho feminino, buscamos capturar outras interpretações que, ao mesmo tempo que descortinam as mulheres, demonstram tensões entre “lusos” e imigrantes na formação da cidade.

²¹ COSTA, I.A. Op. cit.

²² BIANCO, Bela Feldman e HUSE, Donna. Entre a saudade da terra e a América: mulheres imigrantes. *Revista Estudos Feministas*. v. 3, n. 1, 1995. p. 99.

O número de mulheres na colônia era, no período de 1859 a 1876, em média 48% da população total.²³ Isso quer dizer que o número de mulheres era equivalente ao dos homens, e que estas, conforme nos apontam os depoimentos, trabalhavam muito: *“trabalhavam pesado”*²⁴. *“O pai no começo trabalhava na construção de estradas. (...) a mãe levava as crianças, enquanto pequenas, para a roça, colocando-as atrás de um toco, fazia um toldo (abrigo) com um pano, assim ela limpava a roça e trabalhava.”*²⁵

A construção de estradas, especialmente a Estrada Dona Francisca, também chamada Estrada da Serra, possibilitou às famílias um dinheiro extra.²⁶ A importância do emprego na construção das estradas, da Serra, ou estradas de ferro, podem ser verificadas através dos seguintes anúncios:

*“Com a paralisação total das obras pública, é compreensível que os colonos mais pobres procurem fora o serviço de que precisam para o seu sustento. Mais de 100 dos nossos colonos já estão trabalhando na Estrada Graciosa, na Província do Paraná e pelo próximo vapor 30 operários robustos sairão daqui para a província de São Paulo, a fim de ali procurarem serviço na construção da estrada de ferro. Seria mil vezes preferível que esses trabalhadores empregassem as suas forças aqui, na Colônia!...”*²⁷

²³ **Censo de 1859 a 1869.** Pasta de Mapas Demonstrativos e Livro de Correspondência da Direção da Colônia Dona Francisca - 1867 a 1896. Acervo: AHJ

²⁴ Narração da “Frau Stamm”. Joinville, 12 de junho de 1961. In: **Contos do início da imigração.** Trabalho da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização. Joinville, 1992. Mimeo. pp. 3-8. O relato foi feito por Hilda Anna Krisch a partir de pequenas recordações de infância contadas por Maria Emilie Stamm, em maio de 1961. Maria Emilie, nascida Scharp, no dia 05/03/1873, em Joinville, faleceu em 1964, com 91 anos de idade. Traduzido por Hilda Krisch e Dietlinda Clara Rothert. Seus pais, Johan e Wilhelmine Scharp, nascida Sellnow, recém-casados, chegaram com o segundo navio “Emma & Louisa” - na Colônia Dona Francisca. Fixaram-se num lote na estrada Cruz, onde ficaram até morrer. O casal teve 10 filhos, todos nascidos em Joinville, 4 morreram ainda crianças.

²⁵ Idem.

²⁶ Segundo José Kormann, a Estrada Dona Francisca foi a segunda estrada carroçável do Brasil e durante muito tempo uma das mais importantes da América do Sul. In: KORMANN, José. **Histórico da Estrada Dona Francisca:** de Joinville por Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho a Mafra. p.3.

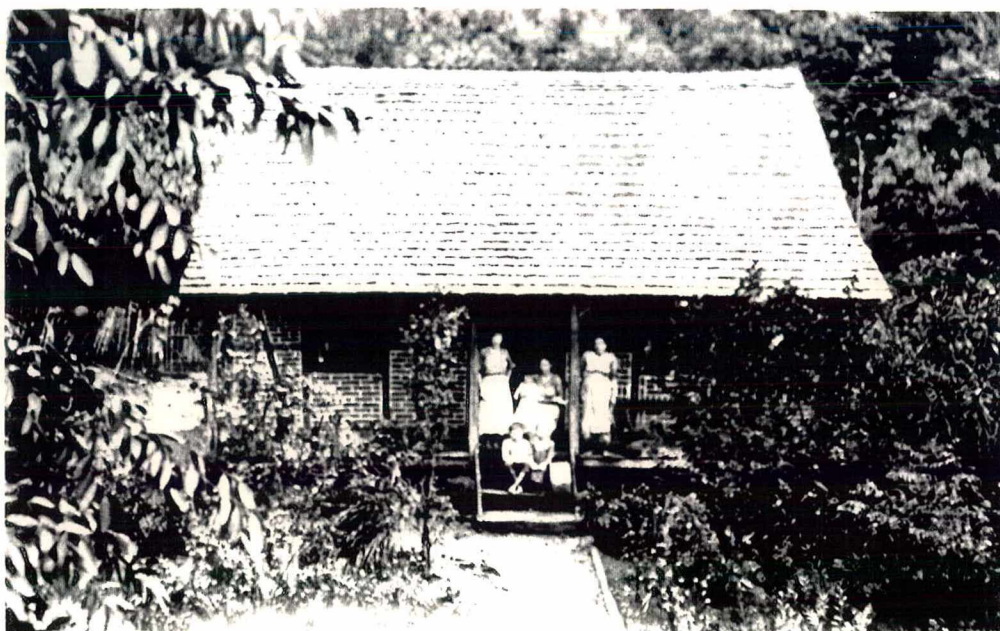
²⁷ **Jornal Kolonie-Zeitung.** Joinville, 19/03/1870. In: **Boletim do AHJ.** v. 1, n. 5, jun. 1984.

No número seguinte do jornal, observamos a euforia com o reinício das obras:

“ Novas perspectivas! Com a volta do atual diretor das obras da Estrada da Serra, engenheiro Ignácio Magalhães, a situação por nós ventilada em número anterior, se modificou bastante, uma vez que os trabalhos na estrada foram reiniciados e como - além dos 5 contos de réis trazidos - mais 60 contos foram concedidos por parte do Governo para o presente exercício...”²⁸

Se era “compreensível que os colonos mais pobres procurassem fora o serviço de que precisavam para o seu sustento”, também é evidente que com a saída dos homens para trabalhar na construção de estradas, todos os serviços da “colônia” ficavam com as mulheres. Momentos difíceis e de grande solidão, onde algumas joinvilenses permaneceram sozinhas para “tocar” os trabalhos da propriedade.

Ao buscar imagens daquelas mulheres, de seus trabalhos e de seu cotidiano, nos



“Casa de colono: mulheres e crianças”. (Acervo:AHJ)

deparamos com uma fotografia, antiga e amarelada pelo tempo, que não nos mostra mulheres

trabalhando, ao contrário, ao posar para a câmera, num instante de suas vidas, “encontramos” mulheres e crianças, sentadas na soleira da porta, “no meio do mato”,

²⁸ Idem. 26/03/1870.

sozinhas, talvez, a espera de maridos que foram “trabalhar na estrada”. Paradas, não nos contam de seus trabalhos, mas de suas presenças sós, como verdadeiros arrimos de família.

Eni de Mesquita Samara, ao analisar organizações familiares em que as mulheres aparecem como chefes de domicílios no Brasil, durante o século XIX, diz que: “ *Dificuldades econômicas, urbanização incipiente e migração masculina para abertura de novas áreas de lavoura seriam as maiores razões para explicar a presença feminina nas chefias das famílias.*”²⁹ Migração masculina para lavoura ou para a abertura de estradas são algumas possibilidades de trabalho que, de qualquer forma, deixam para as mulheres e filhos a responsabilidade da lida diária. E, as passagens sobre o começo da colonização da cidade sempre nos contam de uma vida difícil, marcada pelo trabalho. Adolfo Bernardo Schneider, num texto intitulado “ Os pioneiros”, lembra uma situação, segundo ele “ verídica romanceada”, mas que descreve um pouco daquela época; sua narrativa é sobre as lembranças da Sra. Scheidemann, que emigrou para Joinville em 1880. O Sr. Schneider, conheceu esta senhora e teve oportunidade de escutar o que ela contava sobre os primeiros tempos da Colônia:

“ Tive ao todo cinco filhos. As duas filhinhas mais velhas já haviam nascido na Alemanha, a terceira nasceu (...) no rancho dos imigrantes em Joinville. Com esta minha terceira filha porém não tive sorte. (...) Naquela ocasião estava eu sozinha, assim como quase sempre, pois o meu marido tinha ido trabalhar longe e vinha só às vezes para casa. (...) Completamente desorientada e abatida pelo grande choque, sentei-me então na soleira do nosso ranchinho e apertando o corpinho frio de minha filhinha morta contra o peito, eu olhava fixamente para a estrada, para ver, si não apareceria alguém, quem me pudesse socorrer (...) Mas como não houvesse ninguém e toda minha ternura não conseguisse fazer acordar novamente

²⁹ SAMARA, Eni de Mesquita. Mulheres chefes de domicílio: uma análise comparativa no Brasil do século XIX. In: *História*. São Paulo, 12: 49-61, 1993. pp. 50-1.

a pequenina, vesti o anjinho pela última vez e cavei eu mesma a pequenina sepultura, onde depois fui acomodar por entre flores o corpinho de frio da minha pequena Bertha. Com os olhos marejados de lágrimas rezei então um Padre-Nosso, fechando depois a sepultura. Quando quase uma semana depois o meu marido veio para casa, somente lhe pude dizer tristemente: A nossa Bertinha já não vive."³⁰

É bem verdade que, se eram inúmeras as dificuldades para as mulheres que ficavam sozinhas na propriedade, para os homens que iam para fora em busca de trabalho, as dificuldades também existiam. Um telegrama datado de 1870 revela a fome, a falta de pagamento e trabalho que estavam sujeitos aqueles trabalhadores:

*" S.S. Urgentíssimo
TELEGRAMA (...)
Do Diretor da Colônia D. Fca, F. Brustlein
Ao Exm. Sr. Presidente da Província*

*Realizaram-se às previsões do meu ofício de 11 de julho. Recebi notícia esta noite que os colonos sofrendo da fome pela demora do pagamento e suspensão total de trabalho na estrada, ajuntaram-se em São Bento para descer à Joinville onde não há autoridade nem força suficiente. Peço respeitosamente à V. Exa. mandar com urgência pagar os dezesseis contos..."*³¹

O descaso do poder público estadual para com o pagamento dos trabalhadores da Estrada da Serra, evidenciados neste telegrama, demonstram as inúmeras adversidades enfrentadas por aqueles trabalhadores. E, nesse contexto, de muitos sacrifícios para que essa cidade progredisse, homens e mulheres trabalhavam duro. O "trabalho" é a palavra diretamente ligada ao "progresso", e por isso, autores como

³⁰ SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. Os pioneiros (Narrativa verídica romanceada, publicada por ocasião do 1º Centenário da Fundação de Joinville) In: *Nossa boa terra: contos e crônicas da terra dos Príncipes*. pp. 38-9.

³¹ Telegrama do Diretor da Colônia Dona Francisca, Sr. Frederico Brustlein, ao Presidente da Província de Santa Catarina, Exm. Sr. Dr. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque. 16/08/1870. Acervo: AHJ

Carlos Ficker e Carlos Gomes de Oliveira, ao escreverem sobre a colonização, descrevem minuciosamente o trabalho dos pioneiros. “ *Não se deve subestimar os sacrifícios e os trabalhos dos pioneiros dessa nova instalação colonial; nem se deve negar o valor desses homens que deixaram a sua terra natal para construir para si e para as suas famílias, numa pátria nova, uma nova existência.* ”³²

É recorrente na historiografia joinvilense o trabalho do imigrante, do progresso dessa cidade e, concomitantemente, da ordem e da harmonia que aqui reinam. Salienta-se que não é nosso objetivo desmerecer a presença do imigrante na colonização de Joinville. Porém, criticamos essa historiografia que “cultua”, que (re) cria estigmas e que não enxerga a grande massa de pessoas que também trabalharam.

Esta historiografia costuma enfatizar apenas a História Urbana, do centro da cidade, por ser aí que se estabeleceram as pessoas dedicadas às atividades comerciais e industriais, e a “elite intelectual joinvilense”. Neste sentido, ressalta-se as observações realizadas pela historiadora Sandra P. L. de Camargo Guedes, onde considera que, “*Essas pessoas, na maioria alemães e em menor número suíços, foram apresentados pela historiografia como uma elite responsável pelo caráter industrial assumido pelo município a partir do início deste século. Realmente nota-se que alguns dos primeiros dirigentes da cidade tinham aquelas características...*”³³ No entanto, a grande maioria de imigrantes, lavradores e pequenos proprietários rurais, não foram vistos pela historiografia, que enfatiza cada vez mais a “ilustre” minoria e (re) cria o discurso de que Joinville é diferente de outras cidades com o mesmo tipo de colonização, por ser

³² FICKER, C. Op. cit. p. 84.

³³ GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. *O exercício da arte de curar*. p. 20. Grifos nossos.

povoada por “intelectuais”. Salienda-se também que, assim como os intelectuais não eram maioria, era a minoria também que residia no centro da cidade³⁴.

Observamos que a maior parte da população de Joinville estava concentrada na área rural e se esta cidade “progrediu” não foi apenas “graças” aos empresários e comerciantes. Empresas antigas foram importantes, assim como seus trabalhadores, homens e mulheres. Porém, se a grande parcela estava no campo, com certeza o trabalho dos/as colonos/as não foi menos importante. Já mencionamos que por unidade doméstica não compreendemos apenas a casa, mas também tudo o que a circunda. Muitos imigrantes que chegaram a partir de 1851, eram lavradores ou artesãos. Vinham para cá com sonhos - a esperança de uma vida melhor. Saíam de uma Europa conturbada e aqui dedicavam-se à agricultura:

*“ Os meus pais trouxeram pouco dinheiro, alguns utensílios domésticos, uma enxada e outras ferramentas que trouxeram da Alemanha. Logo que chegaram na Colônia Dona Francisca, limparam um lugar em sua propriedade, cortaram palmitos, levantaram e fizeram um rancho. As camas também eram feitas de palmito e os utensílios domésticos foram arrumados, então começou-se a fazer a roça, o mato foi derrubado, queimado e as primeiras plantas plantadas.”*³⁵

Porém, além de muitos agricultores, vários imigrantes que vieram para Joinville tinham participado politicamente na região da atual Alemanha das “Revoluções de 1848”: os chamados os “de 1848”. E, mesmo os “de 1848” tendo chegado na Colônia Dona Francisca no mesmo período que os outros imigrantes, segundo Marionilde D.B.

³⁴ De acordo com Sandra P. L. de Camargo Guedes:

“ A Colônia Dona Francisca possuía, em 1874, uma população total de 7.860 habitantes, incluindo o núcleo rural de São Bento do Sul, enquanto a Vila de Joinville, sede da Colônia, possuía 1.670 moradores, distribuídos em 280 casas. No último ano do século XIX, o município de Joinville, com uma área de aproximadamente 83.800 hectares, tinha cerca de 19.000 habitantes, dentre os quais apenas 3.000 residiam na cidade.” Ibidem. p. 31.

³⁵ Narração da “Frau Stamm”. Cit.

de Magalhães, o relacionamento destes com os demais imigrantes era também complicado: “*Eram vistos como homens da cidade, cuja fala era talvez tão incompreensível quanto à língua portuguesa. Diferenciavam-se gradativamente uns dos outros também pelo poder aquisitivo, e logo, por uma maior capacidade de integração na esfera pública local.*”³⁶

Alguns são os exemplos dos “de 1848” que tiveram participação na vida política local, destacando, principalmente, Ottokar Doerffel.³⁷ A referência de que para Joinville, diferente de outras regiões, como por exemplo Blumenau, vieram mais profissionais urbanos do que agricultores pode ser verificada nas “Listas de Imigrantes”, onde aparecem profissões como: encadernador, britador, funileiro, ferreiro, barbeiro, operário, joalheiro, tipógrafo, entre outros.³⁸

Contudo, aqui, ao que tudo indica, não conseguiram permanecer em suas antigas profissões. Fato demonstrado pelo maior número de habitantes na zona rural e também, pelo estudo da historiadora Marionilde D. B. de Magalhães que, ao pesquisar a documentação da Colônia Dona Francisca, verificou que: “*... observa-se a existência de pelo menos quarenta profissões vinculadas ao meio urbano (...) entre 1852 e 1864, mais da metade dos imigrantes dessa colônia. Na referida documentação, constata-se que tais profissionais não ficavam na região mais do que um ou dois anos, remigrando para Curitiba, Porto Alegre ou São Paulo.*”³⁹

³⁶ MAGALHÃES, M.D.B. *Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil*. pp. 20-1.

³⁷ Ottokar Doerffel nasceu a 24 de março de 1818 em Waldenburg, no então Reino da Saxônia, Alemanha. veio para Joinville em 1854. Foi tesoureiro, Diretor Interino da Colônia e Prefeito de Joinville entre 1874 a 1877. Faleceu em novembro de 1906. In: HERKENHOFF, Elly. *Joinville: nossos prefeitos*. pp. 23-4.

³⁸ *Listas de Imigrantes*. 09/03/1851 a 22/01/1860. Tradução: Maria Thereza Böbel. Acervo: AHJ. Sobre as profissões dos imigrantes, ver também: WEIMER, Günter. As profissões dos imigrantes alemães no século XIX. In: *Instituto Histórico de São Leopoldo*. n° 2, 1976. pp. 307-318.

³⁹ MAGALHÃES, M.D.B. *Alemanha, mãe-pátria distante, utopia pangermanista no sul do Brasil*. p. 20.

Salienta-se então a importância do trabalho dos/as colonos/as, como por exemplo, dos antepassados de João Krisch:

“... Naquela época minha mãe se encarregava de trazer da Vila, bastante afastada, todos os mantimentos, necessários, e, muitas vezes nos relatou quando éramos crianças, as peripécias das viagens a ‘Annaburg’, onde ela, depois de preparar a massa e assar o pão o metia no alforje, juntamente com as mercadorias compradas na venda do Patsch e com o saco repleto sobre os ombros, com um cesto no braço ou sobraçando um pacote, seguia pela picada afora, sempre com disposição.”⁴⁰

Para algumas a tarefa de abastecer a casa, para outras, plantar e vender. A importância do trabalho dos/as colonos/as da região de Pirabeiraba, na época, zona rural da Colônia, expressam-se nas reminiscências de Editt, bisneta de imigrantes. *“Os meus avós é que vieram. Eu sei que foi uma luta! Eles falavam, mamãe falava de como a vida deles (seus bisavós e avós) era difícil. (...) A vó casou aqui mesmo em Pirabeiraba, a mãe da minha mãe, e ali eles tinham as terras deles, plantavam e vendiam os produtos. (...) Vinham trazer verduras e outras coisas para vender em Joinville.”⁴¹*

Sobre a sua avó paterna, nascida no final do século passado, Editt lembra que ela costurava “para fora”, participando ativamente do orçamento doméstico. *“A minha avó costurava. Eu sei que ela tinha sua máquina e costurava para as outras pessoas. (...) eles tinham cavalos, tinham vacas (...) e ainda costurava para fora.”⁴²*

⁴⁰ Subsídios Históricos. Coordenação e tradução: Rosa Herkenhoff. “Excerto do livro ‘Aus der Vergangenheit der Blumenauer Strasse im Municip Joinville’ (Do passado da Estrada Blumenau no Município de Joinville) de autoria de João Krisch, publicado em 1937 numa edição de apenas 20 exemplares e dedicada à sua filha D. Hilda Anna Krisch. Em seu trabalho o autor nos conta das dificuldades com que seus avós e pais, imigrados em 1863, lutaram depois de estabelecidos à Estrada Blumenau, na época picada Blumenau.” In: *Blumenau em Cadernos*. Tomo XXIX, jun/1988, nº 6, p. 163.

⁴¹ EDITT FISCHER DROLSHAGEN VOGELSANGER. Nascida em Joinville em 04/02/1923, bisneta de imigrantes. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 14/12/1995.

⁴² Idem.

As dificuldades pontuadas no início da colonização, também estão presentes nas reminiscências das mulheres que viveram nos primeiros anos deste século. Gerda Hagemann, filha e neta de imigrantes, nascida em Joinville em 1901, neta de confeitiro, ao ser entrevistada, lembrou das vendas que fazia quando ainda jovem:

“ ... quando nós tínhamos, assim, 14,15 anos, eu e a minha irmã Marta tínhamos que vender os doces do meu avô. (...) Aos domingos de manhã, eles preparavam uma bandeja grande com doces gostosíssimos! E nós tínhamos que ir para cima e vender cada... nós tínhamos, já, os fregueses certos, que compravam esse doces.”⁴³

Vender doces, assim como os avós de Editt vendiam verduras, entre outras atividades, são papéis informais exercidos por vários homens e mulheres. Em Joinville, principalmente no século passado, provavelmente, estes papéis eram “destinados” mais às mulheres, por não estarem ainda contempladas no mercado de trabalho formal. Lembramos aqui a pesquisa desenvolvida por Maria Odila L.S. Dias, sobre as mulheres de São Paulo, quando analisa que os papéis informais, *“por sua própria natureza, não são oficialmente reconhecidos, nem socialmente muito valorizados, embora sejam importantes no processo concreto da vida cotidiana.”*⁴⁴

A participação de D. Gerda nos trabalhos da família não limitavam-se a venda dos quitutes do avô, mas também nos trabalhos de casa: *“ Uma semana uma tinha que cozinhar, e só tratar da roupa toda. E na outra semana uma tinha que fazer o serviço da casa e passar a roupa. E a tarde, íamos, então, aprender costura.”*⁴⁵

Ao contrário do que poderia parecer, D. Gerda não era de uma família muito pobre, tendo condições de receber uma “boa educação feminina” : *“ E a tarde, íamos,*

⁴³ GERDA HAGEMANN. Entrevista concedida à Eneida Raquel S. Thiago, em 29 e 30/03/1989.

⁴⁴ DIAS, M.O.L.S. Op. cit. pp. 30-1.

⁴⁵ GERDA HAGEMANN. Cit.

então, aprender costura. (...) Nós nunca tínhamos tempo, assim, de dia para brincar muito. Quando nós tínhamos 15,16 anos, não. Nós tínhamos que aprender. (...) Eu então aprendi, também, a tocar piano, minha irmã aprendeu a tocar cítara."⁴⁶

E, ao falar de sua mãe, D. Gerda comenta: "*A minha mãe só tinha filho pequeno, só tinha que tratar dos filhos (risos) e da costura. Ela nunca tinha tempo para nada.*"⁴⁷ Contudo, ela mesma acrescenta que sua mãe também fazia linguça para vender. Seu pai só abria o porco, mas o resto era "ela" (sua mãe) que fazia, e não tinha empregada doméstica - "*Tudo, ela fez tudo.*"⁴⁸

Salienta-se, através dessas reminiscências, o quanto estava presente nas falas das mulheres as elaborações discursivas referentes ao trabalho. Em vários momentos de sua fala, D. Gerda menciona os seus trabalhos, o trabalho de sua irmã, de seu avô, de sua mãe. Pontua os diversos trabalhos desenvolvidos como uma espécie de sinal de demarcação de cada história de vida. Sutis significações de uma "ideologia do trabalho", que permeia sua história e possibilita-nos observar como repetiam o discurso do trabalho, pois, as mulheres, juntamente com os homens, são reprodutoras culturais.

Todavia, não é só nas vozes de um tempo pretérito que localizamos a "ideologia do trabalho", tais discursos são elaborados e reelaborados no presente. Nos dias atuais, conversando com vários homens e mulheres, ouvimos, costumeiramente, histórias de muito trabalho. O jornal *A Notícia* em vários suplementos sobre a história da cidade, vem trazendo vários textos sobre os diferentes bairros, entrevistando alguns moradores, como por exemplo, Ana Helena Luiz Nass, de 89 anos e moradora do bairro Bom Retiro:

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ GERDA HAGEMANN. Cit.

⁴⁸ Idem.

“Ana Helena Luiz Nass, 89 anos não hesita nenhum segundo ao responder como eram os tempos em que morava com o marido, Alfredo Henrique Bruno Nass - morto ano passado - e plantavam nas terras férteis o sustento de todos. (...) ela rememora os tempos em que carregava os filhos no colo, caminhava com o marido em relação à roça. Com quase um século de vida, ela perdeu o marido mas não a vontade de trabalhar. Todos os dias, pela manhã, coloca o chapéu de palha na cabeça, empunha a enxada companheira de vida e sai em direção à pequena plantação que ainda resiste nos fundos de sua casa, que a família construiu há mais de 50 anos. ‘Ela ainda vai na roça, planta aipim e milho, apesar da idade, explica a filha Regina Stamm, 56 anos.’”⁴⁹

Verifica-se que a mencionada ideologia do trabalho é revivificada no presente.

A dimensão dada a esta atividade humana por Ana Helena nos conta da atualidade do discurso do trabalho e das “marcas” desta ideologia que, como já dissemos, contou com a participação das mulheres na transmissão desta cultura.

Retomando as lembranças de D. Gerda, é interessante quando ela fala de seus pais, Rudolf Brandt, emigrado da Alemanha em 1884 e sua mãe, filha de imigrantes e nascida em Joinville:

“A nossa casinha era velha, casinha boa, gostosa, nós tínhamos que trabalhar muito porque a vida era mesmo...dura...não é? A minha mãe costurava sempre, de noite para outra gente (...) O meu pai tinha uma marcenaria. (...) Eu só me lembro que a minha mãe sempre falava que quando eles casaram em 1894 o meu pai só tinha um chapéu de feltro (risos) e 200 mil réis no bolso (risos).”⁵⁰

Ouvindo as histórias dessas mulheres, trabalhadoras do século passado, percebemos a sua sobrecarga de trabalho. Por mais simples que fosse a sua propriedade, a roça, a casa e os animais faziam parte da “lida” diária. Pois, como

⁴⁹ ASSUNÇÃO, Luis Fernando. Bom Retiro das boas lembranças. Jornal A Notícia. Joinville, 19/01/1997. p. D1.

⁵⁰ GERDA HAGEMANN. Cit.

relatou o Sr. Schneider, “... o homem não ia sozinho para a roça, ele sempre precisava da mulher (...) ela também ajudava em tudo, ela tinha que ajudar em tudo, serviço pesado.”⁵¹ Além disso, a educação dos filhos, pois “cabia” às mulheres a educação destes, e ainda, para algumas: a costura.

Percebe-se nas mais diversas narrativas dos/as “antigos/as” muitas mulheres costurando os “fios” do cotidiano. Aliás, como observa Anne Higonnet, “ Desde o princípio do século até ao seu final, o tipo de trabalho feminino mais frequentemente representado era a costura. Coser estava mais intimamente identificado com gênero do que com classe,... ”⁵² Tempos de dificuldades que podem ser desvendados também através das reminiscências de alguns homens e mulheres.

Theresa Wolf, mãe de duas meninas, Joanna, de dois anos de idade e Theresa, de três meses, ficou viúva em 1892. Seu marido, Pedro Wolf, ao falecer ficou devendo a diversas pessoas e ela então, ao encaminhar o Inventário, mandou “ *proceder a um arrolamento afim de serem pagos os credores...* ”⁵³ As condições econômicas daquela família não eram boas, e ela descreveu, todos os bens móveis que ela possuía - “ *Uma mesa velha, uma cadeira e um banco...* ”, não parece exagero dizer, que possivelmente era apenas esses objetos que Theresa possuía, pois, analisando outros processos deste mesmo ano, podemos observar que nas páginas referente a “ *Descrição dos bens* ”, o escrivão costumava ser minucioso, detalhando inclusive, número de galinhas, relógio de parede, entre outros. Com tão poucos objetos a família possuía também “ *um terreno (...) com uma casinha (...) coberta de telhas...* ”⁵⁴ Contudo, os credores e as

⁵¹ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 29/04/1996.

⁵² HIGONNET, Anne. Mulheres e imagens. Representações. In: FRAISSE, G. e PERROT, M. (Dir.) Op. cit. pp. 336-7.

⁵³ AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Inventário.** Inventário de Pedro Wolf a viúva Theresa Wolf. Comarca de Joinville, 1892. p. 02.

dívidas eram muitas e, em seu “Termo de declaração”, resolve que: “... *requer que seja vendido (...) para o fim de serem pagos os credores (...) Bem assim, o terreno é tão pequeno que não convém partilhar, por que nesse caso não seria possível achar um arrematante para metade e mesmo talvez por que não chegue para as dívidas passivas.* (...)”⁵⁵

Os poucos indícios que encontramos sobre a história de Theresa nos contam de dificuldades. É difícil saber como ela, com duas filhas pequenas e sem casa, continuou vivendo. Contudo, suas intenções de mudar-se para outro lugar ficaram registradas no mesmo processo: “(...) *a inventariante pretende retirar-se desta cidade, afim de procurar meios de subsistência; o que não pode fazer enquanto não estiver livre dessas dívidas.*”⁵⁶

Ao inserir fragmentos da história de Theresa, buscamos evidenciar algumas outras dificuldades pela qual passavam aquelas mulheres. Recôndito exemplo - diferente de tantos outros que valorizam o trabalho como o grande meio para conseguir progredir - que desconstrói o mito de que com trabalho se progride. Ao decidir ir embora, Theresa está nos contando da impossibilidade de continuar na cidade sem casa, sem trabalho e com duas crianças pequenas. Demonstra também que ela e o marido não conseguiram desenvolver a pequena propriedade que tinham e que o endividamento também estava presente para alguns colonos.

Diferente do caso de Theresa, é o caso de Bertha Schlenfeldter, também de 1892, e que nos conta um pouco do trabalho das mulheres. Bertha, quando faleceu sua mãe, em 1890, tinha 18 anos de idade, foi para São Paulo trabalhar como criada e o seu

⁵⁴ Idem. pp. 4,4v.

⁵⁵ Idem. p. 5.

⁵⁶ Idem. p. 5.

ordenado, mandava para seu pai, “... para se alimentar e não vender, os bens de raízes que possuí, (...) sem o seu consentimento...”⁵⁷ Além de Bertha, havia outros dois herdeiros, Carolina de 32 anos e Hermann de 25 anos, ambos ausentes - “ em lugar incerto”, o inventário foi feito e dividido entre as partes. No entanto, o que nos chamou a atenção neste processo é a “presença” de Bertha para resolver o inventário. Dois anos após o falecimento de sua mãe, seu pai não havia feito o inventário, e foi ela que o abriu. Foi ela também que sustentou o pai durante dois anos, como criada, em São Paulo. E, como num desabafo foi a justiça cobrar uma resolução para a sua herança:

*“ ... seu pai neste tempo vendeu quase todo o terreno situado na Estrada de Santa Catarina, e tem gasto sua importância, restando só uma casa com pouco terreno; e que voltando agora a suplicante, seu pai não quer dar-lhe agasalho e nem repartir com ela o produto da venda; por isso vem a suplicante (...) requerer que se proceda inventário nos bens deixados por sua mãe, afim da suplicante receber sua legítima...”*⁵⁸

Mesmo não trabalhando em Joinville, o processo de Bertha demonstra um trabalho bastante comum daquele período - o de criada. Desmistifica também a idéia de salário feminino como um complemento, pois, Bertha sustentou-se e sustentou seu pai, durante dois anos, com o salário que recebia como empregada doméstica. Além disso, desconstrói o “mito da honestidade do colono.”

As teias de relações cotidianas do século XIX, evidenciam várias trabalhadoras, desempenhando as mais diversas funções, não limitando o trabalho das mulheres na esfera do privado, mas presentes nos empregos do espaço público, como comércios, por exemplo. Contudo, ao mesmo tempo que as mulheres apresentam-se mais como trabalhadoras, os discursos acerca da “inferioridade” de seus trabalhos e os estereótipos

⁵⁷ AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Inventário.** Inventário de Sophia Schenfeldter o viúvo Henrique Schenfeldter. Comarca de Joinville, 1892. p. 2.

⁵⁸ Idem. p.2.

da mulher mãe e esposa, permeavam o século XIX. Neste contexto, como infere Joan Scott, ao escrever sobre a mulher trabalhadora: “ *A identificação do trabalho feminino com certos tipos de empregos e como mão-de-obra barata foi formalizada e institucionalizada de várias maneiras durante o século XIX, de tal modo que se tornou axiomática, uma questão de senso comum. Até aqueles que procuravam mudar o estatuto do trabalho feminino se viram na situação de ter de argumentar contra o que era tido como ‘facto’ observáveis.*”⁵⁹ Sobre estes “factos”, Joan Scott chama a atenção de que estes não existiam objetivamente, mas buscavam “ *criar uma força de trabalho segregada pelo sexo.*”⁶⁰ Segregação que encontra, no estereótipo de mulher-mãe-esposa, justificativa para uma diferenciação que a colocasse numa condição inferior. A valorização da mulher a partir do século XIX, através de sua feminilidade voltada, especialmente, para funções de mãe e esposa, e por consequência, boa dona de casa, remetem a uma suposta fragilidade física das mulheres.⁶¹

Em Joinville, além de esposas, mães e donas de casa, as mulheres foram também colonas, costureiras, cozinheiras, parteiras, professoras e proprietárias de estabelecimentos comerciais. Assim, se o modelo que o século XIX exaltava era o maternal, preconizando o casamento como único ofício, algumas mulheres

⁵⁹ SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, G. e PERROT, M (Dir.) Op. cit. pp. 454-5.

⁶⁰ Ibidem. Idem.

⁶¹ Observa-se que, mesmo que os trabalhos das mulheres não sejam tão mencionados, seus trabalhos estão cada vez mais presentes a partir do século XIX. Fato demonstrado, na França, por exemplo, por Anne-Marie Sohn: “ *Apesar de um discurso que tende a apresentar a mulher como não exercendo qualquer profissão, as mulheres trabalham, principalmente em França. Entre 1906 e 1946, as mulheres francesas constituem 36,6% a 37,9% da população activa, (...) Na cidade, o número de mulheres activas explica-se, por um lado, pela insuficiência dos salários masculinos, que obrigaria ao trabalho duas mães de família em cada três.(...) Quando o tipo de industrialização limita a sua contratação, por exemplo nas regiões mineiras e siderúrgicas, as mulheres abrem botequins, recebem hóspedes ou tornam-se lavadeiras,...*” SOHN, Anne-Marie. Entre duas guerras: os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: FRAISSE, G. e PERROT, M. (Dir.) Op. cit. pp. 119-21.

transgrediram a regra de que só os homens circulam entre os espaços da casa e da rua.⁶²

Desde a década de 80 do século passado temos notícias de que mulheres administravam hotéis, casas comerciais, entre outros.

"Hotel
Ypiranga
com

*Bilhar, jogo de bola e
café.*

em Joinville, Rua d'Água.

A proprietária d'este estabelecimento pela longa prática de 12 anos, que tem e como brasileira conhecedora dos costumes brasileiros e estrangeiros, oferece aos Srs. passageiros bom cômodo, boa mesa, aceio e prontidão a qualquer hora.

Banhos frios e quentes.

Cocheira para animais e carros.

Preço de 1\$000 para cima e do costume.

Província de S. Catarina, Rua d'Água.

(Perto do desembarque).

*Elisa D. Maya.*⁶³

Neste mesmo ano, 1887, outra comerciante vem à público, através da imprensa escrita, agradecer aos seus antigos fregueses e participar a passagem dos seus negócios para seu filho.

"À praça

A abaixo assinada toma a liberdade de participar aos seus fregueses e ao respeitável público em geral, que n'esta data passou a sua casa comercial, com todo o ativo e passivo a seu filho.

Oscar Antonio Schneider

Ao mesmo tempo que agradece sinceramente aos seus fregueses e ao publico as muitas provas de estima e

⁶² Ressalta-se que a (re) definição deste espaços faz parte dos parâmetros estabelecidos pela sociedade burguesa ao constituir-se, onde a família, segundo Habermas, "*desempenha exatamente o papel que lhe é prescrito no processo de valorização do capital (...) à autonomia do proprietário no mercado e na empresa privada correspondia a dependência da mulher e dos filhos em relação ao marido e ao pai: a autonomia privada lá convertia-se cá em autoridade e tornava ilusório o pretenso livre-arbítrio dos indivíduos.*" HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. pp. 63-4.

⁶³ **Jornal Folha Livre.** Joinville, 05/06/1887, n. 20. p. 4. Este anúncio repete-se nos três números seguintes.

benevolência a seu filho e sucessor, pelo que de antemão se confessa grata.

Joinville, 1 de Maio de 1887.

*Viúva Marg. Schneider.*⁶⁴

Esta mesma comerciante, três meses antes, já havia recorrido ao jornal para cobrar suas dívidas, fato que aparece nos jornais da época por duas vezes, em 20 de fevereiro e em 06 de março.

“ Viúva M. Schneider

negociante estabelecida nesta cidade pede a seus devedores que venham saldar suas contas até o dia 15 de Março próximo.

*Joinville, 15 de Fevereiro de 1887.*⁶⁵

Outra senhora, a viúva Schlemm, também costumava aparecer como comerciante da época. Por ocasião dos estragos decorrentes de uma grande inundação em Joinville, na noite de 1º de abril de 1887, publicou-se o seguinte anúncio:

*“ ... As firmas Viúva Schlemm & Filho, Crispim d'Oliveira Mira, Antonio José Ribeiro e Vicente J. Fernandes sofreram perdas, aliás menos consideráveis, de sal, farinha de trigo, mandioca, etc.”*⁶⁶

É interessante que, praticamente em todos os casos, nós só identificamos que trata-se de proprietárias e não proprietários, porque antes do sobrenome aparece as palavras “Sra.” ou “viúva”. Evidencia-se que a viúva assumir os comandos dos negócios era um papel normativo a ser desempenhado. Todavia, apesar de assumir os negócios, dificilmente elas eram chamadas pelos seus nomes no público, representado aqui pelo jornal, e sim pela referência do marido: “viúva de...”⁶⁷

⁶⁴ Jornal **Folha Livre**. Joinville, 08/05/1887, n. 16. p. 3.

⁶⁵ Idem. 20/02/1887, n. 5. p. 2.

⁶⁶ Idem. 10/04/1887, n. 12. p. 2.

⁶⁷ Cristina S. Wolff, em relação às comerciantes de Blumenau também observou que quando morria o dono do estabelecimento era comum que a viúva o substituísse. WOLFF, C.S. Op. cit. p. 35.

Outro trabalho que parece-nos ter sido muito requisitado, era o de cozinheira:

“Precisa-se de uma boa cozinheira. Para tratar nesta tipografia.”⁶⁸

Precisa-se de uma boa criada brasileira para casa de família e que saiba cozinhar e engomar; para informações na redação desta folha.”⁶⁹

Aluga-se uma boa criada brasileira; para informações na redação desta folha.”⁷⁰

Possivelmente, os anúncios que solicitavam explicitamente uma “*criada brasileira*”, foram feitos por famílias também brasileiras, visto que muitos descendentes de imigrantes, mesmo nascidos em Joinville, ainda só falavam alemão, e portanto, a comunicação com os/as brasileiros/as, não era muito fácil.

Quanto às parteiras, sabemos da sua grande importância, e quando a imprensa referia-se a elas usava, costumeiramente, o qualitativo “distinta”. “*No dia 24 faleceu Laura Neumann, distinta parteira desta cidade.”⁷¹* Outra parteira que mereceu destaque na imprensa, na data de seu falecimento, foi a Sra. Friederike Buch:

“Falecimento: No dia 5 deste mês, faleceu nesta colônia uma antiga amiga da mesma, a parteira Friederike Buch, com idade de 73 anos. A mesma, nascida em Heimbürg, Braunschweig, prestou seu exame de parteira a 18 de maio de 1841, na cidade de Braunschweig. Em maio de 1855 emigrou com seus cinco filhos para o Brasil; seu marido já tinha falecido. Falta informações mais remotas, sabemos apenas que a falecida, desde janeiro de 1870 até início de 1885, quando ficou adoentada, prestou sua ajuda de parteira em mais de 615 partos. Ninguém prestará outro depoimento que não o de que a ‘Vovó’, como ela mesma gostava de se chamar, lutou bravamente, fazendo de seus filhos gente honesta e trabalhadora.”⁷²

⁶⁸ Jornal *Folha Livre*. Joinville, 10/04/1887, n. 12. p. 4. e n. 13 de 17/04/1887.

⁶⁹ Jornal *Folha Livre*. Joinville, 23/01/1887, n. 1. p. 3.

⁷⁰ Jornal *Folha Livre*. 13/03/1887, n. 8. p. 4. Este anúncio repete-se no n. 9 de 20/03/1887.

⁷¹ Jornal *Folha Livre*. 27/03/1887, n. 10. p. 2.

⁷² Jornal *Kolonie-Zeitung*. Joinville, nº 11, 12/03/1886. p. 43. Tradução: Maria Thereza Böbel.

Também algumas parteiras vinham à público, através da imprensa, oferecer seus trabalhos, e para isso, relatavam suas experiências, apresentando, através de sua formação, suas “técnicas” e seus “segredos”:

“ Anúncio: Sra. Julie Strombach, com prática de parteira há 25 anos, formada e com exames prestados no Instituto de Parteiras de Dresden, oferece seus préstimos, através deste, às famílias aqui residentes e na região, pedindo ao mesmo tempo amável atenção. Endereço: Casa de Motzke, na Rua do Porto. Joinville, março de 1866.”⁷³

Parteiras como Laura Neumann, Friederike Buch e Julie Strombach, fizeram parte do cotidiano das famílias joinvilenses no século passado. O número de parteiras era pequeno - “ *No último ano do século XIX, o município de Joinville (...) possuía três médicos, duas farmácias, duas parteiras e dois dentistas...*”⁷⁴ e, possivelmente, por isso, eram tão reconhecidas pela comunidade, pois não paravam de “amparar” crianças, como por exemplo Friederike, que “*prestou sua ajuda de parteira em mais de 615 partos*”. Contudo, cabe ressaltar que “ *o alto índice de mortalidade infantil era considerado normal. Em 1867, por exemplo, de 39 óbitos, 22 foram de crianças, número considerado ‘muito bom’.*”⁷⁵

Não localizamos, na documentação analisada para este trabalho, parteiras de sobrenome brasileiro, no entanto, possivelmente elas existiram. Sabe-se que no Brasil, os partos eram realizados por mulheres conhecidas, também, como aparadeiras ou comadres, sendo um conhecimento que passava de “mãe para filha”, não exigindo especialização. Segundo Anayansi Correa Brenes, estas mulheres, “ *...detinham um*

⁷³ Jornal *Kolonie-Zeitung*. Joinville, nº 12, 19/03/1886. p. 48. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁷⁴ GUEDES, S.P.L.C. *Instituição e sociedade: a trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville 1852- 1971*. p. 31.

⁷⁵ Ibidem. p. 95.

saber empírico e assistiam domiciliarmente as mulheres durante a gestação, parto e puerpério (...) eram de inteira confiança do mulherio e eram consultadas sobre temas vários, como cuidados com o corpo, doenças venéreas, praticavam o aborto ou mesmo colaboravam com o infanticídio.”⁷⁶ Em relação as parteiras no Brasil, de um modo geral, eram na maioria das vezes mulheres pobres. No entanto, durante o século XIX, na “ construção” de uma imagem feminina, a da mãe, esposa e dona de casa, a medicina, aliada a outras áreas do conhecimento, passa a preocupar-se com um novo esquadramento do corpo da mulher, assumindo para si, também, a arte de ajudar a “trazer à vida”.⁷⁷

Destaca-se também que, segundo a historiadora Sandra P. L. C. Guedes, o processo de modernização da medicina em Joinville foi lento. “ Na época em que houve a imigração alemã para Joinville, a medicina na Alemanha também era bastante rudimentar (...) Com raras exceções, foi essa a tradição trazida da Europa para o Brasil, ou seja, praticamente o mesmo nível de conhecimento generalizado no Brasil do século XIX.”⁷⁸

As parteiras, práticas ou diplomadas, foram aos poucos substituídas pelos médicos. Contudo, possivelmente, o carinho que era destinado às parteiras, vinha de uma outra época, de um período anterior a elas, daquele período em que elas ainda não estavam presentes com os seus “saberes”, e quando chegaram, certamente fizeram os

⁷⁶ BRENES, Anayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. In: **Cadernos de Saúde Pública** -Número temático: mulher e saúde. Vol. VII, nº 2, abr/jun de 1991. p. 135.

⁷⁷ Ainda, segundo Anayansi Correa Brenes:

“ A medicina, enquanto instituição, incorporou esta prática (...) como uma das suas atribuições (...) este processo se deu primeiro na Europa (nos séculos XVII e XVIII) se estendendo ao Brasil, ao se inaugurar as escolas de medicina e cirurgia na Bahia e Rio de Janeiro, em 1808. (...) Mesmo antes de dominar técnicas como o fórceps e a cesariana com sucesso para a mulher e a criança durante o parto, a obstetrícia proclama a sua exclusividade desde 1840.” Ibidem. pp. 135-7.

⁷⁸ GUEDES, S.P.L.C. **Instituição e sociedade: a trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville.** p. 124.

partos com a segurança daquela que sabe, trazendo maior esperança aos bebês e às parturientes, afinal, as vizinhas que se ajudavam faziam “apenas” o que podiam.

“ Minha mãe passou por muitas coisas, trabalhou pesado, as queridas crianças chegavam geralmente com 8 meses, algumas nem conseguiam viver, nasciam mortas. Certa vez minha mãe estava muito doente com febre alta e delírio. Lá existia uma pequena farmácia, Feinhauer, na cidade. Meu pai sempre ia para lá pedir ajuda, na época não existiam parteiras, uma vizinha ajudava a outra nestas ocasiões. (...) Minha mãe estava cada vez pior (...) Ela estava tão doente que a vizinha tinha que levá-la para poder respirar. Minha mãe ficou mais 6 semanas de cama mas devagarinho ia melhorando. (...) Se a minha mãe tivesse morrido o que teria sido de nós, ainda crianças? ”⁷⁹

Com tantas atividades a serem executadas, as mulheres não deixavam de trabalhar por estarem grávidas ou terem recém tido um bebê. Bertha Bayer, criada de Dorothea Krelling, logo após o parto foi para o sítio de sua patroa, segundo ela “*pondo com tal viagem sua vida em perigo e fazendo-a lá até mesmo a trabalhar na roça (...) trabalhou na plantação de milho na roça...*”⁸⁰

Assim como Bertha Bayer, outras mulheres também não abandonaram suas atividades por estarem grávidas. Gustav Hermann Strobel, no início deste século, escreveu um relato sobre sua família desde os tempos que antecederam a imigração até o início deste século. Em 1987, o Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense publicou a tradução das histórias contadas por Gustav, intitulado **Relatos de um Pioneiro da Imigração Alemã**.⁸¹ Seu pai, Christian, veio para Joinville em 1854,

⁷⁹ Narração da “Frau Stamm”. Cit.

⁸⁰ AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Sumário Crime**. A Justiça por seu Promotor. Dorothea Krelling e Bertha Bayer (rés). Comarca de Joinville, 1892. 51p. pp. 2v,9,9v. (Obs: Este processo, pela riqueza de informações que trás sobre as relações entre empregada e patroa, suas cumplicidades e suas contradições, será analisado no Cap. III, deste mesmo trabalho.

⁸¹ STROBEL, Gustav Hermann. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã**.

alguns meses depois partiu para Curitiba - “ *Fez o trajeto a pé, pelo litoral. Foram 14 dias de sofrimento. Encontrou serviço em São José dos Pinhais, na propriedade de Teodoro Gaspar. Só então mandou buscar a família.*”⁸²

Após dar detalhes dos motivos que levaram sua família a emigrar, e também das dificuldades e das decepções que tiveram, na então Colônia Dona Francisca, Gustav conta da viagem de sua mãe com os filhos para o Paraná:

*“ No dia 20 de abril de 1855, minha mãe viajou com suas três crianças e mais alguns outros colonos em companhia da tropa do senhor Gaspar, de Joinville em direção ao Paraná. (...) As crianças viajavam em cestos colocados em pares nos lombos de mulas. Minha mãe e a irmã montavam cada qual em um cavalo manso. (...) Minha mãe e a irmã que não estavam habituadas a montar, frequentemente também desmontavam e seguiam um tempo a pé. Minha mãe, que além de bem gorda estava grávida, também sofria bastante com a viagem e seguia por isso, num ritmo lento.”*⁸³

Casos como estes evidenciam, não a fragilidade feminina, ao contrário, sua força e determinação. Após 14 dias de viagem, a família Strobel chegou no Paraná.

Um outro aspecto relevante a destacar é a participação de mulheres no trabalho das fábricas. Uma participação que segundo algumas memórias, restringiam-se apenas às mulheres brasileiras. O Sr. Adolfo Bernardo Schneider⁸⁴, inferiu que as moças de Joinville do século passado “não queriam trabalhar em fábrica”. O seu pai tinha uma fábrica de charutos entre os anos de 1885 e 1895, o trabalho era todo artesanal, executado pelas 30 operárias “lusas”, como ele faz questão de destacar. Mulheres simples, pobres e brasileiras. “*As alemãs não davam para esse serviço*”. Ao questioná-lo sobre essa afirmação ele respondeu que não sabia, mas talvez fosse porque:

⁸² Ibidem. p. 10.

⁸³ Ibidem. pp. 43-4.

⁸⁴ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista. Cit.

*“ Isso era feito por gente que sabia, que aprendia e que sabia. Talvez fosse o motivo que eram só operárias lusas porque não tinham moças alemãs naquela época que quisessem trabalhar em fábrica (...) As moças lusas começaram muito tarde a trabalhar de operárias aqui em Joinville. Longos anos tinham indústrias e não tinham mulheres trabalhando, nem teutas, nem lusas. ”*⁸⁵

No entanto a sua mãe, Dona Johanna Christane Hedwiges Schneider era quem cozinhou para essas 30 operárias, em panelas “ especialmente grandes, trazidas da Alemanha”, e por conta deste trabalho “pesado”, “levantar as panelas cheias e colocar em outro lugar”, Dona Christiane machucou a perna, passando então a contar com um operário para ajudá-la.⁸⁶

Para o Sr. Schneider, “as moças lusas tinham muito orgulho, não era do gosto delas trabalhar fora(...) nas famílias pobres e teutas as filhas iam trabalhar como empregadas domésticas, isso sim era a única coisa, a única exceção que eles faziam ”.⁸⁷

Em Joinville, no final do século passado, várias mulheres trabalharam nas pequenas indústrias, como a fábrica de charutos, da família Schneider, por exemplo, onde “30 operárias lusas” faziam o serviço. Evidencia-se também, que foi a partir da década de 80 do século passado que começaram a aparecer nas “Listas de Imigrantes”, mulheres com a profissão de operária. Até então, das mulheres aparecem nas listas, além do nome, a idade, origem, às vezes, religião e o estado civil, ou profissão - solteira, noiva de, criada de.⁸⁸

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ MARIA THEREZA BÖBEL. Depoimento.

Retomando a análise de Joan W. Scott, quando diz que , “*a mulher trabalhadora ganhou no século XIX uma proeminência extraordinária*”, é importante observar as construções discursivas para qualificar, ou melhor, desqualificar, o trabalho feminino, definindo-o como mão-de-obra barata e adequada somente para alguns tipos de trabalho.⁸⁹ A afirmação do Sr. Schneider de que, “*as moças lusas tinham muito orgulho, não era gosto delas trabalhar fora...*”, demonstra, de certa forma, a desqualificação do trabalho daquelas mulheres, pois, eram 30 mulheres que desenvolviam , como ele mesmo disse, “*uma atividade que era feita por gente que sabia...*”. Mas, o desmerecimento não era apenas com os “saberes” daquelas mulheres, pois, o fato de “*não gostarem de trabalhar fora*”, era, possivelmente, decorrente dos baixos salários que recebiam.

Também, Barbara Weinstein, ao estudar sobre as mulheres trabalhadoras em São Paulo, destaca que: “*O emprego fora de casa era constantemente descrito como uma necessidade lastimável, mas inevitável (...) Nesse sentido, estava em questão o tipo de trabalho considerado adequado ou aceitável com relação às mulheres.*”⁹⁰

Ainda essa mesma autora diz que exceto as prostitutas, a figura feminina mais estigmatizada no setor trabalhista era a operária industrial.⁹¹ Possivelmente, aqui em Joinville, as primeiras operárias também foram “estigmatizadas”, independente de serem brasileiras ou imigrantes, pois, talvez a sociedade ainda entendesse como única possibilidade de emprego feminino, o de empregada doméstica. Como já mencionamos, segundo o Sr. Schneider, “*... nas famílias pobres e teutas as filhas iam*

⁸⁹ SCOTT, Joan W. A mulher trabalhadora. In: FRAISSE, G. PERROT, M. Op. cit. p. 474.

⁹⁰ WEINSTEIN, Barbara. As mulheres trabalhadoras em São Paulo: de operárias não-qualificadas a esposas profissionais. Tradução de Ricardo Augusto Vieira. In: *Cadernos Pagu*. (4) 1995. pp. 143-171. p. 146.

⁹¹ Ibidem. Idem.

trabalhar como empregadas domésticas, isso sim era a única exceção que eles faziam.”⁹²

Quando professoras, as mulheres geralmente ensinavam além das disciplinas comuns, atividades manuais, tendo em vista que as atividades relacionadas a educação das meninas deveriam estar voltadas para o interior - o lar, pois, como lembra Françoise Mayeur: “*A finalidade é, efectivamente, a preparação das raparigas para as virtudes da vida doméstica e para os talentos úteis do governo de uma família.*”⁹³ Observamos nos jornais de Joinville, anúncios de professoras descrevendo as atividades que estão aptas a ensinar:

“ Maria Clara de Miranda Oliveira avisa ao respeitável público e especialmente às Exm. famílias que abriu um colégio n’esta cidade à rua do Norte. Ensina flores de escama, de papel, panno, penas, canutilho, vidrilho, etc., bem como o português, a bordar em ouro e prata, e outras disciplinas. (...) Leciona também em casas de famílias, sendo aí os preços os que a anunciante convencionar, e todas as prendas que mais do agrado forem dos pretendentes.”⁹⁴

Marie-Claire Hooock-Demarle, em “Ler e escrever na Alemanha”, infere que nas profissões de ensino. “*...as mulheres só podem aceder a elas a nível do primário, e na condição de não serem casadas nem terem a intenção de vir a casar*”.⁹⁵ Levando em consideração que os/as imigrantes trouxeram consigo as tradições da antiga pátria, podemos sinalizar, por exemplo, o fato da mãe do Sr. Schneider, D. Cristiane, só

⁹² ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista. Cit.

⁹³ MAYEUR, Françoise. A educação das raparigas: o modelo laico. In: FRAISSE, G. e PERROT, M. (Dir.) Op. cit. p. 280.

⁹⁴ Jornal Kolonie-Zeitung. Joinville. 28/05/1889. In. Boletim do AHJ. Joinville, v. 1, n.6, ag.1984. Tradução Maria Thereza Böbel.

⁹⁵ HOOCK-DEMARLE, Marie-Claire. Ler e escrever na Alemanha. In: FRAISSE, G. e PERROT, M. (Dir.) Op. cit. p. 176.

ensinar outras crianças no começo de sua vida, depois de casada, só ensinava aos filhos.

“ A minha mãe era professora formada, ela frequentou na Alemanha quando moça um internato para moças. De onde elas saíam professoras formadas. Então quando ela veio para o Brasil ela já era professora. O que ela fazia aqui na nossa casa era ensinar aos filhos tudo o que ela sabia, ela nos dava muitos conselhos,, tanto para as moças, como para os filhos, e procurando a educação melhor possível para os filhos. Ela não ensinava outras crianças, só no começo. ”⁹⁶

A Escola Alemã, fundada em Joinville em 1866, por exemplo, teve no decorrer de sua história, várias professoras, como a Sra. H. Brand, que lecionou trabalhos manuais, entre 1898 a 1902, e as professoras de português do início do século, as Sras. E. Brand, Ida Riekens, Mathilde Riekens, M. Ammon e H. Stamm. E, em 1913, foi contratada na Alemanha a Srta. Charlotte Nehrmann, “ *que passou a dedicar-se mais intensamente às meninas, com aulas de ginástica e trabalhos manuais.* ”⁹⁷

Existiram, contudo, outras atividades que também demonstram a presença feminina. Therese Alwine, a “Frau Boehm”, por exemplo, junto com o marido Carl W. Boehm, proprietário do Jornal *Kolonie-Zeitung* a partir de 1873, trabalhou sempre no jornal. Segundo Elly Herkenhoff, “ *Em 1912, quando a ‘Frau Boehm’ completava cinquenta anos ‘de casa’ como tipógrafa e chefe da expedição, cinquenta anos, sem jamais ter tirado férias ela contava sessenta e sete anos de idade. E ainda não queria saber de aposentadoria...* ”⁹⁸

⁹⁶ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista. Cit.

⁹⁷ DECHENT, Prof. Nikolau (Diretor) *Edição comemorativa ao cinquentenário da “Escola Alemã” - 1866/1916.* Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁹⁸ HERKENHOFF, Elly. Os primeiros colaboradores do 1º jornal impresso em Joinville. In: *Blumenau em Cadernos.* Tomo XXVI, set./1985, nº 9. p. 277.

Diferentes mulheres, com histórias também diversas, povoaram Joinville no século passado. Maria Luiza Renaux, ao analisar “ O Papel da mulher no Vale do Itajaí”, transcreve algumas palavras do Dr. Hermann Blumenau, que tenta “definir” um conceito de mulher adequado às necessidades da região. Embora ele vivesse a realidade da cidade de Blumenau, o período e o tipo de colonização são muito parecidos com a cidade de Joinville, por isso, entendemos que reflete também o “tipo ideal” de mulher para a Colônia Dona Francisca.

“ Em quase todos os meus relatórios frisei que a colonização individual na nova terra não é aconselhável para um homem sozinho. Um solteiro, que precisa ele próprio cuidar de tudo, não pode progredir na lavoura. Empregadas são difíceis e mesmo impossíveis de se conseguir. E elas não gostam de trabalhar para um homem solteiro. Mulheres alemãs valentes, ativas e econômicas faltam no Vale do Itajaí. ”⁹⁹

Quanto à preocupação das mulheres com o casamento na Colônia, parecem ir ao encontro das palavras de Joana Pedro, ao analisar os papéis femininos em Desterro: “O casamento ou a união consensual, tem sido pensado para a mulher como a única forma legítima de exercer a sua sexualidade. Além disso, a própria veiculação das imagens femininas como sendo, somente esposas e mães, reforçava, no cotidiano dessas mulheres, tal possibilidade como o único ideal de vida possível.”¹⁰⁰ Este “único ideal de vida possível” - o casamento, vem dar a tônica aos interesses da colonização. Casais decididos a construir a “nova pátria”.

No início da colonização nem sempre homens e mulheres podiam trabalhar lado a lado. Às vezes, talvez com frequência, os homens iam trabalhar em outras atividades: “ O pai no começo trabalhava na construção de estradas ganhando 40 vinténs por

⁹⁹ RENAUX, M. L. Op. cit. p. 61.

¹⁰⁰ PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**. p. 56.

dia...¹⁰¹ Quando isso acontecia, sobrava para as mulheres todo o trabalho da colônia, e nesse caso, a criatividade era indispensável.

*“ Para fazer pão eles batiam com um martelo o milho bem fino, os dois eram misturados e fritos na frigideira, assados. (...) O trigo custava 16 vinténs mas não tinha forno, então a minha mãe fez um improvisado, embaixo de pedras, forno de madeira, pedras naturais colocadas com barro bem firme. O pão assava bem, era tão bom que os vizinhos também assavam seu pão no forno ... ”*¹⁰²

Quanto ao trabalho assalariado, ser empregada doméstica era uma opção para moças e senhoras. A mãe de uma de nossas entrevistadas, por exemplo, procurando sair da zona rural (Pirabeiraba), veio para Joinville morar em “ casa de família”, trabalhou como doméstica e posteriormente foi trabalhar em fábrica.¹⁰³ Editt também lembra do que ouvia quando criança sobre a educação dos filhos. Tarefas de meninos e meninas eram diferenciadas, o que, segundo ela, não mudou muito da educação da sua avó no século passado, para a sua neste século. Nos serviços de casa, ou seja, no espaço dentro da casa, os filhos homens não precisavam ajudar. *“Eu tinha meu irmão mais novo, ele não precisava enxugar a louça, ele não participava.”*¹⁰⁴

Ao procurarmos evidenciar a presença feminina na colonização de Joinville trabalhamos com diferentes fontes para “ ouvir ” suas múltiplas histórias. As memórias, por exemplo, nos apresentam mulheres trabalhadoras, que aqui viveram, plantaram a terra e participaram do crescimento da cidade. Também, no período estudado, a imprensa escrita revelou-nos várias mulheres, as parteiras, professoras, comerciantes, etc, que apareciam nos anúncios dos jornais.

¹⁰¹ Narração da “Frau Stamm”. Cit.

¹⁰² Idem.

¹⁰³ EDITT FISCHER DROLSHAGEN VOGELSANGER. Cit.

¹⁰⁴ EDITT FISCHER DROLSHAGEN VOGELSANGER. Cit.

Ao evidenciarmos o trabalho das mulheres, não objetivamos ratificar os “discursos” acerca do progresso de Joinville, e sim, dar visibilidade às mulheres através de um aspecto tão importante na história da cidade: o trabalho. No entanto, convém lembrar que, são os trabalhos das imigrantes e suas descendentes que estão mais registrados nos “espaços da memória”. Diversos discursos atuais sobre Joinville a proclamam como “cidade do trabalho”. Nesta cidade, que cultua e preserva o trabalho dos pioneiros, os vestígios, mesmo quando sobre as mulheres, também são mais presentes quando referem-se às imigrantes e suas descendentes.

Buscar dar visibilidade aos múltiplos trabalhos desenvolvidos pelas mulheres de Joinville no século XIX, não é apenas buscar vozes no passado. É, como infere Certeau, compreender as “citações de vozes” que fazem-se presentes. “ *Através de legendas e fantasmas, que continuam povoando a vida cotidiana, por citações sonoras, mantém-se toda uma tradição do corpo. Pode-se ouvir, mas não ver.* ”.¹⁰⁵

¹⁰⁵ CERTEAU, M. Op. cit. p.258.

CAPÍTULO III

AS SOCIABILIDADES...

“ Podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas; as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligavam a elas? (...) À resistência muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo.”

Ecléa Bosi*

Os vestígios de homens e mulheres que viveram em Joinville no século passado, nos possibilitam conhecer um pouco de suas sociabilidades, ou ainda, talvez, de suas “sociabilidades restritas”, como as verificadas por Philippe Ariès. Este autor, discutindo a substituição de uma sociabilidade anônima por uma sociabilidade restrita diz que a sociedade, no século XIX, “ *se tornou uma vasta população anônima onde as pessoas já não se conhecem. O trabalho, o lazer e o convívio com a família são doravante atividades separadas em compartimentos estanques.*”¹ Para Ariès, as mudanças nas sociabilidades dos indivíduos, deu-se pela, “ *... substituição de uma sociabilidade anônima - a da rua, do pátio do castelo, da praça, da comunidade - por uma sociabilidade restrita que se confunde com a família, ou ainda com o próprio indivíduo.*”² Pensamos nestas sociabilidades onde o privado é separado do público. Salienta-se que, possivelmente, as observações de Ariès não exemplificam a realidade

* BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** p. 452.

¹ ARIÈS, Philippe. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger (Orgs.) **História da vida privada: da Renascença ao século das luzes.** p. 8.

² Ibidem. p. 16.

de Joinville, mas sugerem algumas pistas para entender as práticas desta sociedade, pois, as sociabilidades que verificamos são, muitas vezes, restritas a pequenos grupos. Restritas também porque “fecham-se” em espaços de experiências e vivências destinados ou a brasileiros ou a imigrantes.

E, percorrendo caminhos diversos, buscando conhecer estas sociabilidades, compreendemos que muitas das práticas que se apresentam através das diversas fontes, como por exemplo, as memórias, são (re)significadas, “*teimosamente contemplando seu lugar antigo.*”³ Contudo, buscar dar visibilidade às práticas cotidianas no vaivém do dia-a-dia, ao mesmo tempo que é importante, é complexa, pois as ações que compõem o cotidiano, costumeiramente, não são tidas como relevantes, e por isso mesmo, geralmente não são registradas.

Entretanto, no desenrolar da pesquisa, o cotidiano joinvilense do século passado foi “surgindo”, mostrando suas redes de cumplicidade e seus conflitos. Ao encontrar registros dos bailes, dos corais, das peças de teatro, das poesias..., compreendemos ser importante explorar esta diversidade. Maria Odila L.S. Dias, ao falar da perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano, diz que: “*Cotidiano e poder constituem o fulcro do estudo de nossa contemporaneidade.*”⁴ Neste sentido, ainda em suas palavras: “*A historiografia feminista (...) tem seu caminho metodológico aberto para a possibilidade de construir as diferenças e de explorar a diversidade dos papéis informais femininos.*”⁵ Assim como esta autora, entendemos a importância de explorar a diversidade das experiências cotidianas. E, falar dos “pormenores” das atividades

³ BOSI, E. Op. cit. p. 452.

⁴ DIAS, Maria Odila L.S. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina. (Orgs.) *Uma questão de gênero*. p. 49.

⁵ Ibidem. Idem.

femininas é tecer uma história que leve em conta as várias e heterogêneas atividades da vida. Tentar descortinar algumas das experiências vividas é, de certa forma, também adentrar pelos “pensamentos” daquelas mulheres. Neste sentido, concordamos ainda com Agnes Heller, quando diz que, “ *o pensamento cotidiano implica também em comportamento.*”⁶

Ao buscarmos dar visibilidade as sociabilidades, algumas questões tornam-se presentes: O que será que pensavam as mulheres que “inventaram” aqui tradições da “Velha Pátria”? Parece-nos que muitas das práticas de sociabilidades dos/as imigrantes e seus/suas descendentes, são bricolagens de antigas tradições, trazidas da Alemanha, somadas a novas formas de relacionarem-se na “nova pátria”. A importância dada aos passeios, aos bailes, aos corais e as peças de teatro, por exemplo, para os/as imigrantes, não significa que estas práticas eram largamente difundidas entre eles quando viviam em seus países de origem.⁷ Neste sentido, parece-nos oportuna a análise de Eric Hobsbawm, ao escrever sobre as tradições, quando diz que estas podem ser “inventadas”, e que são vários os motivos que possibilitam tal “invenção”.⁸ As observações deste autor, são significativas para nós quando buscamos compreender um pouco das sociabilidades dos imigrantes em Joinville; especialmente, quando ele refere-se a tradições inventadas como aquelas que buscam manter uma continuidade em relação ao passado histórico, reagindo frente a novas situações: “(...) *na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por*

⁶ HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. p. 43.

⁷ Geneviève Bianquis, analisando o período de 1795 a 1830 na Alemanha, destaca a importância de várias práticas cotidianas para os alemães, tais como: festas, salões, leitura e artes. No entanto, este trabalho versa sobre alguns grupos, “algumas classes sociais.” Mesmo assim, algumas práticas tão valorizadas em Joinville e, enfaticamente ditas como largamente utilizadas na “velha pátria”, nem ao mesmo são citadas, nas páginas deste livro. Ver: BIANQUIS, Geneviève. *A vida quotidiana na Alemanha: na época romântica (1795-1830)*.

⁸ HOBBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) *A invenção das tradições*.

*estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. Em poucas palavras, elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória.”*⁹

Assim, o conceito de tradição inventada, proposto por Hobsbawm, explicita, de certa forma, a valorização que os/as imigrantes davam às suas tradições. Desta forma, podemos inferir que, muitas das tradições trazidas pelos imigrantes foram “inventadas” em Joinville, no sentido de que tornaram-se mais valorizadas, e que esta valorização era importante para a coesão daquelas famílias.

Destaca-se também, outro aspecto das sociabilidades de homens e mulheres que viveram em Joinville, no século passado: o que “permaneceu”, ou seja, o que não foi esquecido na história local. Na escrita deste trabalho procuramos, não apenas dar visibilidade às mulheres que viveram em Joinville no século passado, mas também, evidenciar uma tensão entre brasileiros e imigrantes que, de certa forma, marcaram a formação desta cidade. Tensão abafada e/ou ignorada por muitos que enxergam a história da cidade sempre com harmonia.

Joinville, até os dias atuais ainda é descrita, através dos mais diversos discursos, como uma cidade germânica, mesmo recebendo imigrantes das mais diversas regiões do país. Na cidade, os “lugares da memória”, como por exemplo, o Arquivo Histórico de Joinville, presentificam (e valorizam) aspectos da cultura germânica. O que demonstra, de certa forma, o predomínio do imigrante, principalmente o alemão, na história local. Assim, na construção deste trabalho, encontramos mais indícios das sociabilidades das imigrantes, fato que demonstra o quanto as experiências cotidianas das brasileiras foram amenizadas. Pois, se num determinado período, quando da

⁹ Ibidem. p. 10.

formação de uma elite brasileira, num momento onde a cidade contava com a maior parte da população composta por imigrantes, principalmente alemães e seus descendentes, podemos perceber a existência de imagens idealizadas de mulheres brasileiras, e muitas vezes desqualificando a imigrante, como já mencionamos neste trabalho; posteriormente, é a memória das experiências das imigrantes e descendentes que “resistiram” ao tempo com maior abundância.

Quais eram as formas de sociabilidades das mulheres imigrantes? E as brasileiras, o que achavam de comportamentos e atividades, às vezes, tão diferentes dos seus? De seus comportamentos e atividades encontramos alguns indícios...

3.1- O antigo (e atual) costume do “Kraenzchen”

Segundo Elly Herkenhoff, a palavra alemã “Kraenzchen” é o diminutivo de “Kranz”, e significa pequena coroa de flores, servindo para designar um pequeno círculo de pessoas que se reúnem, quase sempre mulheres.¹⁰ “Kraenzchen” é, portanto, entendido como grinalda ou crochê, sendo esta última expressão mais usada. Contudo, “Kraenzchen” não é apenas uma palavra, mas encerra em si uma tradição, uma espécie de “instituição” para cultivar amizades, que veio trazida pelas imigrantes, e é recorrente até hoje nos círculos de amizade das mulheres descendentes dos/as imigrantes.

“ Os ‘Kraenzchen’ ou ‘Crochê’ aparecem citados nas mais diversas fontes, nas memórias, nas fotos, nas cartas, nas poesias e nos relatos de viajantes. Os “crochês”, reuniam (e reúnem) quase sempre, moças ou senhoras da mesma faixa de idade e do mesmo nível social e cultural (...) As reuniões das ‘associadas’ se realizam uma vez por semana, em dia certo, alternadamente em casa de uma das amigas e esta, como anfitriã, oferece um lanche, isto

¹⁰ HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho...* p. 213.

é, um bom café com 'Kuchen', bolo e outros quitutes, preparados com esmero e perícia e, evidentemente, segundo as possibilidades econômicas da anfitriã".¹¹

No acervo do Arquivo Histórico de Joinville (AHJ) existem várias fotografias de "Kraenzchen", bem como lembranças, estatuto e outros. Podemos verificar, através dos nomes das integrantes, que trata-se de mulheres alemãs que pertenciam a uma "elite", pois são quase sempre mulheres dos fundadores das indústrias, comércios e etc., e por mais dificuldades que tiveram no início da colonização, não tinham, provavelmente, as dificuldades financeiras como outras mulheres. Sobrenomes como Boehm, Niemeyer, Lepper, Jordan, Colin, entre outros, são também signos de distintividade, pois trata-se das famílias que se destacaram desde a colonização da cidade. E são dessas famílias, entre outras, que pertenciam as "associadas". Contudo, cabe aqui lembrar que o AHJ foi construído para a preservação da memória dos imigrantes, hoje abriga múltiplas memórias, mas em sua documentação, não encontramos referências a "Crochês" das brasileiras, ou porque nunca existiram, ou ainda, porque não deixaram registros.

O fato das "associadas" pertencerem a uma "elite", pode ser inclusive demonstrada através do Estatuto do Clube de Crochê **Heiterer Wochenschluss** (Alegre fim de semana), fundado a 16 de junho de 1899. Este, além de demonstrar a organização desta "instituição", traz também os valores a serem pagos pelas associadas:

"Estatutos

- 1- O clube é constituído por 9 sócias e não devem ser admitidas mais (sócias).*
- 2- Com a saída de uma sócia pode haver a admissão de outra.*
- 3- A cada semana haverá reunião, nos sábados à noite, alternadamente em casa das associadas*

¹¹ Ibidem. Idem.

- 4- *As contribuições são pagas a cada reunião do clube, no valor de R 100 rs., não importando se associada está presente ou não.*
- 5- *Em caso de não comparecer à reunião a associada pagará R 40 rs. de multa.*
- 6- *A cada ano será escolhida por votação uma caixa e um secretária, as quais deverão prestar contas anualmente.*
- 7- *Cada associada tem uma fita que deverá ser usada na noite da reunião, em caso de esquecimento será cobrada multa no valor de 40 rs.*
- 8- *Toda associada tem direito a trazer não sócias, devendo pagar 100 rs. para entrar.*
- 9- *Quando for anunciada uma nova associada, esta admissão se dará por "Ballotage", sendo que metade deve ser a favor para que ocorra a admissão.*
- 10- *Não poderá ocorrer nenhuma "Ballotage" sem ter sido anunciada numa reunião anterior.*
- 11- *Quando uma sócia sair perde todos os direitos ao patrimônio do clube.*
- 12- *O dinheiro arrecadado será gasto, com a anuência de todas, em diversões, etc.*
- 13- *Todas as sócias devem trazer bom-humor e deixar todos os aborrecimentos em casa.*
- 14- *A reunião tem início às 19:30 e termina às 21:30, caso não se estenda mais.*
- 15- *Decisões novas só podem ser tomadas caso todas estejam a favor, sendo que as mesmas deverão ser registradas e assinadas por todas.*

Joinville, 12 de agosto de 1899

*Rosa Delitsch
Martha Schwochow
Lina Boehm
Verena Stock
Sofie Niemeyer
Sophie Lepper
Jenny Jordan
Elli Brand
Frida Colin
Jenny Lepper
Luise Lange
Emma Stamm
Lilly Tiede
Helene Lepper
Marie Beckmann"¹²*

¹² **Heiterer Wochenschluss.** (Alegre fim de semana), fundado a 16 de junho de 1899. Estatuto. Clube de crochê. Documento manuscrito em alemão gótico, 2p. Junto ao documento encontra-se uma fitinha vermelha com o nome de clube. Tradução: Maria Thereza Böbel.

Um clube exclusivo, um “espaço discutidor”, o **Alegre fim de semana** revela, possivelmente, um ensaio de esfera pública feminina. Não sendo a participação política “autorizada” às mulheres, outras formas de organizarem-se e “adentrarem” em novos espaços, talvez, forjavam-se nas “instituições-crochês”. Esta possível esfera feminina, nos lembra do que Habermas verificou sobre a “esfera pública literária em relação à esfera pública política”. Segundo este autor, “ ... *mulheres e dependentes estão excluídos da esfera pública política tanto de fato quanto de direito; enquanto o público leitor feminino, assim como alunos e mensageiros, tem com frequência uma participação mais forte na esfera pública literária do que os proprietários privados e os próprios homens adultos.*”¹³

As mulheres do **Alegre fim de semana**, demonstram, através de suas normas, uma preocupação com a seletividade: “ *é constituído por 9 sócias e não devem ser admitidas mais.*” Não foi possível verificar porque assinam no estatuto quinze mulheres, pois falam em nove. Contudo, esse “crochê” durou muitos anos. Encontramos uma poesia de Lilly Tiede¹⁴, uma das associadas, sobre este “crochê”, datado de 1929. A beleza de sua poesia e os detalhes que revela, nos conta um pouco daquelas mulheres.

“ O Clube das Velhas Senhoras!
*Viviam em um lugar muito bonito,
 E tinham ali um simpático clube,
 Era o Clube das Velhas Senhoras
 que se reunia a cada semana.
 Elas ainda não haviam sido lambidas pela cultura,
 ainda usavam os cabelos em coque,
 mal conheciam a linha esbelta,
 e ocupavam muito espaço no mundo.*

¹³ HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. p. 73.

¹⁴ Lilly, como era chamada por todos, na verdade chamava-se Karoline Mathilde, nascida Brand em 1857, casou-se com Alfred Tiede, antigo dono da “Cervejaria Tiede”, onde hoje localiza-se a “Cervejaria Antártica” e emigrou para Joinville em 1881 com sua família.

Usavam ainda as saias compridas e largas
 para cobrir as maravilhas de baixo,
 pois quando ainda eram moças e belas,
 não se mostrava as pernas.
 Não se usava saias tão curtas
 como se fossem tangas,
 e em sociedade não se falava nunca
 de pernas, panturrilhas ou joelhos.
 A gente se comportava com decência e elegância.
 No entanto, duas senhoras não puderam deixar
 de se ocupar com a modernização
 mandaram cortar as tranças
 e os cabelos das velhas cabeças.
 Mas não fizeram mais que isso.
 Deixaram as saias compridas, pois pensavam
 o que Schiller cita no 'Mergulhador':
 'Que o homem não tente os deuses,
 e não queira, nunca e jamais, ver o que
 misericordiosamente, eles encobriram com a noite e o
 medo.'
 Pois bem, estas simpáticas senhoras,
 que se reuniam a cada semana para,
 com deliciosos doces e muito chá,
 conversar e trocar suas alegrias e tristezas,
 também aquilo que aconteceu na semana passada.
 Tudo era discutido e comentado.
 Mas, antes de desfrutar deste prazer,
 tinham que recolher uma taxa!
 Agora, depois de tantas semanas
 em que se reuniram, onde quer que fosse,
 juntaram uma pequena fortuna:
 300.000 mil réis.
 A dívida agora é,
 como gastaremos este dinheiro?
 Vamos para Bananal,
 para saborear um lauto almoço?
 Ou descemos a São Francisco
 para nos divertirmos, alegres e animadas?
 Ou será que deveríamos ir lá fora no Krelling
 e esbanjar tudo em um banquete?
 Peço às senhoras que pensem no assunto,
 Deveríamos doar o dinheiro?
 Sou de opinião que em nosso próprio proveito
 deveríamos gastar uma vez esta quantia.
 Pois não estaremos reunidas mais por muito tempo.
 Esta é a opinião da velha Tiede. (Lilly Tiede)

Helene Hygon
 Helene Lepper
 Lina Boehm
 Jenny Lepper
 Emma Stamm

Luise Lange
Lilly Tiede
Joinville, maio de 1929”¹⁵

“Sobre tudo discutiam e comentavam”, conheciam as novidades da moda (a “modernização” fez com que duas senhoras cortassem as tranças), e tinham o hábito da leitura, Lilly conhecia a obra de Schiller. Se compararmos as assinaturas de 1899, com os nomes citados por Lilly na poesia escrita trinta anos depois, observamos que se trata das mesmas pessoas. Exceto Helene Hygon, todas as outras são antigas associadas, que encontravam-se regularmente, conversavam, discutiam, tinham suas cumplicidades, passeavam juntas.

Mas, o que faz um grupo (re)criar aqui suas tradições, transportar para cá o hábito de “crocheter” ? Aliás, os “crochês” na verdade permaneceram com este nome em homenagem a esta antiga tradição, pois na prática os trabalhos manuais não necessariamente faziam parte da reunião.

Bela Feldman-Bianco e Dona Huse, ao analisar a vida (e a saudade) cotidiana dos portugueses que vivem no sudeste de Massachusetts, uma região que, segundo elas, há mais de um século atrai imigrantes dos Açores, Portugal continental e Madeira, dizem que: “(...) *migrantes portugueses de origem rural continuam a ritualizar as suas memórias da terra natal numa sucessão de festas folclóricas regionais.*”¹⁶ Apesar das especificidades das diferentes imigrações, e pensando também não só nas festas, mas nos “Kraenzchen”, parece-nos que a análise destas autoras “serve” também para Joinville:

“ *Esta contínua incorporação do passado no presente talvez seja característica de enclaves imigrantes em*

¹⁵ O clube das velhas senhoras. Poesia escrita por Lilly Tiede em 1929. Acervo pessoal de Maria Thereza Böbel. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹⁶ FELDMAN-BIANCO, Bela e HUSE, Dona. Entre a saudade da terra e a América: mulheres imigrantes. In: Estudos Feministas. vol. 3, nº 1/95. p. 96

qualquer parte do mundo. Aparentemente, as representações simbólicas e práticas sociais associadas a Portugal podem ser interpretadas como mera nostalgia. No entanto, estas múltiplas camadas de tempo e espaço, superpondo significados e valores culturais que estão muitas vezes em conflito, são representações dinâmicas da forma pela qual migrantes percebem e confrontam as mudanças verificadas nas suas condições de existência na intersecção de culturas."¹⁷

A saudade da terra, pode construir aqui outras formas de sociabilidades, como por exemplo, as atuais festas germânicas que existem no Estado, mas também, preservam tradições. Marie Lepper Fanghaenel, nasceu em Joinville em 1911, casou-se e morou na Alemanha, voltando para cá após a 2ª Guerra Mundial. Quando voltou começou a participar de um "crochê": *"Tinha, sim. Foi, nós éramos oito, hoje todas morreram. (...) Agora morreu esse Kraenzchen, esse crochê. (...) muitos anos. Quando eu cheguei da Alemanha elas já tinham esse crochê. (...) Agora acabou."* Mas existem outros, *"Não sei de que, mas em todo caso crochê, se chama crochê, ninguém faz crochê."*¹⁸



"Kaffe-Krauzchen" (Crochê-Café ou Crochê-Lanche). (Acervo:AHJ)

Ao que tudo indica, a existência desses grupos nunca passou de sapercebida,

¹⁷ Ibidem. Idem.

¹⁸ MARIE LEPPER FANGHAENEL. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva em 04/02/1997.

seja pelas reminiscências, pelas poesias, por referências nos livros de boas maneiras, ou ainda, pelos relatos de viajantes. Em 1901 foi editado na Alemanha um livro sobre a Colônia Dona Francisca, Hansa e Blumenau, escrito por Robert Gernhard, que imigrou da Turíngia em 1884 com a mulher Luíze e duas filhas, morou em Joinville por mais ou menos quinze anos e durante alguns anos em que esteve aqui foi redator do jornal Reform. Neste livro, a existência dos “crochês” é citado:

“ Entre as gentis leitoras certamente surgirá o silencioso desejo de saber algo mais sobre a vida social em Joinville no que se refere às relações das senhoras entre si. Devo dizer-lhes que neste aspecto acontece o mesmo que em qualquer cidade pequena na Alemanha. Há determinados clubes de crochê femininos, realizados alternadamente na casa de suas participantes, sendo difícil o acesso a eles. Senhoras, jovens ou mais idosas, principalmente colegas de escola etc., formaram crochês entre si, nos quais as questões de toilette são discutidas não só com o mesmo ardor, mas também com a mesma compreensão que na Alemanha, em situação similar. A joinvilense dispõe, (...) quase sempre de uma aparência bastante graciosa, comportamento gentil e boa saúde.”¹⁹

¹⁹ GERNHARD, Robert. **Dona Francisca, Hansa und Blumenau** - Eine Festschrift. (Dona Francisca, Hansa e Blumenau - uma edição comemorativa). Breslau, 1901. As páginas 182-193, referem-se a aspectos cotidianos da Joinville do século passado, e foram traduzidas, para esta pesquisa, por Maria Thereza Böbel. É importante destacar que na página 183 deste livro, encontramos uma fotografia de um “Kraenzchen” joinvilense, a mesma foto, pode ser encontrada no AHJ, e trás a expressão “Kaffee-Krauzchen”, que quer dizer, crochê-café ou café-lanche.



"Häkellust" (Vontade de fazer crochê) Fundado em 1900.
Foto tirada a 28 de julho de 1903. (Acervo:AHJ)

Além do
Clube
Alegre fim
de semana,
fundado em
1899, outros
podem ser
citados,
como por
exemplo, o

Häkellust (Vontade de fazer crochê), fundado em 1900.²⁰ Embora seja difícil perceber os detalhes, é possível observar que uma das associadas, sentada à direita, posa para a câmera com um crochê nas mãos. A mesa arrumada e seus olhares firmes foram flagrados pelo fotógrafo.



"Sprühteufel" (Diabinhas Borbulhantes). (Acervo:AHJ)

Também,
algumas
fotos com
anotações,
apesar de
sem data,
aparentam
pelas roupas,
serem do

²⁰ No verso da foto, encontramos a seguinte frase: " Turma de crochê 'Hakellust', fundada em 1900. Foto tirada a 28 de julho de 1903. 'Hakellust' (Vontade de fazer crochê)". Tradução: Maria Thereza Böbel.

século passado, como a foto que mostra a reunião do grupo **Sprühteufel Club** (Clube Diabinhas Borbulhantes). Este último também composto por sobrenomes “ distintos”, como Trinks, Lepper, Niemeyer e Parucker.²¹

Mas, se os “Kraenzchen” atuais nem sempre fazem crochê, o mesmo nem sempre acontecia no século passado. Em uma das fotografias analisadas é possível observar que das sete participantes das **Diabinhas Borbulhantes** que aparecem na foto,



“Sprühteufel”(Diabinhas Borbulhantes). (Acervo:AHJ)

duas estão
crochetando
e uma lendo
um livro,
talvez em
voz alta,
para as
outras. É
claro que
devemos

lembrar que uma fotografia geralmente não é “natural”, fazemos pose para as câmeras, mas, as linhas, as agulhas e os livros estavam lá...

Contudo, se essas reuniões faziam parte da prática cotidiana de algumas mulheres, para outras, se existiram, não mereciam tanta atenção. Refiro-me aqui as

²¹ Salienta-se que ao comparar os nomes no verso das duas fotos das **Diabinhas Borbulhantes**, observamos, pelo acréscimo de outros sobrenomes, que algumas haviam casado quando tiraram a segunda foto. Fato que evidencia que mesmo após casadas, as associadas preservaram esta prática.

palavras de duas mulheres que nasceram em Joinville no século passado. Maria Emilie Stamm, nascida em 1873, ao “recordar”, não cita a participação em nenhuma “Kraenzchen”, ao contrário, conta de muito trabalho, “de muita lida”, e, nas poucas referências que faz a momentos de diversão, conta dos bailes.²² Já, Mella Kroehne, nascida em 1853, destaca muito os bailes, a moda, os passeios, e o “Kraenzchen”.

“ Várias famílias de imigrantes das mais conceituadas, formaram um ‘Kraenzchen’ (Grinaldinha), grêmio este que oferecia uma reunião de 6 em 6 semanas aos associados, sendo que tais reuniões sempre decorriam na maior harmonia. Infelizmente nas noites de ‘Kraenzchen’ chovia muitas vezes - o que não impedia, de modo algum, o comparecimento maciço das famílias. ”²³

Apesar de encontrarmos referências aos “crochês” quase sempre ligados às reuniões femininas, um anúncio da Sociedade de Canto Helvetia de 1901, indica que a expressão “Kraenzchen” também era usada para reuniões maiores, como por exemplo, apresentação de cantos ou bailes:

*“ Sociedade de Canto ‘Helvetia’
Sábado, 23 de fevereiro
‘Kränzchen’
no Salão Fischer*

*para o qual todos os sócios são convidados através deste.
Além disso, cada associado tem direito a duas entradas
para não-sócios, estando as mesmas à disposição junto
ao Comitê abaixo assinado.*

Entrada por pessoa a 500 Rs.

*À prezadas senhoras solicitamos que tragam flores para a
decoração do salão.*

O Comitê:

E. Grossenbacher, J. Müller, B. Wunderlich. ”²⁴

²² Narração de “Frau Stamm.” Joinville, 12 de junho de 1961. In: **Contos do início da imigração**. Trabalho da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização. Joinville, 1992. Mimeo. pp. 3-8. O relato foi feito por Hilda Anna Krisch a partir de pequenas recordações de infância contadas por Maria Emilie Stamm em maio de 1961. Maria Emilie, nascida Scharp, no dia 05/03/1873, em Joinville, faleceu em 1964 com 91 anos de idade. Traduzido por Hilda Krisch e Dietlinde Clara Rothert. Seus pais, Johann e Wilhelmine Scharp, nasc. Sellnow, recém-casados, chegaram com o 2º navio “Emma e Luise” para a Colônia Dona Francisca, fixaram-se num lote da Estrada da Cruz, onde ficaram até morrer. O casal teve 10 filhos, todos aqui nascidos, dos quais quatro morreram ainda crianças.

²³ Relato de Mella Kroehne. In: **Boletim Informativo do AHJ**. Joinville, ano 5, nº 2, 03/1988. p. 10.

Reuniões maiores, onde as mulheres também estavam presentes, aliás, convidadas em especial para decorar o salão.

Elly Herkenhoff, nascida em Joinville em 1906, morou muitos anos fora, retornando em 1972. De lá para cá vem se dedicando à pesquisa da história da cidade e, por ser descendente de alemães e conhecer a língua, conhece muito a história local, por ouvir de seus antepassados, ou pelo acesso que tem à documentação em alemão, manuscrita ou impressa, do AHJ. Ao buscar compreender esses “crochês” é oportuna as observações desta escritora.

“ (...) à medida que a cidadezinha ia crescendo, também ia crescendo o número de círculos e começou a diversificação do nome, quando um grupo de donas-de-casa decidiu autodenominar-se “Haekelklub” (Clube do Crochê), talvez porque as participantes se dedicassem exclusivamente ao crochê, durante os encontros, realizados sempre à noite e nos quais até mesmo os maridos às vezes tomavam parte - não fazendo crochê, evidentemente, mas divertindo-se com jogos diversos, em outro compartimento da casa.”²⁵

É recorrente em várias fontes o fato destes encontros acontecerem à noite, pois, com tantos afazeres, tanto para as pobres, quanto para as mais ricas, durante o dia não tinham tempo para dedicar-se a tais encontros, deixando então para os fins de semana e as noites, a participação nos “crochês”. Seus assuntos e preocupações? Os filhos e os trabalhos da casa? Não. Não só.

“ Engana-se os que julgam pelas aparências, acreditando que o assunto nesses encontros - ontem como hoje - não passava e não passa de crianças e criadas, futilidades e fofocas. (...) se havia o desejo de expansão e intercâmbio de conhecimentos e experiências entre as amigas, esse clima nos foi sendo transmitido de geração em geração (...) círculos em que os assuntos são de surpreendente

²⁴ Jornal *Kolonie-Zeitung*, Joinville, 21/02/1901. p. 2. Tradução: Maria Thereza Böbel.

²⁵ HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho...* p. 215.

*complexidade. (...) Círculos, houve e continua havendo, em que as participantes não apenas executam os mais delicados e complicados trabalhos de bordado ou crochê, após o lanche, mas onde trechos especiais de publicações são lidos em voz alta e depois debatidos (...)*²⁶

O que falavam, sonhavam ou discutiam, não é possível “ouvir”. Mas, se tudo era “discutido e comentado”, como disse Lilly Tiede, e se leituras eram feitas e debatidas, possivelmente, nem por todos essas reuniões eram bem vistas. Como exemplifica os versos de uma poesia que citamos anteriormente neste trabalho e que valoriza as atividades manuais, desde que feitas sem o encontro de muitas mulheres: *“Isto vale muito mais / Do que ir aos cafés-lanches, / Onde não se escuta nada de bom.*”²⁷

As palavras de Lilly Tiede, as poesias de boas maneiras, bem como, os registros “deixados” pelas associadas, reforçam, como já mencionamos, um ensaio de esfera pública feminina. Assim, mais do que revelar detalhes desses “Kraenzchen”, procuramos evidenciá-los, pois, a existência destes grupos não pode passar despercebida quando procuramos dar visibilidade para as atividades daquelas mulheres.

²⁶ Ibidem. p. 215-6.

²⁷ HENLE, M. A fein's benehma. (Boas maneiras) p. 39. Livrinho de boas maneiras em forma de poesias em dialeto alemão, dirigido a adolescentes. Pertenceu à família Carlos Schneider, imigrada em 1881. Tradução desta poesia: Maria Thérèza Böbel.

3.2- Os bailes: de brasileiros e imigrantes

Falar da diversão²⁸ da cidade de Joinville no século passado, é também trazer à tona as diferenças étnicas. Aliás, diferenças que perpassam vários aspectos do cotidiano daquelas pessoas, e possivelmente, é nos espaços de diversão que se apresentam mais nitidamente. Os discursos sobre Joinville, indicam quase sempre, uma verdadeira harmonia, expressas, por exemplo, nas palavras de Crispim Mira, sobre a cidade no início deste século:

*“Ainda é puro o organismo social. Não n’o invadiram as corrupções de que padecem suas parceiras. Assim é que aqui não se indaga da bolsa ou da origem do indivíduo ou de sua posição. Indaga-se unicamente da honrabilidade dos sentimentos.”*²⁹

Todavia, não nos parece que esta harmonia descrita por Crispim Mira correspondesse ao que acontecia. Na prática a cidade era dividida, as atividades, especialmente as culturais, destinadas a brasileiros ou a imigrantes, explicitando que houve conflitos na constituição da cidade, como mencionamos nos capítulos anteriores. E, a respeito desta divisão, Apolinário Ternes tece o seguinte comentário sobre as palavras de Crispim Mira:

“ Pode-se e deve-se dar um bom desconto ao entusiasmo de Crispim Mira ao descrever a Joinville de 1905.(...) Contudo, eliminando-se alguns arroubos, a descrição

²⁸ Utilizamos a palavra diversão, e não lazer, para designarmos as diversas atividades que faziam parte das sociabilidades de homens e mulheres da cidade de Joinville, no século passado. Pois, Denise Bernuzzi de Sant’Anna, em **O prazer justificado**, demonstra como o conceito de lazer vai estar relacionado com as atividades do “tempo livre” nos espaços urbano e industrial. Como, não são estas as características da cidade no período estudado, pois, só a partir de 1880 que podemos observar uma incipiente urbanização, concebemos essas práticas em Joinville como diversão. Ver: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. **O prazer justificado: história e lazer** (São Paulo, 1969/1979).

²⁹ Essas palavras são do jornalista joinvilense Crispim Mira. In: TERNES, Apolinário. **Joinville, a construção da cidade**. p. 122. Grifos nossos.

serve para revelar o clima, o ritmo e o rumo de Joinville nos primeiros anos do século XX. Com certeza a vida não se reduzia a situações tão prosaicamente harmoniosos e felizes. Naquela Joinville, acentuava-se uma nítida divisão entre alemães e brasileiros e desde ali, em razão de disputas econômicas, políticas e sociais, os alemães começariam a se organizar cada vez mais 'entre eles', optando preferencialmente até por um espaço urbano próprio, do centro em direção Norte, enquanto os brasileiros e lusos ficariam cada vez mais na zona sul. Existiram divisões sim, cada vez mais profundas e notórias, com 'sociedades' para os alemães e para os lusos (...)"³⁰

As atividades e sociedades próprias de cada grupo étnico podem ser verificadas, por todo o período estudado. O número de atividades e de sociedades, verificadas principalmente pelos anúncios de jornais, para os alemães e teuto-brasileiros é bem maior que para os brasileiros. O número de locais destinados às práticas recreativas na cidade eram consideráveis já no início da colonização. As estatísticas de 1867, portanto apenas dezesseis anos após a fundação da Colônia, apontam a existência de quatro salões de baile e quatro pista para jogos de bolão.³¹ O fato do número de sociedades para os imigrantes e descendentes serem maiores dava-se, possivelmente, por serem estes mais numerosos na cidade. No final de 1870, Joinville apresentava um total de 6.452 habitantes, sendo 4.085 estrangeiros e 2.367 joinvilenses ou naturalizados.³²

Contudo, analisando as várias notícias sobre estas atividades, poucas são as que deixam explícitas a separação. Mas, buscando compreender um pouco mais de como se relacionavam no dia-a-dia estes grupos, os indícios de diferenciação apresentam-se. Ao entrevistar o Sr. Adolfo Bernardo Schneider, nascido em 1906, escritor dedicado a

³⁰ TERNES, A. *Joinville, a construção da cidade*. p. 126.

³¹ Subsídios históricos. Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff. Excertos do *Kolonie-Zeitung*. Notícia de 20/07/1867. In: *Blumenau em cadernos*. Tomo XXX, Março de 1989, nº 3. p. 81..

³² Idem. Notícia de 18/03/1871. In: *Blumenau em cadernos*. Tomo XXXIV, Abril de 1993, nº 4. p.122.

história local e à preservação da memória dos imigrantes, conhecedor das histórias da Colônia desde o século XIX, especialmente pelo o que ouvia de seus pais e pelos vários anos de pesquisa no AHJ, ao perguntarmos sobre os bailes, se era tanto para alemães, quanto para brasileiros, ele nos respondeu rapidamente: *“Pagava a entrada e tinha direito.”*³³ Mas,...

*“ Não havia separado. Separação havia apenas com os pretos e os mulatos. Que em Joinville era uma classe de gente muito pobre, que nem roupas tinha para vestir para ir ao baile. Existia um salão de baile na zona sul lá onde eles moravam. Existia uma classificação dentro da cidade, regiões onde moravam os teutos, os alemães e os protestantes, havia outra região onde moravam os católicos, geralmente os lusos, também tinha alemães católicos, mas que morava para lá. Então havia uma separação entre religiões (...) Havia separação entre religiões, não somente étnica.”*³⁴

Aparentemente, a separação era apenas com os “pretos e os mulatos”. Mas, aos poucos, outros dados foram revelando-se:

*“ A separação acontecia dentro do salão. O salão era geralmente grande, (...) então numa banda sentava os teutos e na outra banda sentava os lusos. (...) Da família também tinha preconceito. (...) Havia pais que (...) assim como eles não concordavam com a mistura de brancos com pretos, assim não concordavam com a mistura.”*³⁵

As palavras do Sr. Adolfo revelam outras formas de sociabilidades, não imbuídas de harmonia, mas carregada de preconceito. Porém, o preconceito com o brasileiros é, às vezes, “amenizado” pelo fato de ser católico. Não é, portanto, neste caso, a etnia, mas o credo o elemento diferenciador:

“ (...) então os conselhos e instruções que o pai dava para a filha, é que, as filhas não podiam nem começar namoro

³³ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva, em 29/04/1996.

³⁴ Idem.

³⁵ Idem.

*com algum luso, porque também tinha diferença de religião, que era também talvez o mais importante.*³⁶

Não parece ser uma explicação plausível, e possivelmente não seja, mas, de qualquer forma, as contradições permeavam as relações daquelas pessoas. Os bailes, seja pela frequência ou pelas descrições, revelam-se espaços privilegiados de diversão das pessoas que viveram em Joinville no século passado, às vezes começavam à tarde, outros iam até o amanhecer. Ottokar Dörffel, em uma de suas cartas, conta à sua mãe sobre um desses bailes, já no começo da colonização:

*“ Dona Francisca, 25 de agosto de 1855
Minha querida mãe!
(...) Nós estamos a dois em nossa sala, vestidos com roupa de festa. Ida veste um vestido de seda colorida com tudo que anda preso em volta, eu visto uma casaca verde com botões dourados (...) enquanto a chuva cai , jocosamente, em grossos pingos contra nossa janela. Em consequência de um convite, queríamos, justamente, dirigir-nos a um “Thé Dansant” promovido pelo recém-casado comerciante Lange de Joinville, quando uma trovoadas puxou pelo céu e sua chuva molhada impediu nossa saída. (...) Porém, a chuva passou (...) Por hoje eu guardo a pena, para relatar-lhe, mais tarde, os pormenores do Baile.”*³⁷

Como havia prometido, na próxima carta, Ottokar conta do baile:

*“ (...) preciso contar a você, sobretudo, como foi o baile acima imaginado.(...) No início só se dançava, durante a refeição, que a propósito estava fria e bastante frugal, que o grupo ficou animado, e finalmente, quando me tornei um pouco mais alegre, soltei uma porção de divertimentos para entretenimento geral. Somente pela manhã voltamos para casa.”*³⁸

³⁶ Idem. Ainda, segundo depoimento de Maria Thereza Böbel, que pesquisou a documentação da Igreja Luterana em Joinville, o primeiro casamento inter-étnico, em Joinville, só aconteceu na década de 70 do século passado.

³⁷ Carta de Ottokar Dörffel, para sua mãe, datada de 25/08/1855. Tradução: Helena Remina Richlin.

³⁸ Carta de Ottokar Dörffel, para sua mãe, datada de 21/09/1855. Tradução: Helena Remina Richlin.

Os bailes, mesmo que “dançados descalços”, também foram recordados com carinho por Maria Emilie:

*“ Quando dançávamos, as vezes também cantávamos, era diferente de hoje, era uma harmonia, não existia o orgulho. Nós até iamos descalços no baile dançar. Quando chovia dançávamos nas casas, nós nos divertíamos; a música era uma gaita. (...) Ah, como isto era divertido, estávamos sempre alegres, até dançávamos descalços. ”*³⁹

Vaidosa, mesmo com dificuldades e, às vezes, de pés-descalços, Maria Emilie revela o orgulho de “estar na moda”:

*“Durante algum tempo estava na moda usar aventais, estes a gente comprava no Hingler, eles eram amarrados nas costas, como a gente se sentia orgulhosa quando estava usando um destes aventais, iamos até dançar com eles, (...) ”*⁴⁰

Espaço para a diversão, lugar de mostrar-se bem vestido - Ottokar descreve suas vestes e Maria Emilie destaca o avental - é por vezes, também, espaço de conflitos, brigas e concorrências.... Adolfo B. Schneider lembra-se das histórias que conhece sobre as brigas nos Salões de Baile, ao contar que a separação entre imigrantes e brasileiros acontecia dentro dos salões, ele acrescenta:

*“ Então se surgia uma briga, até brigas muitos feias sabe, quando chegava o grupo de lusos, encomendava cerveja, cerveja era barata, 200 réis uma garrafa,(...) Então eles compravam cerveja em garrafa, vinha junto copos vazios, e quando viam os teutos e viam a mesa cheia de garrafas, dizia: também vamos comprar. Quando surgia um pega qualquer, chegava uma moça, insistia então dançar com aquele luso e ele insistia e então vinha o dono do salão e dizia você não está vendo que ela não quer dançar, às vezes expulsava aquele luso do salão. Ai então começava o negócio. Muita gente se metia e começava as garrafadas, voando garrafas pelo salão, inteiras ou quebradas, era uma coisa muito perigosa. ”*⁴¹

³⁹ Narração da “Frau Stamm”. Cit. pp. 6-7.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER. Cit.

São as mulheres, ao que tudo indica, o motivo da discórdia, mas, o fato delas (teutas) não aceitarem o pedido de um “luso”, é explicado pela diferença da língua. “*Tudo depende do conhecimento da língua portuguesa (...) as moças alemãs não compreendiam o que o moço luso falava para ela...*”⁴² Obviamente, conversar numa outra língua é difícil, mas, o fato das famílias serem contra as “misturas”, pesava bastante.

Mella Kroehne, também falou dos bailes dando a eles grande importância, tanto que, para dançar fazia “sacrifícios”:

*“ Na época ainda não existiam os coches em Joinville e como o local da reunião ficava um tanto afastado do centro, alugava-se uma carroça de 4 rodas, que oferecia como assentos, sacos recheados de palha. E lá íamos nós - o vestido branco de musselina, sem o qual moça nenhuma aparecia nas festas - cuidadosamente dobrado e envolto num guardanapo branco, no colo - e lá íamos nós! No próprio local da reunião mudávamos de vestido. O local tinha o nome de “ Zum Deutschen Kaiser ” (Ao Imperador Alemão) e localizava-se à rua Santa Catarina, numa distância de meia hora do centro e pertencia a um senhor de nome Kalotscke. Mantinha ele, além do salão de baile, um restaurante num jardim, junto a um parque. Tudo de primeiríssima, para a época. ”*⁴³

Segundo Mella Kroehne, no salão do Sr. Kalotschke, quase todos os domingos havia concerto e domingueira (tarde dançante).⁴⁴ Aliás, os bailes associados a apresentações de corais e teatro, parece ser característica dos grupos germânicos, diferente dos bailes dos brasileiros, pois, analisando os jornais escritos em português,

⁴² Idem.

⁴³ Relato de Mella Kroehne. Cit. p. 10.

⁴⁴ Idem.

observamos por exemplo, que os anúncios de bailes (ou a partida do mês como chamavam) não costumavam citar outras atividades conjuntas:

“Hoje dá a Sociedade “Circulo Familiar” a sua partida correspondente a este mez.”⁴⁵

“Dá hoje o “Congresso Joinvilense” a sua partida mensal (...)”⁴⁶

Já, os anúncios dos bailes destinados principalmente para o público alemão, presentes principalmente nos jornais impressos em alemão, costumavam demonstrar que os bailes acompanhavam outra atividade, como as apresentações de peças, canto ou tiro ao alvo:

*“No 1º dia de Pentecostes, concerto, no 2º dia grande concerto, à noite baile.
Local: A. Kalotschke.”⁴⁷*

*“Sociedade Harmonia
Domingo, 23 de maio, teatro e baile será apresentada a peça ‘De sete, a mais feia’, comédia em 3 atos (...)
Início às 7:30h da noite
Joinville, 6.5.1880
Direção da Sociedade Harmonia”⁴⁸*

“Guten Abend - Deu esta sociedade, no domingo passado, um animado baile à noite, e a tarde tiveram lugar os tiros ao alvo, por muitas senhoras. Os divertimentos estiveram concorridos e alegres.”⁴⁹

Mas, encontramos também anúncios que referem-se só a bailes:

“Domingo, 9 de maio, baile, local Molitor.”⁵⁰

⁴⁵ Folha Livre. nº 14. p.3- 24/04/1887. (Secção Noticiosa)

⁴⁶ Folha Livre, nº 5 p.2 20/02/1887.

⁴⁷ Anúncios. Kolonie Zeitung. Joinville, 15/05/1880, nº 20, p. 82. Tradução: Maria Thereza Böbel. Obs.: O local é o mesmo citado por Mella Kroehne.

⁴⁸ Anúncios. Kolonie Zeitung. Joinville, 08/05/1880, nº 19, p. 78. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁴⁹ Gazetilha. O Globo. Joinville, 11/05/1884, nº 10. p. 40.

⁵⁰ Anúncios. Kolonie Zeitung. Joinville, 08/05/1880, nº 19, p. 78. Tradução: Maria Thereza Böbel.

*" No 1º dia de Pentecostes, baile.
Local Karl Patzsch, Annaburgo. "*⁵¹

*" Domingo, 9 de maio, baile.
Local R.W. Klatt.
Início às 4h. da tarde. "*⁵²

*" No 2º dia de Pentecostes, 17 deste mês, baile.
Local Johannes Reinhardt. Esquina das Estradas da
Serra e da Ilha.
No caso de bom tempo, início às 2h da tarde. "*⁵³

Os salões Berner, Fischer, Kalotschke, Molitor, entre outros, foram certamente palco de animadas festas, mais procurados pelos imigrantes e seus descendentes. Já, os brasileiros tinham, no período estudado, os bailes do **Congresso Joinvilense**, outros também, mas na imprensa o que mais aparece é do Congresso.

" Sob o nome de 'Congresso Joinvillense' fundou-se nesta cidade, em dias do mês passado, mais uma sociedade dançante, cuja diretoria ficou assim composta: presidente, o Sr. Antonio José Ribeiro; vice-presidente, o Sr. Antonio Pereira de Macedo; secretário, o Sr. Luiz José Cezarino da Roza; tesoureiro, o Sr. Antonio Joaquim Guerreiro de Faria e procurador, o Sr. José Joaquim Alves Machado. Com tal direção prevemos longa vida à nova sociedade.

No dia 31 do passado teve lugar, no salão Berner, o baile de sua instalação, que finalizou às 4 horas da madrugada, voltando os sócios e famílias já sob os primeiros clarões do ano novo.

*No dia 30 do corrente terá lugar a sua segunda partida. "*⁵⁴

Pelos sobrenomes que compunham a diretoria, observamos ser uma sociedade destacadamente brasileira. Os anúncios de suas "partidas" estão sempre presentes na

⁵¹ Idem.

⁵² Idem.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Seção Noticiosa. **Folha Livre**. Joinville, 23/01/1887, nº 1. p. 2.

Folha Livre, desde os comentários sobre as “toilettes” femininas que passeavam pelos salões, até a falta de “modos” de alguns homens.

“ - Baile do Congresso, baile de sucesso.(...)

As toilettes singelas. Vi um belo vestido de raminhos sobre fundo creme; outro branco com fitas rose, muito pchut; e um de listas violáceas largas em campo branco, elegante; um leque de cartão bem escolhido e uma flor que se destacava deliciosamente da cabeleira cor de nankin de uma brunette muito faceira (...) Assim é que eu gosto das brunettes!”⁵⁵

“ Ao sairmos de um baile, ultimamente, ouvimos esta conversa entre moças: -Não imaginas quanto estou caceteada! Dança-se com certos... cala-te boca!

- É exato, diz outra, e se fosse só isso!... Olha, meu vestido novo como está enxovalhado e sujo. Eu não digo que se calce luvas gris-perle para valsar conosco, mas tenha-se mãos aceiadas. Pobre vestido! (...)

Nós que ouvimos a conversa dissemos muito intimamente: Essas duas simpáticas mocinhas tem carradas e carradas de razão. Se fossemos elas mandavamos aos quidams de mãos sujas um sabonete e um caco de telha. O baile é uma reunião de cavalheiros e senhoras de boa sociedade, o aceio faz parte da etiqueta e da boa educação.”⁵⁶

As observações dos autores da coluna Seção Amena da **Folha Livre**, por vezes, eram criticados por seus comentários. Gonsalinho e Curuvina, eles mesmos, em esclarecimentos “Aos leitores”, diziam: “*Alguns rapazes também ficaram furiosos com aquele artiguete chamado ‘as Mãos Suja’.*”⁵⁷ Como a Seção Amena era destinada “As leitoras” (vários de seus artigos começavam referindo-se às senhoras), os comentários dos bailes promovidos pelo Congresso vinham sempre à tona. Em tom de anúncios, ou

⁵⁵ GONSALINHO. Seção Amena. **Folha Livre**. Joinville, 17/04/1887, nº 13. p. 4.

⁵⁶ Seção Amena. **Folha Livre**. Joinville, 20/03/1887, nº 9, p. 3.

⁵⁷ **Folha Livre**. Joinville, 03/04/1887. nº 9. p.3.

de brincadeiras, os bailes do Congresso sempre eram citados. No dia 10/04/1887 - dia de baile - publicaram o seguinte:

*“ Pedimos às nossas leitoras bonitas que escolham em seus canteiros algumas florinhas simpáticas e nos mandem para colocarmos em nossas “boutonnières”, porque em recompensa dançaremos hoje uma polka e uma mazurka com cada uma que nos mimosear com uma flor.”*⁵⁸

A importância desta Sociedade para os brasileiros, assim como a existência de um jornal em língua portuguesa, haja vista que o Kolonie Zeitung era impresso em alemão, pode ser verificada através das palavras de Alice, em carta publicada na **Folha Livre** em 20/02/1887:

*“ Minha bela Mimi
(...) contar-te por meio da imprensa certas novidades que aqui se dão.(...) Embora pareça já muito fora de tempo, não posso resistir ao desejo de falar da “Folha Livre”. Como sabes, carecíamos bastante de uma folha em português, e este jornal, criado em boa hora pelos moços brasileiros, e que nos aparece de manhã cedo aos domingos interessante e guarrido, quebrando com seu espírito a monotonia do lar doméstico, não há que duvidar, encheu digna e com louvor aquela lacuna. (...) uma salva de palmas aos rapazes pela sua união, dedicação e constância. (...) Está anunciada para hoje a terceira partida do Congresso.(...) Alice.”*⁵⁹

Mas, não só na Seção Amena ou nos Anúncios que o Congresso era citado. Seis meses após a sua fundação, as notícias destacavam a importância desta Sociedade para os brasileiros.

*“ Teve lugar domingo passado, no salão Berner, o baile mensal da sociedade “Congresso Joinvillense”.
Posto que a noite estivesse um pouco chuvosa, não era de esperar a pouca concorrência que se viu, e que se*

⁵⁸ GONSALINHO e CURUVINA. Seção Amena. **Folha Livre**. Joinville, 10/04/1887, nº 12, p. 4.

⁵⁹ Seção Amena. **Folha Livre**. Joinville, 20/02/1887, nº 5, p. 3

pode tomar como indiferença da parte dos respectivos sócios, quase todos brasileiros, para com a única sociedade dançante brasileira, ou pelo menos a única que tem o título em língua do país. Criada em novembro do ano passado, conseguiu ela reunir todas as famílias brasileiras do lugar e mesmo algumas distintas famílias alemãs desta cidade; a sua instalação foi animadora, ultimamente, porém, vai-lhe aparecendo arrefecimento, sendo diminuta a frequência às suas partidas, apesar dos esforços da sua boa diretoria.

Estranhemos esse desânimo que, si se prolongar por alguns meses, terá como resultado a queda do "Congresso", vindo-se a realizar o que muitos dizem - em Joinville não dura muito qualquer sociedade brasileira -.

Considerando que nas sociedades alemãs desta cidade, as quaes pertencem muitas famílias brasileiras, as moças brasileiras não são convidadas a dançar senão pelos cavalheiros brasileiros (sem que achemos explicação para isso) torna-se preciso uma sociedade onde se recreiem as nossas famílias, maximé aqui onde os bailes são por assim dizer os únicos divertimentos.

Como sociedade brasileira o "Congresso" deveria ter uma organização mais nacional, como por exemplo abolir o artigo dos Estatutos que impõem pagamento pecuniário pelos convites, assim como renegar-se a sistema de isolamento das senhoras pelos cavalheiros, quando é até uma delicadeza, depois da dança, o passeio de cavalheiros e damas pelo salão.

Esses são os nossos costumes e os nossos hábitos.

Muito folgaremos se a distinta sociedade puder contar longos anos de uma feliz existência."⁶⁰

Salienta-se, através desta fonte, a referência as distinções étnicas. O Congresso era uma das poucas sociedades destinada aos brasileiros. E, o anúncio nos conta da necessidade de manter essa sociedade, pois, nas outras (dos de "origem"), "*as moças brasileiras não eram convidadas a dançar*". Fragmentos que revelam as "separações" na cidade. Não são muitas, além dos bailes, as referências que encontramos de atividades culturais voltadas para os brasileiros, como eles mencionavam. Mas, quando apareciam eram bem recebidas.

⁶⁰ Seção Noticiosa. *Folha Livre*. Joinville, 03/07/1887, nº 24. p. 3. Grifos nossos.

*“Espetáculo projetado. - Consta-nos que alguns moços desta cidade pretendem dar um espetáculo dramático em português, diversão puramente familiar. A idéia é boa, e estamos certos que as famílias brasileiras aqui residentes não se negarão a ajudá-los para realização de tão útil passatempo.”*⁶¹

*“Pulem, saltem leitoras. Brevemente teremos um drama em português. Um drama brasileiro em Joinville... É um grande acontecimento!!! Assim, rapaziada. Gosto disso, pois não. E depois haja quem diga que Joinville não vai em progresso! Mentira, mil vezes mentira.”*⁶²

Além desta atividade, que infelizmente não encontramos mais informações, outras sociedades brasileiras formavam-se em Joinville. Em 1887, encontramos referência ao “Grêmio José Bonifácio”:

*“O Grêmio “José Bonifácio”, modesta sociedade de moços desta cidade, elegeu, no dia 13, a sua nova diretoria, que ficou assim composta: presidente Mario Lobo (reeleito); secretário, Reinaldo Machado (reeleito) e tesoureiro, J. Celestino Junior.”*⁶³

Em 1889, um Clube criado pelos negros de Joinville:

*“Na cidade de Joinville, os libertos de 13 de Maio criaram um clube com a denominação - Instrução e beneficiência - cujo fim é propagar-se a instrução primária entre os associados, havendo para isso uma escola noturna sob a direção do nosso co-religionário A.C. da Silva Costa.”*⁶⁴

Mas, a sociedade que mais nos chamou a atenção foi a “Estrella d’Alva”:

⁶¹ Gazetilha. **O Globo**. Joinville, 15/06/1884, nº 15, p. 57.

⁶² Folhetim. **O Globo**. Joinville, 15/06/1884, nº 15, p. 58.

⁶³ Seção Noticiosa. **Folha Livre**. 23/01/1887, nº 1, p. 2.

⁶⁴ Noticiário. **Sul**. Joinville, 11/08/1889, nº 1, p. 3. O co-religionário citado deve tratar-se de Augusto Carlos da Silva Costa, membro do Diretório do Partido Republicano desta cidade.

“ Estrella d’Alva. - Algumas moças desta cidade fundaram uma sociedade de baile com esta denominação.

A diretoria ficou composta das Exmas, Sras: Presidenta, D. Amelia von Trompowski Taulois; vice-presidenta, D. Landelina de Miranda Souza Gomes; primeira secretaria, D. Theresa Gertrudes de Souza; segunda secretaria, D. Maria José Cortez; tesoureira D. Cecilia von Trompowski Taulois; procuradora D. Francisca Gertrudes de Souza.

Desejamos que tenha a maior duração esta sociedade.”⁶⁵

Procurando encontrar mais informações sobre esta sociedade, só encontramos uma referência: um ano depois a sociedade continuava existindo .

“ S. Estrella d’Alva. - Esta sociedade festejou com um grande baile no salão Laczynsky o dia 28 de Setembro, aniversário da áurea lei do imortal Visconde do Rio Branco.

Antes de começarem as danças o Ilmo. Sr. Dr. Pedro Celestino Felício de Araujo e o esperançoso jovem Leonidas Barros pronunciaram dois brilhantes discursos, que foram freneticamente aplaudidos, tocando a música, em seguida, o hino nacional.

O baile prolongou-se até as 2 horas, reinando grande animação.”⁶⁶

O que faziam estas mulheres e como eram vistas pela sociedade, não podemos inferir. Mas, ousaram. As outras sociedades eram geralmente compostas só por homens (execto os “Kraenzchen”), e além disso, a distribuição dos cargos da diretoria era composta por brasileiras e imigrantes. Fato que nos parece mais demonstrar exceção do que regra, pelo menos na Sociedade “Só para nós” (Nur Fuer Uns), fundada a 12/09/1895⁶⁷, a distinção étnica estava presente. Por ser uma sociedade “fechada”,

⁶⁵ Arquivo Geral. O Democrata. Joinville, 03/08/1884, nº 6, p. 3.

⁶⁶ Noticiário. Constitucional. Joinville, 04/10/1885, nº 2, p. 3.

⁶⁷ HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho...* p. 95. Segundo depoimento de Maria Thereza Böbel esta sociedade localizava-se em Pirabeiraba, área rural da cidade, e era, como o nome dizia, só para os imigrantes e seus descendentes.

fundada no século XIX, encontramos poucas referências sobre esta sociedade, na maioria das vezes, os anúncios de seus bailes, publicados no **Kolonie Zeitung**:

*“ Sociedade “Só para nós”
Sábado, 10 de fevereiro de 1901
Teatro e baile
Será apresentada a peça:
“Não se deve pintar o diabo na parede”
Comédia em um ato.
Início às 8 horas da noite.”*⁶⁸

Além de anúncios de bailes, por uma fotografia, identificada por Elly Herkenhoff, temos a informação de que em 18/10/1913 esta sociedade fez uma apresentação de teatro na cidade, comemorativa ao centenário da Batalha das Nações, em Leipzig.⁶⁹

Os membros desta sociedade, porém, possivelmente não eram os únicos que demarcavam a preferência quanto à participação do grupo étnico que pertenciam:

*“ Baile dos Caboclos.
Avisa-se aos sócios e convidados, que a partida do
corrente mês será amanhã, às 8 horas da noite no salão
Molitor.”*⁷⁰

Já mencionamos que as diferenças étnicas permearam as atividades de Joinville, e estes anúncios, vem exemplificar tal diversidade. Contudo, todos no mesmo salão, juntos como as mulheres da “Estrella d’Alva”, ou separados por uma linha forte, mas invisível, como o baile que o Sr. Adolfo Bernardo Schneider descreveu, ou ainda, cada um na sua, “Caboclos” ou “Só para nós”, é correto dizer que os bailes faziam parte do cotidiano joinvilense do século passado.

*“ Quem depois de morar dois meses em Joinville não
souber dançar o schottisch, a polka, a valsa e o galope*

⁶⁸ Anúncios. **Kolonie Zeitung**. Joinville, 05/02/1901, nº 10, p. 2. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁶⁹ HERKENHOFF, Elly. Dossiê entregue em 1984 ao Sr. Wolfgang Voigt, Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha, para solicitar a colaboração da RFA para a construção do prédio do AHJ.

⁷⁰ Anúncios. **Gazeta de Joinville**. Joinville, 23/04/1878, nº 30, p. 120.

(descabelado!) como os elegantes e loiros habitués do Fasching de Berlim, pode fazer cruz na boca porque morre pichote. Se há lugar em que as túbias (de ambos os sexos) andam em roda viva é aqui. Dança a senhora, dança a criada e não há velho na reserva, a não ser que o reumatismo o tenha condenado a viver triste fora dos arraiaes da coreografia e em particular da valsa, essa febre consumptiva da loira e sentimental Germania."⁷¹

Contudo, possivelmente, os bailes nem sempre eram bem vistos por aqueles que entendiam que as mulheres dedicavam muito tempo com a diversão: *" Mesmo que as senhoras joinvilenses dediquem muito tempo às horas de lazer, não deixam de ser bastante solicitadas na casa e cozinha, bem como na educação dos filhos."*⁷²

3.3- Outras formas de diversão...

Além dos bailes, outras atividades também movimentavam o lazer joinvilense. Eram várias as sociedades recreativas existentes em Joinville no século XIX, e Elly Herkenhoff cita algumas:

" Extremamente rico e diversificado é o documentário que testemunha a vida social outrora florescente em Joinville, pois logo após a chegada dos primeiros imigrantes já se organizaram comunidades eclesiásticas e escolares e em 1855 fundou-se a " Kulturverein" (Sociedade de Cultura), no mesmo ano a " Gesangverein Helvetia" (Sociedade de Canto Helvetia), seguida pela " Schützenverein zu Joinville" (Sociedade de Atiradores de Joinville) e pela Loja Maçônica "Zur Deutschen Freundschaft" (A Amizade Alemã). No ano seguinte surgiu a "Unterstützungsverein Helvetia" (Sociedade Beneficiente Helvetia) assim como a

⁷¹ CURUVINA. Seção Amena. *Folha Livre*. Joinville, 24/04/1887, nº 14, p. 3.

⁷² GERNHARD, R. Op. cit.

“Unterstützungsverein Zur Brüderlichkeit” (Sociedade Beneficente à Fraternidade). Em 1859, foi fundada a Sociedade de Teatro amador “ Harmonie-Gesellschaft” (Associação Harmonia), e a primeira sociedade de ginástica da América do Sul, sob o nome de “ Deutscher Turnverein zu Joinville”. Assim foram surgindo, ao longo dos anos e dos decênios, associações em quantidade inumerável, muitos com finalidades puramente recreativas, como “ Zum Guten Abend “ (A Boa Noite), “ Gemütlichkeit” (Aconchego), “ Zum Gemütlichen Abend” (A Noite Aconchegante), - ao lado de inúmeras agremiações de música, de teatro, de canto e de atiradores, ao lado de clubes de “ Skat”, de xadrês, de bolão ou de associações condicionadas profissional e cientificamente como por exemplo o “ Zigarrettenarbeirt-Verband” (Agremiação dos Cigarreiros) ou “Handwerker-Unterstützungsverein” (Sociedade Beneficente dos Artesãos) ou “ Volapükaklub” (Clube de Volapük) - o segundo de sua espécie na América do Sul - para divulgação do idioma universal inventado em 1880. Na década de 80 surgiram diversas associações fundadas por luso-brasileiros, como “ Congresso Joinvillense”, “ Grupo Dramático 25 de Abril” e outros, com finalidade puramente políticas, como “ Clube Republicano” e outros.”⁷³

Citar essas sociedades, é uma forma de demonstrar o quanto a diversão era importante para aquelas pessoas, contudo, várias outras sociedades também foram criadas. Corais de adultos e mulheres também existiam na “ Schulgemeinde” (Comunidade Escolar)⁷⁴ e a participação feminina nestes grupos não foi pequena. Em 1892, por iniciativa de Pauline Parucker, foi fundado o “Evangelischer Kirchenchor” (Coral da Igreja Evangélica), que ela regeu até 1898.⁷⁵

Liderando algumas “associações”, como Pauline, no Coral Evangélico, ou em Sociedades que organizavam bailes, como as mulheres da “Estrella d’Alva”, as

⁷³ HERKENHOFF, Elly. Dossiê entregue em 1984 ao Sr. Wolfgang Voigt, Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha, para solicitar a colaboração da RFA para a construção do prédio do AHJ. pp. 7-8.

⁷⁴ HERKENHOFF, E. *Era uma vez um simples caminho...* p. 93.

⁷⁵ Ibidem. Idem.

joinvilenses do século passado, especialmente as alemãs, participaram ativamente da vida cultural. Eva Trinks, junto com seu marido Adolfo é citada, como importante diretora de teatro amador.⁷⁶ Possivelmente, as mulheres que participavam de teatro, participavam também das “Rodas de Leitura”, haja vista, que para algumas sociedades, era condição para participar das peças teatrais. Em 1880, o *Kolonie Zeitung*, publica o seguinte anúncio:

“Sociedade Harmonia

*Comunica a seus associados que a partir de 2ª feira, 10 de maio, a Sala de Leitura estará funcionando no Local dos Irmãos Kühne, estando aberta diariamente à tarde, de 1 às 6. Além disso, todos os associados que tiverem interesse em participar da Roda de Leitura, mais restrita e semanal, são convidados a comunicar esta intenção à Direção da Sociedade, para que estes serões de leitura possam ter início em breve, visto que visam uma participação ativa no teatro amador.”*⁷⁷

Os nomes dos salões, ou dos locais de encontro, referiam-se costumeiramente ao nome ou sobrenome do proprietário. A frequência de anúncios relacionados a atividades culturais ratifica a importância destas para os/as imigrantes, se não para todos, para algumas famílias, como os Lepper, Trinks, Dörfell, Parucker,...

No entanto, os grupos de leitura não eram apenas voltados ao teatro. Além da “Roda de Leitura”, da Sociedade Harmonia, já existia em 1865 um “Leseverein” (Associação de Leitura).⁷⁸ Segundo informações de Elly Herkenhoff⁷⁹, já em 1862 o livreiro Auler - dono de livraria e distribuidor do *Kolonie Zeitung* - em um artigo

⁷⁶ Ibidem. p. 70.

⁷⁷ Anúncios. *Kolonie Zeitung*. Joinville, 08/05/1880, nº 19. p 78. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁷⁸ HERKENHOFF, Elly. Dossiê entregue em 1984 ao Sr. Wolfgang Voigt, Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha, para solicitar a colaboração da RFA para a construção do prédio do AHJ. p. 5.

⁷⁹ Recorremos bastante a referida autora pois preocupou-se em registrar muitos fatos da história de Joinville, e por muitos anos, enquanto pesquisadora do AHJ, leu e releu o *Kolonie Zeitung*, e traz à tona, em seus escritos, as informações do cotidiano daquela época, através da imprensa.

publicado revela que o jornal contava desde seu número piloto com grande número de leitores. Tal interesse nas notícias para Auler, justificava-se pela necessidade dos colonos em saber das notícias da “pátria distante”.⁸⁰

Sobre o trabalho de João Henrique Auler, Adolfo Bernardo Schneider, diz que:

“ ... desde dezembro de 1862 começou a circular (...) o semanário “Kolonie-Zeitung” (...)

Lançado inicialmente cada sábado, tinha J.H.Auler a incumbência de realizar a distribuição entre os assinantes e isto principalmente entre os colonos, que residiam na sua maior parte à longa distância da Sede, ao longo das diversas estradas abertas pela Direção da Colônia.

Desincumbia-se dessa missão aos domingos, montando a cavalo e acondicionando os jornais a serem distribuídos em duas pastas de couro, que pendiam de cada lado do cavalo.

Nessas oportunidades, J.H. Auler levava consigo também livros e revistas importadas da Alemanha, como por exemplo a “ Gartenlaube”, bastante apreciada pelo seu conteúdo familiar e que por este motivo alcançava tiragens elevadas.

Levava consigo ainda, quase sempre sob encomenda, catálogos de bordados, pontos de cruz, crochê, etc.

J.H. Auler se utiliza ainda do mesmo jornal, por ele distribuído e com tamanha eficiência na Colônia distante, como veículo de propaganda.

Assim o mesmo oferece Primeira Cartilha aqui impressa e de sua própria autoria, assim como cadernos, lápis, cartões de Boas Festas...”⁸¹

O fato de carregar artigos “ para as mulheres”, catálogos de bordados, pontos de cruz e crochê, demonstra o interesse das mulheres pelas atividades manuais. Mas, não nos parece que eram só estas “leituras” que interessavam aquelas mulheres. O acervo do AHJ, bastante diversificado, tem uma grande quantidade de obras que pertenceram as famílias de imigrantes. Suas datas, demonstram que já no século passado muitas

⁸⁰ HERKENHOFF, E. Dossiê. Cit. p. 5.

⁸¹ SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. *Vultos ilustres da Colônia Dona Francisca: João Henrique Auler*. p. 9.

obras “tidas como femininas”, eram lidas, como por exemplo, literatura, revista para o lar e manuais de boas maneiras.⁸²

A maioria destas obras foram bastante manuseadas e rabiscadas. Bíblias antigas, por exemplo, para alguns, possivelmente, o único livro que a família tinha em casa, contém as mais diversas anotações. Talvez, muitas crianças começaram a ser alfabetizadas através das suas páginas. Contudo, os anúncios da Livraria Auler, demonstram (ou desejavam demonstrar) que os interesses de homens e mulheres fossem diferentes. Geralmente os anúncios eram “destinados” ou para homens ou para mulheres:

“ Na livraria de J.H. Auler em Dona Francisca encontram-se:

Manual de crochê para senhoras: a arte de aprender todos os trabalhos de crochê. Para uso escolar e doméstico (...) Esta excelente obra, dedicada à S.M.Elisabeth, Rainha da Prússia, encontra-se já em sua 11ª edição, com grande aceitação, o que comprova seu valor prático. Contém 267 receitas de crochê em belas xilogravuras e cerca de 65 páginas de texto. Partindo das rendas mais fáceis, leva gradativamente aos trabalhos mais difíceis e elaborados. (...)

Receitas de crochê branco: (...)

Pequeno manual de crochê: (...)

Receitas de crochê, tricô e bordado. (...)

Figurino de trabalhos femininos: (...)

Modelos coloridos de bordado branco: (...)

Os mais novos e elegantes modelos de bordado branco: (...)⁸³

⁸² Como por exemplo:

- *Hauspostille* (Postila doméstica). Berlin, 1852.
- *Arznei, Farberwaaren und Schönheits mittel.* (Remédios, tinturas e métodos de beleza) Breslau, 1869.
- *Tügliches Gebetbüchlein für Schwangere, Gebärende und Wöchnerinnen.* (Livro de orações diárias, para grávidas, parturientes e convalescentes) Stuttgart, s/d.
- *Töchter-Album.* (Album para moças) Glogau, s/d.
- *Des Mädchens Dichterwald.* (Poesias para meninas-moças) Halle, 1897.
- *Töchter-Album.* (Álbum para moças) Berlin e Glogau, s/d.
- *Katechismus des Guten Tons und der feinen Sitte.* (Catecismo do bom tom e das boas maneiras) Leipzig, 1892.
- *A fein's Benehmma.* (Boas maneiras) München, s/d.
- *Fürs Haus - praktisches Wochenblatt für alle Hausfrauen.* (Para o lar - semanário prático para todas as donas-de-casa) Berlin, vários números 1890...

⁸³ Anúncios. *Kolonie Zeitung*. Joinville, 28/03/1863, nº 13, p. 58. Tradução: Maria Thereza Böbel.

E, em outra data:

“ A livraria de J. H. Auler em Dona Francisca recomenda:

As palavras de Jesus - O funcionamento do alambique - O fabricante de charutos e tabaco - Moinhos de óleo, papel, tanino e serraria - Agenda Rothschild para comerciantes - Agenda para o aprendiz de comércio - Instruções práticas e comprovadas para a arte da destilação e fabricação de licores - Bösche, E. Th., Dicionário Português -alemão, com instruções para o rápido aprendizado do português.”⁸⁴

A Livraria também funcionava como biblioteca: *“ A Biblioteca de empréstimo de J.H. Auler cobra adiantado 1\$000 Reis pelo quadrimestre e 80 Reis semanais.”⁸⁵*

Mas, Auler não trabalhava sozinho, Emilie Ernestine Emma Herling, com quem casou em 1856, foi também sua companheira na casa comercial, trabalhando com a distribuição do **Kolonie Zeitung**, mesmo depois da morte do marido.⁸⁶ O que liam, e o que realmente interessava as mulheres, não sabemos, mas nos “Kraenzchen”, após a leitura “ tudo era discutido”. Assim, a “ Associação de Leitura”, também constituía-se num espaço importante das sociabilidades femininas.

Atividades visando arrecadar fundos para a manutenção das sociedades também eram frequentes:

“ Tomo a liberdade de dar um concerto no Salão do Sr. Molitor, com os meus jovens cantores e cantoras, no domingo, 10 de julho às duas horas da tarde. Entrada a critério de cada um, mas não abaixo de 500 Réis, crianças 200 Réis. A receita destina-se, em partes iguais, ao projetado encanamento de água e à construção da sede dos ginastas.”⁸⁷

⁸⁴ Anúncios. **Kolonie Zeitung**. Joinville, 21/03/1863, nº 12, p. 54. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁸⁵ Anúncios. **Kolonie-Zeitung**. Joinville, 10/01/1863, nº 2, p. 12. Tradução: Maria Thereza Böbel.

⁸⁶ HERKENHOFF, Elly. *Era uma vez um simples caminho...* p. 62.

⁸⁷ Excertos do **Kolonie Zeitung**. Anúncio de 01/07/1870. In: Subsídios Históricos. Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff. **Blumenau em Cadernos**. Tomo XXXIII, Out. 1992, nº 10, p. 329.

“ Liga de Cantores

Assembléia Geral, segunda-feira, 5 de janeiro, no local da Escola de Joinville. Pauta do dia: Prestação de contas - fixação do preço de entrada e das contribuições mensais para os próximos seis meses - eleição da diretoria - diversos.

A Diretoria. ”⁸⁸

“ Bazar de prendas.

A bem organizada sociedade recreativa que funciona n'esta cidade Congresso Joinvilense promoveu e levou a efeito com ótimo resultado no domingo 17 do corrente um lindo bazar de prendas em benefício dos seus cofres. ”⁸⁹

Mas, existiam também, as atividades beneficentes. Em 1879, o **Kolonie Zeitung** trazia artigos sobre a necessidade da construção de um prédio próprio para a escola que o Rev. Pe. Boegershausen doou o terreno. As campanhas, por recursos, tiveram sempre a participação do trabalho das mulheres, e os agradecimentos a tal iniciativa foram registrados no **Kolonie Zeitung**.

“ Construção do prédio da escola: o apelo dirigido a época às senhoras e moças de nossa Colônia foi coroado de pleno êxito. Crianças, jovens e senhoras, todas deram sua contribuição em prol da obra iniciada. Durante semanas a fio muitas mãos diligentes estiveram ocupadas em um trabalho que trará às belas doadoras, além da certeza de terem contribuído para uma boa ação também a total admiração de todos. Tivemos há poucos dias a oportunidade de admirar os diversos trabalhos, resultado da diligência feminina e graciosamente doados. Devemos confessar que superaram em muito nossas expectativas. Segundo nos foi informado, em breve será realizado um leilão destas doações; esperamos sinceramente que o resultado do mesmo corresponda a todo o esforço empreendido por nossas senhoras. ” ⁹⁰

⁸⁸ Anúncios. *Kolonie Zeitung*. Joinville, 03/01/1863, nº 1, p. 8.

⁸⁹ Noticiário. *Sul*. Joinville, 25/11/1889, nº 16, p. 3.

⁹⁰ *Kolonie Zeitung*. Joinville, 06/12/1879, nº 49, p. 195. Tradução: Maria Thereza Böbel.

Outras sociabilidades davam-se nos passeios e piqueniques. Sobre estes em relação aos brasileiros, não encontramos informações. Mas, dos imigrantes as referências são muitas. No início da colonização, possivelmente, o mais corriqueiro divertimento de algumas famílias joinvilenses eram as visitas, aos amigos ou parentes. Os lotes, um pouco distantes exigindo longas caminhadas, ou o acúmulo de trabalho durante a semana, geralmente deixavam as visitas para o fim de semana, como podemos observar pelos “Kraenzchen”, aos sábados, os bailes aos domingos, ou nos vários passeios, como os narrados por Ottokar para sua mãe:

“ Ida recebeu de mim uma sela no Natal e um cavalo no seu aniversário e desde então, apesar da infelicidade da primeira tentativa, ela dispôs-se a montar, assim que ela agora trota rija ao meu lado. Nosso divertimento de domingo, normalmente, constitui-se disto, darmos juntos um passeio a cavalo e visitar uma família que mora distante daqui. No domingo passado, num magnifico dia de inverno que pode ser comparado a um formoso dia de maio de vocês, nós cavalgamos até a propriedade dos Poschaan, que dista cerca de uma hora daqui, um antigo rico comerciante de Hamburgo.”⁹¹

“... tive uma reunião cultural e social, durante o qual o pronunciamento não quis fluir direito. No domingo seguinte, dia dois de setembro, participei de um casamento e, nomeadamente, no meu vizinho, um tintureiro Gretsmer de Altenburg, que veio com a última barca e comprou um pedaço de terra de mim do outro lado da rua. Ele trouxe sua mãe e sua noiva. Tudo transcorreu bastante inocentemente e nós ficamos reunidos até as duas horas. Ida, depois de um passeio à cavalo, feito numa tarde, teve uma violenta dor de dente (...) No dia seguinte, três de setembro, participamos de outro casamento e ao mesmo tempo batizado, nomeadamente do primo Böttiger que, finalmente passou para a categoria dos casados. Aqui as coisas foram mais simples ainda. Primeiro, realizou-se a cerimônia de casamento, depois foi realizado o batizado, dando continuidade com uma taça de café, para a qual as Trinksens fizeram bolo e, em seguida, voltamos para casa.”⁹²

⁹¹ Carta de Ottokar Dörffel para sua mãe, datada de 10/08/1855. Tradução: Helena Remina Richlin

Aliás, ao estudar o cotidiano e o trabalho das mulheres de Blumenau, Cristina Scheibe Wolff, diz que as visitas nos primeiros tempos da colonização eram quase a única forma de lazer.⁹³ A vizinhança tinha, possivelmente, toda uma rede de solidariedade e de cumplicidade. Pois como infere Cristina S. Wolff:

“ O cotidiano das pessoas é marcado pela sua convivência com outras: sua família; seus vizinhos; seus companheiros de trabalho, estudo e lazer; seus patrões ou seus empregados. É neste espaço das relações cotidianas que se articulam de maneira concreta aquilo a que chamamos relações de classes e de gênero, (...) É nesse espaço do cotidiano também que a cultura aparece em sua concretude, nos hábitos, valores, objetos e relações pessoais.”⁹⁴



“Famílias Lepper e Trincks”. Piquenique no final do século passado. (Acervo:AHJ)

As muitas
fotografias
de
piqueniques
do acervo do
AHJ,
também
demonstram
que estes
passeios

⁹² Carta de Ottokar Dörffel para sua mãe, datada de 21/09/1855. Tradução: Helena Remina Richlin.

⁹³ WOLFF, Cristina Scheibe. *As mulheres da Colônia Blumenau - Cotidiano e trabalho (1850-1900)* pp. 85-6.

⁹⁴ Ibidem. p.84.

eram comuns, pelo menos para algumas famílias, como por exemplo, as famílias Lepper e Trinks.⁹⁵ Estas duas famílias, ao “tirar retrato”, deixaram para nós a imagem de um piquenique no final do século passado. Famílias numerosas, vestidas à passeio e acompanhadas de suas cestas, demonstram ser os piqueniques também uma de suas vivências de sociabilidades. No entanto, salienta-se que este momento pode ser visto como um momento festivo, que se diferencia das atividades mais corriqueiras e que, portanto, como lembra Gilda de Mello e Souza, “a festa (...) é a vida de exceção.”⁹⁶

Assim, a imagem “deixada” para nós daquele piquenique é a imagem que queriam que “ficasse”, pois, como infere Miriam Moreira Leite, ao trabalhar com “retratos de família”, “... não é toda a vida que é fotografada. A fotografia é resultante de uma escolha, de uma ocasião ou de um aspecto das relações da família que, habitualmente, vem afirmar a continuidade e a integração do grupo doméstico. A maioria delas representa grupos de pessoas e muitas incluem crianças, ou diversas gerações, captando a imagem da linhagem, às vezes, com grande solenidade.”⁹⁷

Mella Kroehne, também nos conta de festas, bailes, Kraenzchen, passeios, entre outros. E, sobre esses passeios...

“De vez em quando também se organizavam cavalgadas ou então piqueniques ao alto do Boa Vista, o morro que se ergue nos fundos da Colônia Francesa e de onde se avista o mar e a Lagoa de São Francisco. As senhoras eram, de um modo geral, boas cavaleiras e não havia falta de cavalos. Ninguém se mostrava tão egoísta naquela época, e quem não possuía animal e nem sela, arranjava o necessário facilmente por empréstimo. Somente existia uma dificuldade para o cavalheiro que se tivesse comprometido a conseguir um cavalo para alguma dama: prender o animal no pasto. O remédio era,

⁹⁵ Segundo Maria Thereza Böbel, da direita para a esquerda, a primeira moça trata-se de Ida Rieckes Niemeyer, associada ao Clube “Diabinhas Borbulhantes”. Maria Thereza Böbel. Depoimento.

⁹⁶ SOUZA, Gilda de Mello e. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. p. 145.

⁹⁷ LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. p. 95.

madrugar, levar espigas de milho e boa dose de paciência para conseguir a presa. Geralmente era para a serraria do Príncipe, à estrada da Serra, na altura do Km 18, que a cavalgada se dirigia. A acolhida dos excursionistas era sempre a mais cordial, por parte do representante do Príncipe, um ex-oficial do exército de Schleswig-Holstein e sua esposa. Outro ponto bastante visitado era Pirabeiraba, onde existe o engenho de açúcar do Duque de Aumale, assim como também o núcleo de nome Annaburg, bastante afastado, ou então se dava um passeio pelas estradas distantes da Colônia. É evidente que não faltaram episódios dos mais hilariantes naquelas excursões. Quando se tratava de um piquenique ao Boa Vista, a partida sempre se dava de manhã. As senhoras cuidavam dos comes e bebes e da louça necessária, não podendo faltar uma grande chaleira, e os cavalheiros é que tinham de carregar tudo, e às vezes até mesmo se contratava um carregador. No alto do morro, então, acendia-se o fogo, os homens iam apanhar a água numa picada lateral, coava-se o café, estendia-se uma toalha sobre a qual se serviam todas as delícias trazidas, comia-se, bebia-se, ria-se, brincava-se, até a hora da volta, na parte da tarde."⁹⁸

Possivelmente, nem todas as joinvilenses do século passado desfrutavam de tantas possibilidades de diversão como D. Mella. Mulheres de "elite", que também "povoaram" esta Colônia e que, possivelmente, inspiraram as descrições de Robert Gernhard:

*"A joinvilense dispõe, como já foi dito, quase sempre de uma aparência bastante graciosa, comportamento gentil e boa saúde. O clima ameno permite além disso às senhoras o uso daqueles tecidos leves, por exemplo para toilettes de passeio, que na Alemanha só vemos no salão de baile. Acrescente-se que sob o sol sub-tropical, os tecidos leves, usados hoje para confecção de vestidos em estampas e cores tão encantadoras, destacam-se ainda com mais encanto que na Alemanha."*⁹⁹

⁹⁸ Relato de Mella Kroehne. Cit. pp. 11-2.

⁹⁹ GERNHARD, Robert. Cit.



"1ª bicicleta para senhoras em Joinville - Helene Trinks. 1898. (Acervo:AHJ)

Talvez, ciclistas como Helene Trinks inspiraram Robert Gernhard, ao escrever sobre a Colônia: *"O mundo feminino joinvilense tem muitas ciclistas fervorosas, capazes de competir com qualquer esportista européia, seja na agilidade para pilotar uma bicicleta ou na elegância e no bom gosto da toilette."*¹⁰⁰

Moças e mulheres, que transitavam na antiga

Joinville, retratam-se não só nos "Kraenzchen" ou nos piqueniques, mas registraram também as novidades da época, como por exemplo, a primeira bicicleta para senhoras, de Helene, no final do século dezenove.¹⁰¹

Tantas atividades e sociedades, e tantas não citadas nestas páginas, na maioria de imigrantes, vem ao encontro das palavras de Maria Luiza Renaux, ao dizer que estas

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ Evidencia-se que a bicicleta para senhoras tinha na roda traseira uma "rendinha" para evitar que as longas saias enrolassem na roda.

práticas, “...fazia parte das sociedades alemãs no exterior e contrabalançava a rudeza do trabalho e a saudade, sendo fator de preservação da cultura alemã.”¹⁰²

3.4- Álbuns de poesias: algumas práticas da memória feminina

Abrigadas em velhos álbuns, algumas poesias escritas por mulheres de Joinville, do século XIX “sugerem” seus anseios e seus conselhos. Não encontramos evidências de nenhuma escritora do século passado que tenha publicado artigos, contos ou outro tipo de produção literária. Talvez, realmente, nenhuma tenha publicado, contudo, no íntimo de seus guardados algumas moças (e também homens), registraram em seus “álbuns”, verdadeiras relíquias para nós historiadores/as, pois constitui-se numa fonte extremamente rica.¹⁰³

Michelle Perrot, ao falar em “uma memória do privado”, diz que “...os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade.”¹⁰⁴ Por este motivo, o número de escritos femininos era restrito no século

¹⁰² RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950.** p. 108.

¹⁰³ O acervo do AHJ tem alguns álbuns de poesias de antigos/as imigrantes, escritos em alemão. Alguns são decorados com desenhos, fitas ou folhas secas, outros são na verdade pequenas caixas, repletas de folhas avulsas com escritos de amigos e parentes. Não pretendemos nos estender na análise de tais poesias, contudo, é importante ressaltar a diversidade destas fontes, pois, não só mulheres tinham álbuns, Hugo Delitsch também tinha uma “caixinha” de poesias, além de 4 volumes de “diários”, compreendendo o período de 1844 a 1859. (Período anterior a sua emigração e que muito conta da Alemanha antes de sua partida.)

¹⁰⁴ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História.** A mulher no espaço público. v.9, nº 18, ago.89/set.89, p. 15.

XIX, onde o espaço público era “destinado” aos homens, pois: “ *Como a leitura, a escrita é frequentemente um fruto proibido para as mulheres.* ”¹⁰⁵

Mas, apesar das adversidades, no Brasil várias mulheres publicaram seus escritos. No século XIX em Recife, por exemplo, é possível observar a diversidade temática da poesia feminina, que estava vinculada inclusive aos Direitos da Mulher Brasileira, à luta abolicionista ou às questões científicas.¹⁰⁶ Elizabeth A.S. Siqueira e Marluce O. R. Dantas, ao analisar os poemas femininos no Recife no século passado, dizem que: “ *O imaginário poético observado na obra de várias escritoras do século XIX, até a terceira década deste, em Recife, revela grandes surpresas. A abrangência temática é extremamente rica, destacando-se uma ampla variedade de preocupações, no que diz respeito ao registro poético dessas mulheres.* ”¹⁰⁷

Contudo, ao fazer referência aos poemas femininos do Recife não significa para nós estabelecer um paralelo com Joinville, mas evidenciar que no período estudado, mulheres de diversas regiões do país publicaram seus escritos. Todavia, não encontrar evidências de escritoras em Joinville no século XIX não significa que as mulheres não escreviam. Possivelmente, o primeiro nome feminino que teve trabalhos publicados foi Elly Herkenhoff, joinvilense nascida em 1906. Valburga Huber, ao estudar sobre a literatura da imigração alemã de Santa Catarina, diz que:

“ A Literatura em língua alemã - também chamada Literatura teuto-brasileira - teve suas manifestações mais significativas nos estados do sul com destaque ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Desde os primórdios houve entre as levas de imigrantes alemães intelectuais de portes diversos, responsáveis pela divulgação da cultura nas colônias e também em alguns centros urbanos. Esta Literatura teve seu apogeu no final do século passado e

¹⁰⁵ Ibidem. p. 12.

¹⁰⁶ SIQUEIRA, Elizabeth A. S. e DANTAS, Marluce O. R. A temática dos poemas femininos no Recife no século XIX: algumas constantes. In: *Travessia*. Revista de Literatura Brasileira, nº 23, 1991. pp. 134-145.

¹⁰⁷ Ibidem. p. 134.

primeiras décadas deste século, pois, absorvidos pelo trabalho de fundação e desenvolvimento das colônias alemãs, os imigrantes só tiveram maior disponibilidade para escrever mais intensamente décadas depois de sua chegada, época em que encontraram maior público leitor."¹⁰⁸

Neste artigo, a autora vai discorrer sobre algumas características da Literatura teuto-brasileira, demonstrando por exemplo o "*Dualismo*" presente, ou seja, o "*jogo de duas realidades: Europa e América; passado e futuro; saudade e esperança.*"¹⁰⁹

Ao analisar esta literatura, a autora refere-se a um aspecto bastante interessante, que é especialmente na região de Blumenau, o número de mulheres que aparecem no cenário literário, não só como escritoras, mas como personagens-chaves desta literatura. Neste sentido, algumas observações que a referida autora faz sobre Blumenau, parece-nos esclarecedoras também para Joinville, não enquanto elementos literários, mas sim sobre como eram vistas as mulheres naquela época: "*A mulher surge como a protagonista central na preservação da nacionalidade e cultura alemãs e na formação da nacionalidade brasileira, no desenvolvimento de amor pela nova pátria, o que ela faz através da tradição oral, contando estórias e contos de fadas, reminiscências e cultivando o canto, entre outras coisas.*"¹¹⁰

Todavia, parece-nos que realmente uma mulher joinvilense escritora só vai "*aparecer*" neste século: "*... entre os escritores teuto-brasileiros da Região de Joinville e S. Bento destaca-se uma grande escritora, poetisa e historiadora: Elly Herkenhoff.*"¹¹¹

¹⁰⁸ HUBER, Valburga. A mulher - personagem chave da literatura da imigração alemã de Santa Catarina. In: *Boletim do AHJ*. n° 6, mar.1990, p. 14.

¹⁰⁹ Ibidem. p. 15.

¹¹⁰ Ibidem. p. 16.

¹¹¹ Ibidem. p. 17.

Mas afinal, sobre o que escreviam as mulheres de Joinville, do século passado, mesmo que na intimidade dos álbuns de poesias? Sobre as brasileiras não encontramos referências, e os escritos das imigrantes e suas descendentes também não são muito amplos. No entanto, as poesias encontradas nos álbuns nos possibilitam olhares distintos. Evidenciam o grupo social a que pertenciam essas mulheres - a “elite germânica”. Foram algumas de suas práticas que “permaneceram” abrigadas no AHJ. As brasileiras, se registraram seus “sentimentos”, não são contempladas nos espaços que “preservam” a memória da cidade. Já, os álbuns escritos por mulheres imigrantes ou descendentes, revelam que estas podiam cultivar seus sentimentos e devaneios. Pois, não estavam “embrutecidas” pela falta de tempo ou uma rotina de intenso trabalho, indicando, talvez, a constituição de um espaço de subjetividade burguesa, como nos fala Habermas, ao analisar como os indivíduos se desenvolvem em sua subjetividade.¹¹²

O álbum de Anna Stamm, por exemplo, nascida em Joinville em 1881, traz poesias, em forma de pequenas recordações, datadas de 1900 até 1909.¹¹³ Neste período, em que Anna tinha entre 19 e 28 anos, várias mulheres, amigas ou parentes, possivelmente da mesma idade, deixaram nas páginas do “Álbum de Anna”, algumas marcas... A amizade e a cumplicidade daquelas mulheres pode ser verificada através de algumas poesias:

*“ Aquelas que um dia dividiram um banco de escola,
nunca hão de se esquecer na vida,
lembram, mesmo que seus caminhos se separem,
uma da outra, nas alegrias e tristezas.
Sigamos fielmente este exemplo,
e se longe, se perto, sejamos sempre as mesmas.*

¹¹² Segundo Habermas, no século XVIII, ao escrever cartas, “ o indivíduo se desenvolve em sua subjetividade”. E, os diários íntimos também faziam parte da família burguesa: “ O diário íntimo torna-se uma carta endereçada ao emissor; a narrativa em primeira pessoa, um monólogo interior dirigido a receptores ausentes: experiências equivalentes à subjetividade descoberta no interior das relações da intimidade familiar.” Ver: HABERMAS, J. Op. cit. pp. 65-6.

¹¹³ Anna Stamm nasceu em Joinville em 24/01/1881. Era filha de Hans Heinrich Stamm, suíço, imigrado em 1856, e de Maria Käröline Wilhelmine Ehlke, nascida na Pomerânia e imigrada em 1863.

*Lembre-se sempre, e com estima, de sua amiga
Martha Laczynski.*¹¹⁴

A poesia de Martha, foi escrita, ao que tudo indica, em São Paulo. Possivelmente ela foi embora de Joinville e a amiga Anna foi visitá-la. São possibilidades. Mas o que nos interessa neste momento é o fato de terem sido colegas de escola há vários anos atrás e ainda manterem contato, estarem presentes uma na vida da outra, mesmo que pelas lembranças de um tempo pretérito - “*lembram, mesmo que seus caminhos se separem...*” É evidente que este tipo de poesia, que se parece mais com recordação, não é um indicativo das atividades do dia-a-dia dessas mulheres, mas registram as “práticas de suas memórias”. Outro aspecto bastante recorrente nas poesias “deixadas” no álbum de Anna, são os conselhos, que demonstram uma preocupação com uma conduta a ser seguida:

*“ Se quizeres ser feliz na vida
Contribua para a felicidade alheia,
Pois a alegria que damos aos outros,
Retorna ao nosso próprio coração.*

*Como recordação da prima que muito te estima
Minna Maier.*¹¹⁵

*“ O olhar em frente, e o porte ereto,
Não contemples triste o que ficou p'ra trás,
Mesmo que a alegria e a dor se alternem,
A coragem no coração é a tua sorte.
De maneira universal, toma parte
em tua vida, cheia de amor -
A confiança em ti mesma, com fé em Deus,
que te conduz ao caminho seguro da salvação.*

*Como recordação de tua cunhada
Emma Stamm.*¹¹⁶

¹¹⁴ Álbum de poesias de Anna Stamm. Poesia de Martha Laczynski. São Paulo, 02/10/1907. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹¹⁵ Idem. Poesia de Minna Maier. Joinville, 11/06/1904. Tradução: Maria Thereza Böbel.

Mais do que uma simples recordação, as frases acima demonstram uma preocupação com a seriedade, a bondade e a coragem para não se deixar enfraquecer com coisas *“tristes que ficou para trás”*. Olhar em frente, com o porte ereto não significa apenas não se deixar abalar com as coisas desagradáveis da vida, mais do que isso, demonstra um modo de vida a ser seguido, norteado pela fé em Deus, e sempre sendo bondosa - *“se quizeres ser feliz na vida, contribua para a felicidade alheia.”* Convém lembrar que, estas escritas femininas podem ser lidas como uma expressão do senso comum de uma cultura.¹¹⁷ A temática dessas recordações seguiam, às vezes, um tom de “ditado popular”, talvez refletindo algum provérbio corriqueiro da época:

*“Estar sempre alegre, é perigoso,
Estar sempre triste, é deprimente,
Estar sempre feliz, é ilusório,
Variar um e outro é divertido.*

*Esta é uma lembrança de
Elly Teuber.”¹¹⁸*

Assim como as outras, esta poesia também traz conselhos. Mesclar sentimentos, como alegria e felicidade, não deixa de ser uma “receita” para a vida ser mais feliz. No entanto, não só mulheres escreveram no álbum de Anna, seu irmão Heinrich também deixou uma singela recordação:

*“ Conserva sempre aberto teu coração
também para as tristezas deste mundo
Não feches nunca a porta do amor
que ilumina toda a nossa existência.*

¹¹⁶ Idem. Poesia de Emma Stamm. Joinville, 24/07/1900. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹¹⁷ Natalie Zenon Davis, em **Culturas do Povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios**, apresenta a “relação entre os educados e o povo”, através dos provérbios. Possivelmente, o método sugerido por Erasmo e narrado por Natalie Z. Davis, para estudar os provérbios, seja o mesmo utilizado entre as moças joinvilenses para deixarem suas mensagens: “Recolha e use os provérbios comuns, porque há pedras preciosas entre eles, mas siga seu julgamento e gosto a respeito do que incluir.” p. 193.

¹¹⁸ Idem. Poesia de Elly Teuber. Joinville, 12/03/1909. Tradução: Maria Thereza Böbel.

*Seja doce e cordial com aqueles,
que são quase esmagados pelas aflições da vida;
então, no fundo do teu coração,
te sentirás bem, feliz e ricamente recompensado.*

*Como recordação do irmão que te ama,
Heinrich.* ¹¹⁹

Heinrich, ao desejar que a irmã seja sempre “doce e cordial” possibilita-nos inferir sobre o modelo de mulher desejado para aquela época. Já fizemos referência, neste trabalho, que as mulheres que viveram no século passado eram exaltadas como mães na intimidade do lar, e que portanto deveriam corresponder a algumas expectativas, como por exemplo, a da mulher frágil, submissa, maternal e prendada. Neste sentido, ser “doce e cordial” é também mais um elemento que compõem a “alma feminina”. Heinrich, ao desejar que a irmã seja sempre “doce e cordial”, possivelmente nem estava preocupado em prescrever para ela condutas que deveriam ser seguidas. Contudo, espelhando talvez o período em que vivia, suas frases não fugiam aos ditames daquela época.

Se muitas mulheres que viveram em Joinville no século passado tinham acesso a escrita, não podemos inferir. Mas, fica evidente que o círculo das amizades de Anna era bastante diversificado, o que nos faz pensar que o número de mulheres que sabiam ler e escrever, pelo menos entre as imigrantes e suas descendentes, não era tão pequeno. Procurando indícios sobre a “classe social” a qual pertenciam as amigas de Anna, encontramos desde filha de lavrador até filha de engenheiro: Martha Wolter, filha de lavrador; Sophia Berg, filha de ferreiro; Melita Kuhne, filha de marceneiro; Minna

¹¹⁹ Idem. Poesia de Heinrich Stamm. Joinville, 24/07/1900. Tradução: Maria Thereza Böbel.

Maier, filha de mecânico; Wanda von Ockel, filha de engenheiro; Gertrud Schneider, filha de comerciante; e, Erna Walter, filha de cervejeiro.¹²⁰

Mais do que exemplificar um tipo de escrita feminina, as poesias/recordações daquelas mulheres que escreveram no álbum de Anna Stamm, nos contam um pouco do que elas “pensavam”, pois, possivelmente seus conselhos constituíam-se em um “retrato” de suas práticas. Aliás, segundo Michelle Perrot, são as mulheres que se dedicam a colecionar bugigangas, presentes, fotos, álbuns... - a essas “memórias” ela chama de “mil nada”, que constituem-se em *“pequenos museus da lembrança feminina.”*¹²¹ E, sobre a prática de escrever para outras mulheres Elizabeth A. S. Siqueira e Marluce O. R. Dantas, salientam que: *“Era muito comum entre as mulheres do século passado escreverem poemas para outras mulheres. Dedicados àquelas cuja admiração era espelhada nesses escritos, dedicados àquelas que já haviam partido, deixando uma profunda saudade em seus corações.”*¹²²

Mas, mais do que revelar a escrita feminina, o álbum de Anna nos levou a “procurar” algumas experiências daquelas pessoas. Ao buscar informações sobre as pessoas que escreveram naquele álbum, nos deparamos com as “genealogias de famílias”, que muito serviu para localizarmos pessoas que viveram em Joinville numa época pretérita. Contudo, também nos chamou a atenção o caso de Heinrich, possivelmente não o único, mas que serviu para pensarmos as conveniências dos casamentos entre os/as imigrantes. Heinrich Stamm, irmão de Anna, nasceu em

¹²⁰ Os nomes acima são de algumas mulheres que escreveram no *Álbum de poesias de Anna Stamm*. Os dados quanto as atividades exercidas por seus pais foram obtidos nos microfilmes de registro de Batizado da Igreja Luterana de Joinville (acervo do AHJ), ou ainda em: *Famílias Brasileiras de Origem Germânica*. Vários volumes.

¹²¹ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. In: *Revista Brasileira de História*. A mulher no espaço público. v. 9, nº 18, ago.89/set.89. p. 13.

¹²² SIQUEIRA, E.A.S. e DANTAS, M.O.R. Op. cit. p. 143.

Joinville em 18/06/1873, foi contador e faleceu em Joinville em 07/02/1938, sem deixar filhos. No entanto, foi casado com Emma Berner, viúva de seu irmão Gustav, e que com este teve cinco filhos: Grete (1891), Agnes (1892), Frida (1893), Ernst (1895) e Gustav (1896). Na época em que Gustav morreu, 15/09/1896, Emma encontrava-se com cinco crianças de cinco a zero anos de idade. Como se deu o interesse e o casamento entre Emma e Heinrich, as “genealogias” não nos contam. Talvez tenha sido por interesses econômicos. Gustav era cervejeiro e possivelmente tinha um pequeno negócio que, com sua morte, talvez seria melhor que seus bens fossem administrados por um irmão do que por sua viúva, jovem e com possibilidade de ter outro marido brevemente.¹²³

Todavia, não queremos aqui, através deste dados, demonstrar uma simples especulação, mas relativizar, por exemplo, com algumas informações apresentadas no trabalho de Maria Luiza Renaux, sobre o *“papel da mulher no Vale do Itajaí”*. Através das memórias de um velho colono blumenauense, transcrito pela referida autora, observamos o pequeno número de mulheres em Blumenau no século XIX: *“Apesar de todos os obstáculos a nova Colônia aos poucos progrediu. Um grande impecilho ao seu desenvolvimento foi a minoria do sexo feminino que, em comparação ao masculino, formava uma relação de cerca de uma mulher para cada dez homens.”*¹²⁴

Se o número de mulheres em Blumenau era pequeno, o mesmo não acontecia em Joinville, pois, mesmo nos primeiros anos da Colônia, o número de homens e mulheres se equiparavam.¹²⁵ Assim, se não tínhamos um número desproporcional entre

¹²³ Família Stamm. In: *Famílias brasileiras de origem germânica*. vol. VI, pp. 275-6.

¹²⁴ Conversas de um Velho Colonbo Blumenauense. Der Urwaldsbote, sábado, 15 de março de 1902, ano 9, nº 37. In: RENAUX, M. L. Op. cit. p. 64.

¹²⁵ Entre 1859 a 1876, a média percentual por sexo da população da Colônia Dona Francisca era de 52,06% homens e 47,94% mulheres. Mas, convém lembrar que o simples fato do número de homens e mulheres serem parecidos, não significa que todos estejam “aptos” para o casamento. In: *Pasta Mapas*

homens e mulheres na virada do século, podemos inferir que o casamento de Emma e Heinrich não aconteceu, como poderíamos pensar, por falta de mulheres. O que obviamente não significa que foi um casamento meramente por conveniências, mas, é uma possibilidade.

Contudo, não só o álbum de Anna é fonte importante para este trabalho. Helene Brand também tinha um álbum de poesias, e é sobre ele, ou melhor, sobre suas poesias que discutiremos agora...

O álbum de Helene trás poesias/recordações datadas de 1897 a 1910. As poesias de suas páginas “retratam”, de certa forma, um pouco do que pensavam as amigas e parentes de Helene naquele período. Helene Brand, filha de Carl e Anna Brand, imigrou para Santa Catarina em 17/11/1881 no Vapor Argentina, ela tinha na época 5 anos e sua irmã Margarethe 2 anos. Essa família estabeleceu-se em Desterro, mas mantinha contato (possivelmente passava “temporadas” em Joinville) com o outro ramo da família Brand, que vivia em Joinville.¹²⁶

As poesias foram escritas em Papanduva, Curitiba, e em maior número, Joinville e Florianópolis, e não diferem muito das apresentadas no álbum de Anna Stamm. São recorrentes os conselhos deixados carinhosamente para a amiga Helene:

*“ Aprenda a ser feliz!
Como primeira provação da vida na terra foi dada a dor,
De modo que o homem, na luta com o destino,
Consiga a felicidade íntima, como palma da vitória.
... Aprenda a ser feliz! Só assim,
aprenderás da melhor maneira a ser feliz também.*

Como lembrança de tua amiga

Demonstrativos (Mappa n. 1: Censo de 1859 a 1869) e **Livro de Correspondência da Direção da Colônia Dona Francisca.** (1867 a 1896).

¹²⁶ Maria Thereza Böbel. Depoimento concedido em 25/02/1997. Segundo Maria Thereza Böbel, Helene morou em Florianópolis, mas tinha várias amigas em Joinville. Após seu falecimento alguns pertences ficaram com sua irmã Margarethe, que ficou hospedada em casa de sua prima Gerda Hagemann, nascida Brand (avó de Maria Thereza) na década de 60 deste século, indo depois para o asilo Bethesda. deixou o álbum da irmã em casa de Gerda, este depois foi doado ao AHJ.

Luise Riekes. ¹²⁷

*“ Se encontrares um coração
Que te é fiel
Nas horas boas e ruins,
Fique juntinho a ele;
Escutando-o bater junto ao teu,
Não ouvirás nada mais belo,
Leva-o com carinho em tuas mãos
E nunca o magoes.*

*Lembre com simpatia de tua amiga
Elly Stock.* ¹²⁸

Assim como outras, estas poesias/recordações aconselham, sugerem caminhos para que a vida seja feliz - “ *aprenda a ser feliz!*”, respeitando as virtudes do ser humano: nunca magoes quem te é fiel. Elementos presentes nas poesias do álbum de Anna, também apresentam-se no álbum de Helene. Ida Riekes, ao deixar sua recordação, também ratifica, uma preocupação com a seriedade, a bondade, a coragem, indicando um modo de vida a ser seguido, “desenhando”, não uma mulher frágil e submissa, e sim, sugerindo uma mulher forte, ativa, firme, mas também tranquila:

*“ Aprende a olhar sempre para cima, sincera,
Confiante em Deus, firme e tranquila,
Olha para o chão, de modo que teu coração
Se alegre com tudo que verdeja e brota.
Se te atinge uma mágoa, olha com firmeza,
De frente para cada infortúnio;
E olhando para trás - deixa a lembrança -
que coração e alma permanecem radiantes e joviais.*

*Como recordação de tua amiga
Ida Riekes.* ¹²⁹

¹²⁷ *Álbum de poesias de Helena Brand.* Poesia de Luise Riekes. Joinville, 29/08/1898. Tradução: Maria Thereza Böbel. Luise Riekes nasceu em Joinville em 27/02/1870, filha dos alemães Otto Werner Riekes e Hermine Bertha Agnes Riekes, nascida Wunderwald. In: Registro de Batismo da igreja Luterana. nº 1870/76. (Microfilmes - Acervo: AHJ)

¹²⁸ Idem. Poesia de Elly Stock. 13/12/1898. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹²⁹ Idem. Poesia de Ida Riekes. Joinville, 29/08/1898. Tradução: Maria Thereza Böbel. Ida Riekes nasceu em Joinville em 11/05/1876. In: Registro de Batismo da Igreja Luterana. nº 1876/93. (Microfilmes - Acervo: AHJ)

Ser tolerante, ter paciência e não se preocupar com a inveja, também eram conselhos dados as amigas:

*“ Seja tolerante, tenha paciência!
Em pouco tempo
Terás teu quarto + cheio de sol!
(...)
Altos e baixos tem mágoas e dores,
Deixa de lado a inveja tola,
Alegria dos outros esconde outros desgostos!
Seja tolerante, tenha paciência,
Em pouco tempo
Terás teu quarto cheio de sol!*

*Conserva em boa lembrança tua amiga de lanche
Adelheid Hürlimann.*¹³⁰

Destaca-se que Adelheid ao assinar diz que é amiga de lanche de Helene. Não só Adelheid, mas também Helene Hürlimann, Hermine Weise e Ida Riekes, que assinam algumas poesias, eram sócias do “Kraenzchen” Diabinhas Borbulhantes. Possivelmente, quando vinha a Joinville, Helene juntava-se às “Diabinhas” para conversar e lanchar, enfim, participar daquele grupo, fato que demonstra a importância daquele grupo para aquelas mulheres. Além de Adelheid, Helene, Hermine e Ida, possivelmente as outras mulheres que assinam o álbum, Paula Parucker, Helene Parucker e Luise Riekes, também participavam do referido clube.

Outra imagem de mulher forte e decidida é sugerida por Lilly Tiede¹³¹, em uma poesia assinada em 1899.

*“ Pisar a terra com passos leves!
Deitar a mão, com alegria, a cada: ‘É preciso!’
Erguer o olhar, a cada: ‘Ai de mim!’
E o coração e a cabeça sempre para o alto!*

¹³⁰ Idem. Poesia de Adelheid Hürlimann. Joinville, 11/11/1898. Tradução: Maria Thereza Böbel. Adelheid Hürlimann nasceu em Joinville em 11/01/1878. In: Registro de Batismo da Igreja Luterana. nº 1878/30. (Microfilmes - Acervo: AHJ)

¹³¹ Já fizemos referência as poesias de Lilly Tiede neste capítulo ao falar dos “Kraenzchen”.

*Andar sempre pra frente, corajosamente!
 Não fazer muito caso do mundo!
 O coração no céu, o céu no coração,
 Que te importam então as dores da terra!*

*Conserva com amor, e lembra-te sempre de tua tia
 Lilly.* ¹³²

Mas, além das poesias/recordações assinadas por amigas joinvilenses ou não, no final do álbum encontram-se duas poesias assinadas apenas com a letra H., e que segundo a tradutora, trata-se possivelmente de poesias escritas por Helene:

*“ A menor coisa você pode construir com facilidade
 A menor (?) * + dificilmente. De muitas pequenas
 coisas é feito um dia, são feitos todos os dias,
 é feita a vida. Por isto, não espere com
 tua sabedoria, tua probidade até que grandes
 coisas se anunciem com trombetas. Coloca
 em tudo teu ânimo, toda a alma,
 todo o amor e fé.*

H. ¹³³

E, ainda:

*“ Quanto menos puderes chamar de teu,
 Tanto melhor, desde que o ames e conheças.
 Quanto menor forem tua casa e teus pertences,
 Tanto mais cuidadosamente poderão ser protegidos.*

H. ¹³⁴

Novamente aqui, aparece uma mulher forte e decidida. Seus pensamentos, sugeridos por suas poesias, nos contam um pouco daquela “ memória feminina”, que sabiamente acreditava que são as pequenas coisas que possibilitam “vãos” maiores, que diz que esperar não ajuda em nada, pelo contrário: “ *Coloca em tudo teu ânimo, toda a*

¹³² **Álbum de poesias de Helene Brand.** Poesia de Lilly. Joinville, 28/09/1899. Tradução: Maria Thereza Böbel. A tradutora faz a seguinte observação nesta poesia: “ Esta poesia é, sem dúvida, de autoria de uma tia de Helene (e de minha avó também), Lilly Tiede, nasc. Brand, pessoa de muita cultura, que imigrou em 1883. (...) Quanto à Helene, minha avó conta que era do tipo ‘não-me-chegues’, ‘não-me-toques’, exatamente o contrário de sua tia Lilly, que na poesia acima revela ser mulher de muita decisão.”

* N.T.: Deve ser a maior.

¹³³ Idem. H. 1910.

¹³⁴ Idem.

alma, todo o amor e fé.” Pensamentos que demonstram o quanto é importante o amor para aquela mulher: “*Quanto menos puderes chamar de teu, Tanto melhor, desde que o ames e conheças...*” Mas não é um amor “romântico”, idealizado, é um amor que conhece, que protege.

As poesias no álbum de Helene vão até 1910, talvez depois não se interessava mais por esta escrita, ou ainda, e mais provável, após casar-se “perdeu” o hábito de escrever e receber poesias em seu diário. Pois, de certa forma essas poesias/recordações expressam suas intimidades, seus anseios, seus sonhos e sentimentos...

Outro tipo de álbum de poesia que nos chamou a atenção ao procurar indícios da escrita feminina do século passado, foram os álbuns de Hugo Delitsch e Emma Anton, álbuns que na verdade são “... *caixinhas retangulares, (...) repletos de folhas de papel fino, bordas muitas vezes douradas, com lembranças de amigos e parentes. Algumas são datadas já de 1838-40, decoradas com cromos, aquarelas ou cachos de cabelo.*”¹³⁵

Emma e Hugo chegaram em Joinville já casados em 1859¹³⁶, seus álbuns no entanto trazem poesias/recordações anteriores à imigração, e demonstram um pouco da escrita daqueles homens e mulheres. Talvez, de todos aqueles que escreveram nas folhas que compõem as suas “caixinhas” nenhum emigrou, mas representam, de certa forma, o que pensavam e sentiam aquelas pessoas sobre a imigração, e levando em

¹³⁵ BÖBEL, Maria Thereza. O potencial arquivístico do Arquivo Histórico de Joinville. In: **Boletim do AHJ**, nº 14, Jan/Jun. 1996. p. 25.

¹³⁶ Hugo Delitsch: Nasceu em Neukuchen, Saxônia em 21/09/1826 e faleceu em Joinville em 1905. Farmacêutico, imigrou a bordo do “Sir Isaac Newton”, saindo em 23/10/1858 e chegando em 04/01/1859. Veio com o irmão Hermann, marceneiro, a cunhada Ottilie e a mulher Emma. Seu segundo casamento foi com Laura Schellenberg.

Hedwig Emma Delitsch: Nascida Anton em 30/10/1830 em Dobeischütz, Saxônia. Faleceu em Joinville em 25/10/1871, deixando 5 filhos.

consideração que muitas pessoas emigraram daquela região para Joinville durante o século XIX, entendemos ser pertinente a análise de suas poesias.

Emma e Hugo já se conheciam, pelo menos desde 1852, quando este ao visitá-la e não encontrando-a deixou um bilhete, que ficou guardado na “caixinha” de Emma:

*“ Por mais que tente não consigo
Levar-te pessoalmente minha saudação
Pois que sempre me foges
Aceita pois, com benevolência
As linhas que aqui escrevo
E que te tragam lembranças agradáveis.*

Hugo Delitsch. ”¹³⁷

Um mês depois o bilhete de Hugo foi respondido por Emma, talvez foi aí que começou o namoro, e no álbum de Hugo, encontramos a resposta:

*“ Não Fugi de ti,
Não, foi o acaso que dispos assim,
Que eu morasse em terras estranhas
Quando vieste para minha terra natal
Com certeza, se vieres pela terceira vez,
Escreva antes, e eu estarei aqui!*

*Com afetuosa recordação de
Emma Anton. ”¹³⁸*

Exceto estas poesias, as outras, principalmente do álbum de Emma não diferem muito das que encontramos nos álbuns de Anna Stamm e Helene Brand. Conselhos, desejos de felicidade, a fé e a bondade, também permeiam as poesias deixadas na “caixinha” de Emma. As poesias que se diferem são as últimas do álbum, na maioria

¹³⁷ **Álbum de poesias de Emma Anton.** Poesia de Hugo Delitsch. Seegrehna, 19 de agosto de 1852. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹³⁸ **Álbum de poesias de Hugo Delitsch.** Poesia de Emma Anton. Seegrehna, 21/09/1852. Tradução: Maria Thereza Böbel.

datadas de 1858, ano que Emma emigrou, e por isto demonstram a despedida e a saudade:

*“ Nem terras nem mares hão de romper
O sagrado e belo laço do amor e amizade
Os corações encontrar-se-ão em espírito, muitas vezes,
Até um dia nos reunirmos na mais bela das pátrias.*

*Ao ler estas linhas lembra-te com a antiga amizade de
C. Fr. Herold
Joh. Rosine Herold. ”¹³⁹*

*“ O senhor é meu pastor; nada me faltará. (...)
Que estas caras palavras divinas lhe sirvam, querida
Emma e
ao seu Delitsch, de ensinamento e consolo em dias
sombrios,
é meu ardente desejo por ocasião de sua partida; esta é
minha
súplica por vocês na longa separação. A esta junte o
pedido
de que lembrem de mim com simpatia.*

*Seu paternal amigo
Schwechter. ”¹⁴⁰*

*“ Um véu escuro encobre o futuro distante,
Mas, caso meu desejo se realize, serás feliz.
Queira-me bem, querida Emma, também quando
for para
um país distante, e que a felicidade e o contentamento a
esperem
lá! e que um dia possa retornar à sua pátria, é o que
deseja de todo coração sua maternal amiga,*

Dorothea Schwechter. ”¹⁴¹

“ Quando em suas horas de lazer

¹³⁹ *Álbum de poesias de Emma Anton.* Poesia de C. Fr. Herold / Joh. Rosine Herold. Seegrehna, 16 de outubro de 1858. Tradução: Maria Thereza Böbel. (OBS.: Ela partiu em 23 de outubro)

¹⁴⁰ Idem. Poesia de Schwechter. Gr. Breese, a 10 de setembro de 1858. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹⁴¹ Idem. Poesia de Dorothea Schwechter. Gr. Breese, a 9 de setembro de 1858. Tradução: Maria Thereza Böbel.

*Um novo círculo de amigos a rodear
Quando tiver encontrado, talvez lá, o que se procura
E acontece esquecermos facilmente o que ficou,
Então dedique, feliz, um olhar a esta folhinha
E lembre-se às vezes também de Zschortau.*

*É o que deseja e espera
Seu amigo*

Julius. ¹⁴²

Estas poesias, que desejam sorte e felicidade, expressam saudade e demonstram o incerto de uma vida em outro país, tão distante - “*Um véu escuro encobre o futuro distante, Mas caso meu desejo se realize, serás feliz*” - evidenciam, de certa forma, as angústias e as expectativas daquela imigrante. Contudo, a lembrança dos que ficaram, foram registradas nas folhinhas no álbum de Emma - “*Nem terras nem mares hão de romper. O sagrado e belo laço do amor e amizade.*” As palavras de incentivo e de coragem, escritas pelos/as amigos/as, foram certamente reconfortantes ao chegar na “nova pátria”. Possivelmente por isso, por ter um significado tão especial, que este álbum foi cuidadosamente guardado, talvez lido e relido, entre as lidas do dia-a-dia. Não foram acrescentadas na “caixinha” de Emma, nenhuma poesia após a chegada em Joinville, talvez não tenham encontrado velhos conhecidos, ou as novas amizades “não mereciam” mesclar-se àquelas memórias distantes, ou ainda, após casada não foi mais possível o cultivo daquele hábito. Talvez por constituir-se no que Lygia Fagundes Telles denomina de “cadernos-goiabada”. Sobre tais “cadernos”, Norma Telles refere-se da seguinte maneira: “*Ao falar dos ‘cadernos-goiabada’, Lygia se refere aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e estados de alma, diários que*

¹⁴² Idem. Poesia de Julius. Rittergut, Zschortau, 1 de maio de 1858. Tradução: Maria Thereza Böbel.

perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo - que se sabe, em se tratando de mulher casada, só podia ser bandalheira."¹⁴³

Contudo, falar dos álbuns de Hugo e Emma é também refletir sobre a história daqueles dois imigrantes. Maria Thereza Böbel, tradutora do Arquivo Histórico de Joinville e que atualmente dedica-se à tradução dos diários de Delitsch, diz que: "...poucos imigrantes, pelo que temos conhecimento, se prepararam tão bem para a nova pátria."¹⁴⁴ Das coisas que trouxe na bagagem, o seu álbum e o de Emma, constituíam-se para nós, numa verdadeira relíquia, pois expressa grandes histórias, de amor, de amizade, de despedida, de sonhos e expectativas. As poesias/recordações de seus amigos e amigas atravessaram fronteiras e resistiram ao tempo.

Os "bilhetinhos" trocados entre os dois nos possibilitou, de certa forma, entrar naquele romance, indagar sobre suas vidas, e frustrar-nos ao não encontrar mais informações sobre suas vidas aqui na Colônia. Sabe-se que Hugo tinha uma farmácia e, possivelmente, Emma também trabalhou muito após a chegada. De suas histórias nada mais sabemos, mas as poesias/recordações escritas por eles e por seus amigos nos possibilitou, mesmo que de forma ínfima, adentrar por suas escritas.

Pelos poucos exemplos de escrita que localizamos entre as joinvilenses do século passado, podemos inferir que escrever não era um ato corriqueiro para aquelas mulheres, pois, "*a conquista do território da escrita, da carreira de letras, foi longa e difícil para as mulheres no Brasil.*"¹⁴⁵ Mesmo assim, escreveram mesmo que provavelmente somente em álbuns de poesias. Além de Anna, Helene, Emma e suas amigas, outra joinvilense que escreveu várias poesias era Lilly Tiede. Já transcrevemos

¹⁴³ TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) *História das mulheres no Brasil*. p. 409.

¹⁴⁴ BÖBEL, M.T. Cit. p. 26.

¹⁴⁵ TELLES, N. Op. cit. p. 409.

neste capítulo, quando nos referimos aos “Kraenzchen”, a poesia de Lilly “O Clube das Velhas Senhoras” que demonstra um pouco dos hábitos das mulheres que participavam daquele “Crochê”.

Além da poesia escrita no álbum da Helene Brand, Lilly escreveu outras poesias. A poesia no diário de Helene é do final do século passado, mas além desta outras duas parece-nos importantes ao procurar conhecer um pouco mais da escrita de Lilly.¹⁴⁶ Em “Casinha do Tempo”, Lilly nos mostra alguns indícios dos “poderes femininos no lar”:

“Casinha do tempo

*Tenha sempre o sol no coração e em casa,
e seu marido raramente sairá.
Você pode comprová-lo nesta casinha
A mulher sempre traz bom tempo.
Pois quando o homem sai da casa,
Há chuva, tempestade e horror.
Mas quando aparece a mulher com tempo,
Logo ele volta a entrar em casa.
Por isso, cuida que a mulher sempre traga sol,
e vocês viverão felizes, com amor.
Mesmo que ele reclame e resmungue, às vezes,
Comporte-se como louco, isto é costume dos homens.
Tudo passa, por mais que ele esbraveje,
Se você, seu sol, lhe brilhar, terna e suave.*

Lilly Tiede.”¹⁴⁷

É interessante, nesta poesia, a comparação que Lilly faz entre uma “casinha de tempo” e como deve ser a relação de um casal. Sua poesia demonstra uma mulher sábia,

¹⁴⁶ Maria Thereza Böbel. Depoimento concedido em 25/02/1997. Maria Thereza têm várias poesias de Lilly Tiede em seu Acervo Pessoal e leu algumas para mim, que vão desde o século passado (Lilly imigrou em 1883) até a década de 20 deste século. Embora este trabalho não pretenda avançar neste século, as duas poesias que nos parecem mais significativas de Lilly são da década de 20 deste século.

¹⁴⁷ **Casinha do tempo.** Poesia escrita por Lilly Tiede. Joinville, 1 de setembro de 1923. Acervo pessoal de Maria Thereza Böbel. Tradução: Maria Thereza Böbel. Maria Thereza contou em depoimento concedido em 25/02/1997 que sua mãe ainda lembra deste tipo de “casinha de tempo”, que mostrava o tempo para sol e para chuva, através de dois bonequinhos - um homem e uma mulher - que saíam da casinha.

que conhecia os detalhes e manhas para se viver “*felizes, com amor.*” Ao comparar a casa com a casinha do tempo, ratifica o modelo feminino que permeia o século XIX, o da mulher “rainha do lar”, ao dizer que o bom tempo, ou seja, o sol e o coração em casa depende da mulher, é esta que deve zelar, para que seu marido não saia, é ela que tem a “esperteza” para mantê-lo em casa e é ela, portanto, a responsável pela felicidade do casal. Ao mesmo tempo, Lilly revela-se perspicaz, pois, se é a mulher a responsável por tal harmonia, se é ela que ouve calada os “resmungos” do marido, é ela também que permite que ele esbraveje e sutilmente impõem o “seu bom tempo”. É ela, “*seu sol, que brilha terna e suave.*” Salienta-se, contudo, que seus versos também demonstram submissão - “*isto é costume dos homens*” - revela uma naturalidade em relação a autoridade masculina.

Ao pensar nas práticas cotidianas das joinvilenses do século passado, a poesia de Lilly nos possibilita pensar nas palavras de Michelle Perrot sobre o poder feminino - “*se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes.*”¹⁴⁸ Tomando ainda como exemplo a poesia de Lilly evidenciamos esses “poderes”, que são múltiplos e que expressam-se num breve verso: “*A mulher sempre traz bom tempo.*” Múltiplos, porque, “*equivalente a influências difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela.*”¹⁴⁹

Outra poesia de Lilly, que é bastante sugestiva, é, na verdade, uma espécie de carta, onde Lilly, através de seus versos, sugere algumas dicas para a sobrinha que vai casar:

“*Para minha querida Frieda, às vésperas das bodas.*

*É uma coisa muito, muito antiga,
o que trago aqui para o seu enxoval.*

¹⁴⁸ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.* p. 167.

¹⁴⁹ Ibidem. Idem.

*Sua bisavó, sua avó e a velha tia,
além de mais algumas parentes afastadas,
Usaram-na em sua arte confeitadeira,
e fizeram com isso pequena fortuna.
Agora usa-a também você, minha pequena Frieda,
A receita está abaixo, assa-a com capricho.*¹⁵⁰

Além do presente, da receita do bolo e desta carta, tão bem escrita, os versos de Lilly sugerem também em pouco de seus costumes. Hábitos que foram passando de geração a geração, possivelmente, com origem na Alemanha, mas que não se “perderam” na nova pátria.

Aliás, o costume de passar este presente possivelmente era muito importante para aquelas mulheres, pois, não foi simplesmente entregue na véspera do casamento. Foi entregue acompanhado de uma poesia, marcando sua historicidade - “ *Sua bisavó, sua avó e a velha tia (...) usaram-na em sua arte confeitadeira...* ” E para quem recebeu este presente, este também deve ter sido muito significativo, pois a velha poesia não perdeu-se no passar dos anos, ficou guardado, passando para as futuras gerações.

Um tom nostálgico, às vezes, acompanhou-me ao ler tais poesias. Por vezes, tive a impressão que os versos poderiam me ensinar muito mais, ou ainda, que estava fazendo-os “contar” além do que eles poderiam. Dúvidas, que surgem ao nos depararmos com reminiscências tão antigas, e que nos auxiliam a desvendar nuances de algumas práticas da memória feminina do século XIX.

Não encontramos poesias publicadas dessas mulheres, mas, em seus álbuns, que possivelmente antes de virem parar no AHJ ficaram abrigadas em seus baús de guardados, ou ainda, como as poesias de Lilly guardadas por uma parente, encontramos

¹⁵⁰ **Poesia escrita por Lilly Tiede.** s/d. Acervo pessoal de Maria Thereza Böbel. Tradução: Maria Thereza Böbel. Segundo Maria Thereza, Frieda era irmã de sua avó e casou-se em maio de 1926, quanto ao presente, tratava-se de uma forma de bolo vitrificada. Maria Thereza Böbel. Depoimento concedido em 25/02/1997.

alguns indícios da escrita feminina. Possivelmente, poesias como as mencionadas por Lygia Fagundes Telles, ao lembrar que,

“ Não esquecer que as nossas primeiras poetisas encontraram naqueles diários e álbuns de capa acetinada o recurso ideal para assim registrarem suas inspirações, era naquelas páginas secretas que iam se desembrulhando em prosa e verso. Vejo assim nessas tímidas arremetidas o nascedouro da literatura feminina, na maioria, assustados testemunhos de estados d'alma, confissões e descobertas de moças num estilo intimista - o chamado estilo subjetivo com suas dúvidas e esperanças espartilhadas como elas mesmas, tentando assumir seus devaneios.”¹⁵¹

Assim como Lygia Fagundes Telles, entendemos que estas escritas, “cultivadas” por algumas mulheres, que viveram em Joinville no século passado, constituem-se nos primeiros registros da literatura feminina local.

3.5- Jornais e canções de mesa para casamentos

Já mencionamos, no decorrer deste trabalho, a dificuldade em encontrar sinais das atividades das brasileiras. As informações são poucas, espalhadas, reticentes... O que não significa que não são importantes para este estudo, mas, infelizmente, espelham o quanto suas vozes foram “silenciadas” pela história local, exclusão dupla, por serem mulheres e de uma etnia diferentes da maior parte da população. Contudo, mesmo de forma “acanhada”, elas transitam por estas páginas, demonstrando que estiveram presentes como trabalhadoras, educadoras, ou ainda divertindo-se nos “Bailes do

¹⁵¹ TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, Mulheres. In: DEL PRIORE, Mary. (Org.) **História das mulheres no Brasil**. p.671.

Congresso”. Mas, se sobre suas práticas cotidianas pouco encontramos, em relação às imigrantes muitas fontes “surgem”, fazendo ecoar suas atividades.

Neste sentido, parece-nos bastante sugestivo para análise, os **Jornais e Canções de Mesa para Casamentos**. O AHJ abriga em suas prateleiras, alguns poucos exemplares de jornais bastante diferentes daqueles que conhecemos, são os jornais para casamento. Geralmente em quatro páginas, assim com um jornal característico do século XIX e, impresso em alemão. A diferença é que não trata-se de um jornal comercial, era (talvez ainda exista esta prática) elaborado por parentes e amigos dos noivos para ser lido ou cantado no dia do casamento.¹⁵² Possivelmente, era uma tradição trazida pelos/as imigrantes, de qualquer forma, ao ser “recriado” aqui, passou a fazer parte das datas festivas de algumas “distintas” famílias teuto-brasileiras.¹⁵³

Não é possível exemplificar a frequência desta prática, mas, parece-nos bastante interessante conhecê-la. Os dois jornais que vamos analisar são da família Lepper. O primeiro é o “Jornal de Casamento” de Bodas de Prata de Heinrich Lepper e Jenny, datado de 28/03/1921, em Joinville. O segundo trata-se de “Canções de Mesa” para o casamento de Franz Rust e Gertrud Lepper, datado de 04/08/1908, em Hamburgo, na Alemanha.

¹⁵² Não encontramos escritos sobre esta prática, contudo, segundo depoimento de Maria Thereza Böbel e Helena Remina Richlin, era bastante comum algumas famílias fazerem e guardarem alguns exemplares destes jornais. Foram elas que me contaram um pouco da história destes singelos “jornais”.

¹⁵³ Faço alusão neste momento à família Lepper, a qual pertencia os dois jornais que serão analisados. Segundo Apolinário Ternes: “ *A família Lepper chegou a Joinville no ano seguinte à sua fundação. (...) Desde que chegaram, uns se entregaram ao labor da lavoura, outros ao comércio. Com os anos, contudo, Hermann Augusto Lepper se destacou, participando ativamente da casa comercial que seu pai mantinha (...) Manteve-se aquele comércio atacadista e varejista por muitas décadas, sendo ponto natural de encontro dos colonos da época, pois ali se podia encontrar bons produtos importados da Europa.*

Tratava-se, sem dúvida, de um dos mais fortes comércios de Joinville de então (...) Hermann Augusto Lepper exerceu vários mandatos como conselheiro municipal e chegou a presidência do mesmo conselho, tendo, portanto, uma participação destacada na política do final do século em Joinville.” In: TERNES, Apolinário. **História econômica de Joinville**. pp. 107-8.

O “Jornal de Casamento” das Bodas de Prata é de uma riqueza e de um cuidado que impressionam: um tablôide de quatro páginas, impresso em alemão em folha prateada, trazendo uma poesia de abertura, telegramas recebidos, comunicações, humor e anúncios. Numa primeira olhada, parece mesmo um jornal comum - é claro, mais requintado. Este requinte, faz menção a uma data importante, 25 anos de casados, mas também ostenta a condição financeira dos Lepper na década de 20 deste século.

Heinrich Lepper casou-se com Jenny Leuschner em 28 de março de 1897¹⁵⁴, e o jornal comemorativo às Bodas de Prata de casamento, elaborado provavelmente por amigos e parentes para ser lido e comentado por todos na data festiva, começa assim:

*“Jornal de Casamento
Um caderno a cada 25 anos.
Preço: grátis.
A redação não assume responsabilidade por ataques,
etc.*

*Edição comemorativa às Bodas de Prata do Sr. Heinrich
Lepper e esposa,*

a 28 de março de 1921.

Nr. 1 Joinville, 28 de março de 1921 Volume 1.

*Seja benvindo, ó dia feliz,
No brilho da festa!
Seja saudado, par jubiloso
Em meio ao brilho prateado!*

*Até este dia, o Senhor
Conduziu-vos maravilhosamente,
Até aqui a felicidade
Acompanhou-vos, sempre, abençoando.*

*Que a felicidade e a saúde
Continuem a honrar o seu lar
E que o que agora brilha em prata*

¹⁵⁴ “N 17 - Ferdinand Ludwig Heinrich Lepper, n. 27-VIII - 1870 em Joinville e ali fal. 3- III - 1943, marceneiro. A 28 - III - 1897 c.c. Jenny Leuschner, n. 25 - VIII - 1875 e fal. 5 - XII - 1959 em Joinville.” In: **Famílias Brasileiras de Origem Germânica**. Vol. VI. p. 173.

Volte a brilhar em ouro!

*Vejam a multidão, aqui reunida,
Que hoje vos rodeia,
Como a cada pessoa comove a alegria
De trazer-vos seus votos de felicidades!*¹⁵⁵

Esta poesia - editorial do jornal - reflete a alegria pela passagem de uma data tão importante para aquela família. O desejo e a torcida de parentes e amigos para a permanência de tal união - “ *o que agora brilha em prata/Volte a brilhar em ouro*” - espelham, de certa forma, a importância do casamento para aquelas pessoas, especialmente aquelas que dedicaram-se a confecção do jornal. Os presentes - “ *Vejam a multidão, aqui reunida*” - não só participaram da festa, como também contribuíram para a diversidade do jornal, através das seções Comunicações, Humorística e Anúncios. Mas, os ausentes também foram contemplados no jornal, através da seção Telegramas Recebidos:

TELEGRAMAS RECEBIDOS

Rio Grande, 28-3-1921

*Votos de muitas felicidades ao par jubiloso, enviam,
Tia Mimi e filhos.*

Florianópolis, 28-3-1921

Cordeaes (sic) felicitações. Hilda, Clemens.

Curityba, 28-3-1921

Nossos cumprimentos, Marie, Jorge

Rio Grande, 28-3-1921

*Parabéns. Agnes Santos.*¹⁵⁶

Exceto os Telegramas Recebidos, as outras seções apresentam vários temas e nomes, mesclados sempre com muito humor. É claro que tudo isto era dirigido aos

¹⁵⁵ **Jornal de Casamento.** Edição comemorativa às Bodas de Prata do Sr. Heinrich Lepper e esposa. Joinville, 28 de março de 1921. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹⁵⁶ Idem.

presentes, e portanto, difícil para nós entendermos seu significado. Mas, suas piadas - com um fundo de "verdade", ou não - possibilita-nos pensar um pouco nas sociabilidades daquelas pessoas. A maioria das Comunicações e Anúncios estão assinados, assim, podemos inferir que possivelmente situações e fatos corriqueiros do dia-a-dia inspiraram as notícias. Possivelmente, Hertha e Edith ganharam ou compraram um piano novo:

" Procura-se algumas partituras, inéditas, nunca antes tocadas, de

TANGOS

visto que nossas antigas não combinam com nosso piano novo.

Hertha e Edith."¹⁵⁷

Ainda, alguém, cujo nome não foi possível identificar, não deve ter sido feliz ao subir em árvores:

"Através deste prometo a todos os presentes, em especial a meus pais, de hoje em diante não escalar mais as copas das goiabeiras, uma vez que recentemente fui surpreendida em uma destas arriscadas tournées.

(ilegível)"¹⁵⁸

Tudo indica que para cada pessoa presente uma característica ou piada foi pensada, em relação aos seus hábitos e/ou suas atividades.

"Fixamos o dia de nosso casamento de tal maneira, que o dia das Bodas de Prata caísse obrigatoriamente no segundo feriado de Páscoa. Como por esta razão, todas as fábricas estão fechadas e nós, assim, não temos nada para fazer, pode-se festejar a noite inteira.

Heinrich Lepper e esposa Jenny.

Recomendamos a todos os noivos de prata, nossa vila, instalada com todo o conforto, de acordo com os tempos

¹⁵⁷ Idem.

¹⁵⁸ Idem.

atuais (inclusive W.C.), em São Bento. Excelente fonte de água rejunevecedora, afrodisíaca e garantidamente livre de bacilos!!!

*Ferdinand Lepper e esposa Sophie
Telegramas: Endereço: Villa Sophie
Códigos: A B C, 4. e 5. edições.*

Para Albertinha! Mesmo que ela venha algum dia a beijar um rapaz, isto não representa maior perigo. Não é por isto que ela precisa casar com ele.

A todas as jovens noivas, ou àquelas que o pretendem ser, comunico que nossa tecelagem está fabricando véus de noiva de sobras de tecido de mosquiteiros.

Tecelão Otto

Para confecção de bordado branco e rendas de frivolité, oferece-se, grátis,

Sra. Hermann A. Lepper.

A TODOS OS RAPAZES

Comunico que em poucos dias também estarei em condições de baile.

Tutti

A todos os rapazes de Joinville e região, comunico que de agora em diante, só aceitarei admiradores uniformizados.

Clärchen

Se V.S. quizer saborear uma torta realmente fina, preparada com a melhor qualidade, procure

Ruth

Telefone: Sempre Pronta”¹⁵⁹

Estes exemplos constituem-se apenas numa pequena mostra da “Edição Comemorativa às Bodas de Prata do Sr. Heinrich Lepper e esposa”. Contudo, evidenciam uma prática daquele grupo: ao comemorar juntos as bodas de amigos e

¹⁵⁹ Idem.

parentes, construíram um texto que lhes fosse significativo. Ao trazê-lo à tona, para exemplificar um pouco das práticas daquelas pessoas, não nos cabe querer “entendê-los”, pois, o significados daquelas páginas, importantes e preservados por aquelas pessoas, eram dirigidos para um público leitor, pois, como diz Michel de Certeau, ao escrever sobre “O sentido ‘literal, produto de uma elite social”: *“... o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor,...*”¹⁶⁰

Outro exemplo de jornal de casamento é o “ Canções de mesa para a festa de casamento do Sr. Franz Rust e Srta. Gertrud Lepper - Hamburgo, 4 de agosto de 1908.”¹⁶¹

O casamento de Franz e Gertrud, ela nascida em Joinville, aconteceu na Alemanha, mas alguns familiares foram para lá e em suas bagagens voltou um exemplar do jornal elaborado para aquele casamento.¹⁶² Aliás, Maria Thereza Böbel, ao nos contar sobre esta prática, diz que, era muito comum também em Joinville até a alguns anos atrás este tipo de jornal, por isso, apesar deste exemplar ter sido feito para um casamento na Alemanha, entendemos que também serve para exemplificar práticas culturais dos homens e mulheres de Joinville em relação ao casamento. Pois, não só Gertrud era joinvilense, como alguns joinvilenses estavam lá e fizeram parte também deste acontecimento.

¹⁶⁰ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1- artes de fazer.** p. 266.

¹⁶¹ “N 16 - Gertrude Lepper [prima de Ferdinand Ludwig Heinrich Lepper], n. 21 - VIII - 1887 em Joinville, c.c. Franz Rust, n. 8 - III - 1880 na Alemanha, comerciante.” In: **Famílias Brasileiras de Origem Germânica.** vol. VI. p. 172.

¹⁶² Maria Thereza Böbel. Depoimento.

Diferente do jornal de Heirich e Jenny, este exemplar também em quatro páginas, contém músicas para “*serem cantadas durante o almoço de casamento*”.¹⁶³ São três canções, escritas provavelmente por amigos e parentes, que são na verdade modificações de músicas conhecidas pelos alemães. Os versos referem-se ao casamento e às pessoas envolvidas, no entanto, acima da canção vêm a melodia que deve acompanhar.

A primeira canção “descreve” os sentimentos de Franz e Gertrud desde o namoro até a decisão de casamento:

*“ (...)Onde há moças e rapazes,
Eles brincam, namoram e fazem carinhos,
Até que se apaixonam.*

*Um joguinho com sentimentos sérios,
É chamado com frequência de paixão,
Mas quando se aproxima o amor,
Tambem o coração fica em chamas.*

*Assim aconteceu com nosso Franz.(...)
Mas quando ele viu Trude,
A mira do amor foi certa.(...)*

*Ah! disse ele, por que hesitar?
Por que se afligir, sofrer?
Foi então até ela e disse-lhe:
Não posso mais viver sem você!”*¹⁶⁴

E, se a “*mira do amor é certa*” a solução é o casamento, que todos comemoraram, saudando:

*“Agora para a vida futura,
Vocês se consagraram no altar.(...)*

*Que viva com felicidade e alegria
A união duplamente abençoada!”*¹⁶⁵

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Canções de mesa para a festa de casamento do Sr. Franz Rust e Srta. Gertrud Lepper - Hamburgo, 4 de agosto de 1908. Tradução: Maria Thereza Böbel.

¹⁶⁵ Idem.

No decorrer desta canção, no entanto, alguns versos evidenciam como deve ser um casamento - indissolúvel:

*“ (...)Devem se amar, viver em harmonia,
Venha o que vier, alegria ou tristeza.*

*Vocês agora estão unidos,
Pelo preço do amor e da fidelidade.
E se lá fora houver uma tormenta,
Aguentem unidos, segundo a lei de Deus.”¹⁶⁶*

Harmonia, na alegria ou tristeza, está associado também à fidelidade, palavra que marca os versos da canção seguinte. Ao colocar o homem como cabeça do casal, e a mulher como a sua coroa, a “rainha do lar”, que ratifica a necessidade de uma mulher para o homem: “ *Não é bom que o homem fique só!*”, verso, aliás, que encerra as cinco estrofes da segunda canção:

*“(…) Onde dois se unem no amor,
E se amam com fidelidade,
Sim, mais uma vez fica claro e provado,
Que não é bom que o homem fique só! (...)”*

*Se ele é a cabeça, ela é sua coroa,
Seu tesouro, a jóia mais preciosa de seu lar.
Que se viva ali com alegria e conforto,
Cuida ela, dia a dia, sem cessar.
É sua lida diária,
De tudo fazer o melhor.
E quem vê isto, tem a certeza,
De que não é bom que o homem fique só!”¹⁶⁷*

Já, a terceira canção, que finaliza este jornal, é uma saudação ao novo casal:

“ (...)Mais uma vez saudemos,

¹⁶⁶ Idem.

¹⁶⁷ Idem.

*O querido par!
Que a felicidade o rodeie
E a alegria esteja sempre presente!*

*Por isso, façam soar
As taças cheias,
E cantemos,
Com alegre ecoar, (...)”¹⁶⁸*

Este novo casal, cantado ele como cabeça do casal e ela como coroa, exemplificam o modelo de casamento ideal que deveria solidificar-se no século XIX, pois, como lembra Anne-Marie Sohn, “ *O estereótipo da mulher, ‘sacerdotiza do lar’ ou ‘anjo da casa’, cristaliza-se a partir da segunda metade do século XIX, não só na literatura e na arte mas também nas obras científicas. (...) O ideal da mulher no lar é antes de mais o ideal da mãe no lar.*”¹⁶⁹

Esta “coroa”, ratifica o estereótipo e desenha o papel a ser assumido por Gertrud, se ela o seguiu? É outra história. Todavia, suas “canções de mesa” juntamente com o “jornal de casamento de Heinrich e Jenny”, nos dão uma pequena mostra de como algumas famílias de Joinville, e de melhores condições financeiras, comemoravam os casamentos.

3.6- Através de um processo: cumplicidade e contradições...

Ao buscar evidenciar as sociabilidades femininas no século passado, não só as atividades de trabalho ou de divertimento apresentam-se para nós. Participar de

¹⁶⁸ Idem.

¹⁶⁹ SOHN, Anne-Marie. entre duas guerras. Os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: DUBY, Georges e PERROT, Michelle. *História das mulheres no século XX: o século XX*. pp. 117-28.

atividades beneficentes, como o bazar para a construção da escola, participar de “ rodas de leitura” , de peças de teatro , de bailes, ou liderar associações como o Coral da Igreja Evangélica, são espaços de sociabilidades, não só das mulheres, mas também de homens e crianças. Mas, não são nestes únicos espaços que podemos verificar as sociabilidades femininas. A cumplicidade entre algumas mulheres faziam-se presentes, nos bailes, nos Kraenzchen, ou nos passeios que organizavam. Contudo, as relações entre mulheres de classes sociais diferentes também merecem ser analisadas na composição desta trama, que é contar um pouco de suas histórias...

Em 1892, duas mulheres residentes em Joinville foram indiciadas por terem abandonado uma criança recém-nascida. Tratava-se das senhoras Dorothea Krelling e Bertha Bayer. Analisando o processo, dois momentos distintos, da história destas mulheres apresentam-se, trazendo consigo mais que questões de gênero, mulheres acusadas, interrogadas e julgadas por homens, mas com um forte componente de diferença de classe social. Primeiro, a subordinação da criada pela patroa, numa relação mascarada por cumplicidade; e segundo, a quebra desta cumplicidade mediante a descoberta do fato numa sociedade hierarquizada por gênero e classe.

Bertha era alemã, solteira e criada de Dorothea, ou ainda, como registra a página 2 do processo: “ *alugada de Carlos Krelling*”. Dorothea, nascida na Alemanha, naturalizada brasileira, era uma mulher, senão rica, mas com uma condição financeira bem melhor que a primeira, fato demonstrado não só por Dorothea ter uma criada, mas também pelo sítio que possuía, além da casa da cidade e pelo advogado que contratara, Pedro Lobo, que era um dos mais conceituados na época. A criança, do sexo masculino, foi deixada no saguão da casa do Sr. Antonio Sinke, dentro de uma caixa de madeira coberta com outra de papelão. Após ter sido entregue à autoridade policial,

onze dias depois, a polícia descobriu “os autores do crime”.¹⁷⁰ A primeira denunciada a ser interrogada foi Bertha Bayer, e disse que:

“ ... confessou o seu crime, declarando ter com efeito dado à luz à criança em questão, no dia 19 (...) em casa de seus patrões; sendo sua patroa a denunciada Dorothea Krelling, que lhe serviu de parteira, a única testemunha e sabedora do nascimento de seu filho; e que, conquanto antes do parto já ambas houvessem combinado engeitar o nascituro, logo após o mesmo parto, havendo esta manifestado à sua patroa o desejo de criá-lo, esta observou-lhe circunstâncias que levaram-na a concordar em desfazer-se da criança; entretanto ainda, observando-lhe que nesta caso, depositasse-a em casa do pai cujo nome indicou-lhe, ficando na crença de que sua patroa, assim a havia feito.”¹⁷¹

O depoimento pormenorizado da ré, que teve a participação de um intérprete,¹⁷² pois esta não entendia o português, vai demonstrando a cumplicidade dela e de sua patroa, para o abandono da criança, fato que, apesar de estar previamente combinado, após o nascimento Bertha tenta voltar atrás de sua decisão, o que não é aceito pela patroa, que a convence a prosseguir o antigo plano. Contudo, a preocupação de Bertha com o paradeiro do filho, que possivelmente só viu ao nascer, é evidenciado pelo cuidado em pedir que este fosse deixado em casa do pai, esperando talvez que esta criança fosse amparada. No entanto, seus planos não foram aceitos por Dorothea, que, segundo os autos, “ *após haver assim de alguma forma abusado criminosamente da*

¹⁷⁰ AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Sumário Crime.** A Justiça por seu Promotor. Dorothea Krelling e Bertha Bayer (rés), Comarca de Joinville, 1892. 51p. p. 2.

¹⁷¹ Idem. p. 2 e 2v.

¹⁷² É bom lembrar que neste período, mesmo passado muitos anos do início da colonização, ainda falava-se em Joinville, principalmente o alemão, por serem os imigrantes e descendentes a maioria da população. Neste sentido, é bastante recorrente nos processos analisados (Ano de 1892) a presença de intérprete, como por exemplo, na “Abertura de testamento de Alvin Anton Meyer e Elizabetha Meyer, nascida Koehler: “ Este nosso testamento, por não sabermos escrever o português foi escrito à nosso rogo pelo cidadão João Carlos Julio Parucker e nós ambos assinamos de próprio punho. Cidade de Joinville no dia primeiro do mês de outubro do ano de mil oitocentos e setenta e oito.” In: AHJ, caixa nº (ano) 1892. **Processo. Abertura de testamento.** Alvin Anton Meyer e Elizabetha Meyer, nascida Koehler. Comarca de Joinville, 1892. p. 2.

sua influência sobre sua criada infeliz e ignorante, menor de dezenove anos (...) abandonou a criança em lugar diferente para melhor ocultar o crime de ambas..."¹⁷³

O que levou Dorothea a mudar o local do abandono não ficou claro nos depoimentos. Aliás, a defesa de Dorothea afirmou que a única participação desta foi no sentido de não denunciar Bertha, porém, no interrogatório da página 37 foi contraditória: primeiro disse que no momento do abandono estava na casa de Krelling, mas logo em seguida disse "*que queria levar a criança para a casa do Colin porque não podia sustentar e que por causa da chuva a deixara na casa do cidadão Sinke.*" Contudo, na sua defesa da página 39, disse que: "*... tendo confessado (...) no interrogatório que se procedeu, ser ela ré a autora do crime de abandono da criança, essa confissão não corresponde com a verdade e que (...) faria essa confissão somente no intuito de atenuar a culpabilidade de sua ama e preservá-la de mais desgraça.*" Todavia, exceto neste momento do processo, em nenhum outro há referência ao motivo da criança ter sido deixada em casa de Antonio Sinke.

Assim, a criança, segundo Bertha deveria ser deixada em casa do Sr. João Colin, "*por ser o filho deste de nome Ernesto o pai da criança.*"¹⁷⁴ Talvez o envolvimento de Bertha e Ernesto tenha sido visto por outras pessoas, e logo ficava claro para a cidade que a "culpada" seria Bertha, e portanto, sua patroa, resolveu não "dar na vista". Ou ainda, por tratar-se de família influente da cidade¹⁷⁵, preferiu não se envolver e ocasionar problemas maiores. Contudo, o que merece ser observado é que esta

¹⁷³ Idem. p. 2v.

¹⁷⁴ Idem. p. 8v.

¹⁷⁵ Salienta-se que a família Colin teve, no período estudado, importância política na cidade. Tudo indica que Bertha refere-se a Ernst Colin, nascido em 19/07/1870 e falecido em 07/11/1919, em Joinville. Casou-se com Frieda Heeren. Foi eleito Juiz de Paz em 1898 e Suplente do Conselho Municipal de Joinville em 1906. Ver: COLIN, Regina. *Família Colin*. pp. 85-6.

influenciou sua criada, “ditou” as regras numa relação que, a princípio, era de cumplicidade: “*ela fez o parto e era a única que sabia.*” Bertha ao ser perguntada sobre quem foi que a aconselhou a deixar a criança na casa do pai, respondeu: “... *que ninguém a aconselhou; que entretanto, depois de nascida a criança ela a queria criar, ao que sua patroa disse-lhe que sim se podia sustentar...*”¹⁷⁶

Esta frase possibilita-nos compreender o quanto Bertha pretendia criar seu filho e que se não o fez, não era simplesmente porque a patroa não concordou, mas, essencialmente, porque não recebia um salário que a possibilitasse criá-lo.

Este processo é interessante também por evidenciar as contradições que nuançavam esta cumplicidade feminina, e o poder de Dorothea, sobre as questões relativas ao “lar”. É ela que decide sobre o destino, é ela que resolve como afastar de casa a empregada, é ela, pelo menos na voz de Bertha, que decide os trabalhos a serem feitos na propriedade. O nome do marido de Dorothea, só aparece no início do processo, enquanto cônjuge da ré.

Segundo Bertha, dias após o parto, sua patroa obrigou-a a seguir em sua companhia para o sítio do Quiriri (Zona rural da cidade), “*pondo com tal viagem sua vida em perigo e fazendo-a lá até mesmo a trabalhar na roça.*”¹⁷⁷ Sobre os trabalhos que foi obrigada a fazer, mesmo o parto tendo sido recente, Bertha disse que “*trabalhou na plantação de milho na roça, que hoje de manhã [30 de outubro de 1892 - data do interrogatório] sua patroa recomendou-lhe que não contasse nada*”.¹⁷⁸

O desenrolar do processo vai demonstrando a dificuldade de Bertha para se expressar, por não falar o português sempre suas falas passam pela intermediação de

¹⁷⁶ Idem. p. 9.

¹⁷⁷ Idem. p. 2v.

¹⁷⁸ Idem. p.9, 9v.

um intérprete,¹⁷⁹ e da presença de um curador, o cidadão Carlos Lang passou a ser o curador de Bertha, por ser esta menor de 21 anos.¹⁸⁰

Quanto as testemunhas, foram ouvidas cinco, todos homens e que contaram a mesma história: chegando em casa de Antonio Sinke viram a criança, ou ainda, “ouviram” falar que foi deixado em casa de Antonio Sinke uma criança.

Contudo, há outros elementos importantes nesta história. O abandono da criança, pano de fundo deste processo, mais do que demonstrar que este fato ocorreu em Joinville no século passado, infere sobre outros problemas, como por exemplo, o fato de uma mulher rica influir sobre a vida de outra.

Buscando “desembaraçar” as relações entre Bertha e Dorothea, observamos, nuances de cumplicidade, bem como, uma prática de abandono de criança, partilhada por mulheres numa sociedade hierarquizada por gênero e classe. As leis em relação a esta prática “separaram” estas mulheres.¹⁸¹ Dorothea mostrou que Bertha não teria condições de criar o menino, foi cúmplice no abandono. Nuances, porque esta cumplicidade, a de que “*ela fez o parto e era a única que sabia*”, foi rompido,

¹⁷⁹ As dificuldades de entendimento naquela época deviam ser muitas, pois, a maioria da população falava o alemão e nos tramites legais a língua era o português, além das dificuldades de Bertha para responder o interrogatório, as testemunhas Germano Sperling e Frederico Timm também precisaram de intérprete, este último inclusive foi reinterrogado a pedido do curador de Bertha, pois teve dificuldade de entender-se com o intérprete no primeiro interrogatório.

¹⁸⁰ **Processo. Sumário crime.** p. 18v.

¹⁸¹ Salienta-se que o abandono do filho de Bertha ocorreu apenas dois anos após o **Código Penal de 1890**, que vai penalizar estes atos. Possivelmente, Bertha e Dorothea nem imaginavam os riscos que corriam se fossem descobertas. O **Código Penal de 1890** em seu artigo 292, dizia que:

“*Art. 292. Expor, ou abandonar, infante menor de sete anos, nas ruas, praças, jardins públicos ou particulares, enfim em qualquer lugar, onde, por falta de auxílio e cuidados, de que necessite a vítima, corra perigo sua vida ou tenha lugar a morte:*

Pena - de prisão celular por seis meses a um ano

Parágrafo 1º Se for em lugar ermo o abandono, e por efeito deste perigar a vida, ou tiver lugar a morte do menor.

Pena - de prisão celular de um a quatro anos

Parágrafo 2º Se for autor do crime, o pai ou a mãe, ou pessoa encarregada da guarda do menor, sofrerá igual pena, com aumento da terça parte.” In: PIERANGELLI, José Henrique. **Códigos penais do Brasil. Evolução Histórica.** p. 302.

primeiro, quando Dorothea não fez o combinado; e, segundo, quando ao se defender, “inverte” através do “brilhantismo” do seu advogado, o que possivelmente aconteceu.

Se a defesa da ré Bayer, assinada pelo seu curador Carlos Lange, foi apenas de uma página¹⁸² e baseava-se principalmente no fato da ré não ter a intenção de abandonar seu filho (o fez vendo a dificuldade de criá-lo e por conselho de Dorothea Krelling) e não fazê-lo pois estava acamada; a defesa de Dorothea foi bem mais minuciosa.

As várias páginas¹⁸³ da defesa de Dorothea baseava-se principalmente em três itens. Primeiro, o advogado tenta provar que o encaminhamento dado pela polícia foi errado, desde os interrogatórios (pois de fato ninguém - as testemunhas - viu a criança ser abandonada, mas sim ouviram falar que uma criança foi abandonada): “ ... *essa referência = a muita gente = a todos = essa voz pública que constitui a ouvida vaga, não faz prova, conforme o direito, nem força provante alguma tem (...) Tais depoimentos não podem merecer fé...* ”¹⁸⁴ Segundo, provar que Bertha Bayer sofria de “desvario moral”: “ ... *acredito pretende o comissário de polícia que a autoridade judiciária dê as respostas que aparecem no denominado auto de perguntas, quando Bertha Bayer não fala português, é estúpida e sofria de desvario moral...* ”¹⁸⁵

Terceiro, provar que não aconteceu crime pois a vida da criança não corria perigo:

“ ... *evidencia-se o parto natural, a robustez e a vida da criança recém-nascida e apresentada por A. Sinke, donde se conclue que a vida dessa criança não correu o menor perigo e que, portanto, falta a condição essencial, a condição única para o crime deferido no art. 292 do Cod. Pen.: a exposição ou abandono, de infante menor de 7 anos, nas ruas, praças, jardins públicos ou*

¹⁸² Processo. Sumário crime. p. 39.

¹⁸³ Idem. p. 40 a 44.

¹⁸⁴ Idem. p. 43v.

¹⁸⁵ Idem. p. 41 . Grifos nossos.

*particulares, etc., enfim em qualquer lugar, onde por falta de auxílios e cuidados, de que necessite a vítima, corra perigo sua vida ou tenha lugar a morte...*¹⁸⁶

Assim, após apresentar a exposição destes itens e ratificando o desvario moral de Bertha, que o lugar não era ermo e que os encaminhamentos da polícia não foram corretos, diz que não aconteceu crime segundo o próprio Código Penal.¹⁸⁷ E continua: “... a querelada Dorothea Krelling não teve a menor coparticipação no crime, apenas apiedando-se de Bertha Bayer, não a denunciou, porém isso (...) compete ao foro íntimo, que a justiça não pode devassar(...)”¹⁸⁸ Seguindo esta linha de defesa, o advogado Pedro Lobo em 09/12/1892, pede justiça a Dorothea Krelling.¹⁸⁹

A denúncia foi julgada improcedente em 26/12/1892.¹⁹⁰ O que aconteceu com a criança e com as mulheres envolvidas no “crime” não pudemos apurar, todavia, como infere Sidney Chalhoub, “O fundamental em cada história abordada não é descobrir ‘o que realmente se passou’ (...) e sim tentar compreender como se produzem e se explicam as diferentes versões que os diversos agentes sociais envolvidos apresentam para cada caso.”¹⁹¹

Neste sentido, não é nosso objetivo, ao apresentar o processo contra Bertha e Dorothea, detectar “verdades” desta história, interessa-nos sim, trazer à tona alguns elementos, como por exemplo, os “poderes femininos”, mesmo que em relação a outras mulheres; a dificuldade das pessoas que não entendem o português em participar de

¹⁸⁶ Idem. p. 41v.

¹⁸⁷ Idem. p. 42v.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ Idem. p.44.

¹⁹⁰ Idem. p.51,51v.

¹⁹¹ CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** p. 22.

interrogatórios; a cumplicidade feminina, mesmo quando apenas num primeiro momento; as transgressões; os discursos legais para desacreditar uma mulher perante um júri, refiro-me aqui às palavras de Pedro Lobo ao situar Bertha como estúpida e sofredora de desvario moral; um poder construído essencialmente masculino julgando duas mulheres: todos os envolvidos com o inquérito, inclusive as cinco testemunhas são homens; e, o corpo e a “honra” feminina sendo devassada, aliás, por duas vezes, pelo pai da criança, que em momento algum foi citado no inquérito, a não ser por Bertha, e pelo médico, no “*auto de corpo de delito*”.

No “*auto de corpo de delito*”, os peritos notificados, doutores Hermann Fritz e Carlos Lang, médicos residentes na cidade, declararam que:

*“ Bertha Bayer, moça, de figura robusta, de 18 anos/presumidos. No exame feito nela acharam os seios entumecidos, as areolas com a cor muito carregada e os bicos do peito crescidos mostrando uma secreção de linfa leitosa. As partes pudendas achavam-se emolecidas e dilatadas despejando um secreto sanguento-serroso. No abdome se encontra as rugas características que aparecem durante a gravidez e que conservam depois do ato do parto.”*¹⁹²

O relato dos médicos, enquanto prova no processo que denuncia Bertha e Dorothea, não são apenas mais um elemento importante neste processo, mesmo porque, como lembrou o advogado da ré Dorothea, o fato de Bertha Bayer ter tido um filho não constituía-se em crime.¹⁹³ Contudo, a importância para os autos da presença destes dois médicos davam-se por questões mais amplas: a normatização do corpo feminino. O século XIX é o momento em que podemos verificar a tentativa dos teóricos na redefinição dos espaços públicos e privados. Geneviève Fraisse e Michelle Perrot, ao

¹⁹² **Processo. Sumário Crime.** p. 10, 10v.

¹⁹³ p.40v.

falar da “redefinição do político no século XIX”¹⁹⁴, dizem que: “O corpo das mulheres é ao mesmo tempo público e privado”, neste sentido, “O parto coloca o corpo das mulheres no centro do dispositivo social. O nascimento torna-se assunto de Estado. Os médicos substituem as parteiras...”¹⁹⁵

Neste momento, em Joinville, ainda os médicos não vão ser mais numerosos que as parteiras¹⁹⁶, contudo, já indicam uma prática médica de saber especializado inferindo no corpo feminino, pois como destaca Margareth Rago, “Herdeiros de uma tradição intelectual conservadora, especialmente marcada pelas concepções biologizantes do século XIX, os especialistas formularam políticas de controle da sexualidade insubmissa.”¹⁹⁷ A presença dos médicos como elementos importantes do processo, por si só não exemplificam inferência, mas sua participação, no sentido de “relatar” o estado físico daquela mulher evidencia a fala “científica” sobre aquela experiência, desqualificando-a enquanto pessoa, pois, só a sua palavra e a sua confissão de que tinha tido a criança não foi suficiente, precisaram subordiná-la, a “sua matriz biológica, procriadora.”¹⁹⁸

¹⁹⁴ FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. A mulher civil, pública e privada. In: FRAISSE, G e PERROT, M. **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. p. 347.

¹⁹⁵ Ibidem. Idem.

¹⁹⁶ Ver: GUEDES, Sandra P.L.de Camargo. **Instituição e sociedade: a trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville 1852-1971**. Ao estudar sobre a trajetória deste hospital, a autora também nos conta muito das questões de saúde desde o início da colonização. Neste sentido, parece-nos oportuno transcrever o que ela nos diz sobre a falta de médicos na cidade: “Conscientes do problema e da quase impossibilidade de substituir os poucos médicos existentes por médicos nacionais, o Governo do Estado de Santa Catarina permitiu, em 1890, o ‘exercício da arte de curar’ ao Dr. Hermann Fritz, médico contratado do Município de Joinville, dando-lhe prazo de um ano para habilitar-se legalmente. (...) Em 1934 os altos índices de mortalidade infantil permaneciam (...) Esses índices eram atribuídos às enterites, à pneumonia mas, principalmente, à falta de higienização após o parto, que favorecia as infecções umbelicais - mal dos sete dias e à imperícia de parteiras (ou entendidas, como eram chamadas) e charlatões que se passavam por médicos.” (pp. 94-6)

¹⁹⁷ RAGO, Margareth. **Os pазeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)** pp. 26-7.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 148.

Se Bertha foi devassada na sua intimidade por médicos que precisavam provar o que ela tinha dito, ou seja, que o filho era seu, maior devassa foi para Bertha sua efêmera relação com o pai da criança. Em seu interrogatório, ao ser perguntada por quanto tempo estava empregada como criada na casa de Carlos Krelling e se esta criança foi o primeiro filho que concebeu, respondeu que: “... *está na casa há três anos e que este foi o primeiro filho que concebeu de Ernesto Colin, que foi quem lhe desonrou ou deflorou, sendo que para isso a iludiu com promessa de casamento.*”¹⁹⁹

O desabafo de Bertha traz consigo elementos importantes na (re)construção desta história. Sua assinatura no interrogatório, estranha, rabiscada, tremida, de quem mal consegue escrever o nome, demonstra uma moça com pouco ou talvez nenhum estudo, acreditou (ou apostou na) “*promessa de casamento*”, de um homem que inclusive não foi envolvido em nenhum momento no processo. Contudo, não é evidenciar aqui uma mulher “vítima” que nos interessa, e sim procurar “desvendar” algumas práticas do cotidiano daquela época, pois, como lembra Sidney Chalhoub, “... *ler processos criminais não significa partir em busca ‘do que realmente se passou’ porque esta seria uma expectativa inocente - da mesma forma como é pura inocência objetar à utilização dos processos criminais porque eles ‘ mentem ’. O importante é estar atento às ‘coisas’ que se repetem sistematicamente: versões que se reproduzem muitas vezes, aspectos que ficam mal escondidos, mentiras ou contradições que aparecem com frequência.*”²⁰⁰

O processo aqui analisado procurou descortinar alguns detalhes do cotidiano de Joinville no século passado, buscando conhecer um pouco mais das histórias das chamadas “mulheres comuns”. O objetivo não é (re)construir o modo de viver daquela

¹⁹⁹ **Processo. Sumário Crime.** p. 9v.

²⁰⁰ CHALHOUB, S. Op. cit. p. 23.

comunidade, mas sim entender algumas das experiências vivenciadas naquela época, pois, ao procurar construir uma história sobre Joinville, que não se fixe “nos grandes feitos dos grandes homens”, é importante lembrar das palavras de Peter Burke: “... *não deveria ser suposto que todas as pessoas comuns têm as mesmas experiências...*”²⁰¹

3.7- De tantas pequenas coisas: pormenores “daquele tempo”...

*“ Pela manhã o colono acordava bem cedo, ordenhava a vaca e deixava um pouco de leite em uma travessa rasa e larga para produzir a nata. Depois moía pequena quantidade de grãos do café cultivado na propriedade (apenas o necessário para a refeição matinal), fervia a água no fogão a lenha e preparava o pão. A manteiga consumida pela família também era fabricada em casa, utilizando pequenos tonéis de madeira. Com o passar do tempo a vida doméstica foi simplificada e a ‘manteigueira’ passou a contar com uma manivela para aliviar o esforço do trabalho. ”*²⁰²

Assim começa um artigo do jornal *A Notícia* sobre a evolução dos utensílios domésticos, demonstrando a diversidade dos utensílios usados pelos/as imigrantes europeus que imigraram para a então Colônia Dona Francisca e que hoje existe uma pequena mostra no Museu Nacional da Imigração e Colonização, em Joinville.

Mas, era o colono que fazia a nata, o café e amassava o pão? Inferimos que não, pois, estas tarefas, tidas como “tipicamente femininas” , estavam reservadas às mulheres - às colonas. Talvez, alguns homens “adentrassem ” no espaço da cozinha,

²⁰¹ BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, P. (Org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. p. 21.

²⁰² DIAS, Maria Cristina. Evolução de Utensílios dita comportamento doméstico. Jornal. *A Notícia*. Joinville, 03/04/1997, nº 20.469, p. D8. Grifos nossos.

mas não eram eles os atores da “cena” descrita acima. No entanto, a manutenção, em veículos como o jornal por exemplo, do mito do trabalho como masculino, atribui aos homens, até mesmo as atividades que, minuciosamente, eram “apresentadas por atrizes”.²⁰³ Exemplos atuais de generalizações que ratificam a prática de escrever no masculino...

Essa narrativa, que nos remete a um tempo pretérito, onde as atividades mais simples do cotidiano eram marcadas pelo trabalho manual, sem ainda conhecer os modernos eletrodomésticos, nos faz pensar, no espaço privado como algo especial, envolto pela magia de ser o espaço privilegiado das pequenas coisas que dão historicidade a cada um, ou como diz Michel de Certeau: “ *O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das ‘artes de fazer’ é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente. De tudo se faz para não ‘retirar-se’ dela, porque é o lugar ‘em que a gente se sente em paz’.*”²⁰⁴ Espaço tido como “especialmente feminino”, e onde as mulheres revelam os seus poderes, é também o espaço onde elas também demonstram sua criatividade. O referido artigo, sobre os utensílios domésticos, além de citar vários tipos diferentes de objetos que facilitavam a lida diária, conta também de um ferro de engomar, que “ *aquecido com brasas de carvão, pertencente a família Wuhsfrack. Contam os registros que ele foi trazido da*

²⁰³ A pequena narrativa, que utilizamos como epígrafe deste item, é apenas um exemplo da escrita no masculino. Uma amostra que, no entanto, nos remete a outras questões, como por exemplo, como foi simplificada a vida doméstica? Pensamos que foram das minúcias da lida diária e do acúmulo de experiências vivenciadas na execução das tarefas tidas como “tipicamente femininas” que, possivelmente, deu-se a “invenção” de vários objetos que facilitam o dia-a-dia. No entanto, a narrativa descrita acima menciona, apenas, o colono. Sobre este assunto, é interessante a análise de Ruth Hubbard, sobre a “Masculinidade das ciências naturais”, quando diz que, “ *da mesma forma que nossa sociedade despreza o trabalho manual, também despreza o conhecimento prático produzido longe dos ambientes profissionais...*” Assim, sendo as “invenções femininas” mais circunscritas ao espaço do lar, os méritos acabam sendo dos homens, enxergados “naturalmente” como “criadores”. Ver: HUBBARD, Ruth. Algumas idéias sobre a masculinidade das ciências naturais. In: GERGEN, Mary (Org.) **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.**

²⁰⁴ CERTEAU, Michel de et al.. **A invenção do cotidiano: 2- morar, cozinhar.** p. 203.

*Suíça há mais de 100 anos pela imigrante Ida Richlin.*²⁰⁵ O ferro de passar, objeto corriqueiro em uma casa, pode, também, revelar os hábitos “perfeccionistas” de algumas imigrantes ou descendentes, como a mãe de Margarida Schultz: “ *A minha mãe escolhia sempre o ferro de engomar mais pesado, porque achava que ele passava melhor a roupa.*”²⁰⁶ Sutilezas que faziam parte do dia-a-dia daquelas mulheres e que demonstravam os seus talentos, talvez, a manivela da antiga manteigueira tenha origem na engenhosidade feminina. Pois, “... *entrar na cozinha, , manejar coisas comuns é pôr a inteligência a funcionar, uma inteligência sutil, cheia de nuances, de descobertas iminentes, uma inteligência leve e viva que se revela sem se dar a ver, em suma, uma inteligência bem comum.*”²⁰⁷ Salienta-se que ao nos referirmos a esta engenhosidade feminina estamos pensando a partir do fato de que os homens não comumente assumiam a cozinha, o que não significa excluí-los do espaço da cozinha.

Detalhes do cotidiano, dificuldades frente a adversidades em uma nova terra, pontuam a escrita deste trabalho. Fontes esparsas e fragmentos diversos mesclam-se ao tentarmos discorrer sobre “aquele tempo”. Contudo, independente de dificuldades ou não, algumas tradições trazidas pelos imigrantes foram mantidas na nova Colônia. A lendária figura do Papai-Noel, também povoou o Natal de alguns imigrantes. Ao ler um trecho do livro de João Krisch sobre seus avós e pais emigrados em 1863, sobre o “Natal de 1875”²⁰⁸, nos deparamos com pormenores daquela história. A árvore de

²⁰⁵ DIAS, M. C. Cit.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ CERTEAU, Michel de et al. Op cit. 220.

²⁰⁸ Subsídios Históricos. Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff. “ Excerto do livro ‘ Aus der Vergangenheit der Blumenauer Strasse im Municip Joinville’ (Do passado da Estrada Blumenau no Município de Joinville) de autoria de João Krisch, publicado em 1937 numa edição de apenas 20 exemplares e dedicada à sua filha D. Hilda Anna Krisch. Em seu Trabalho o autor nos conta das dificuldades com que seus avós e seus pais, imigrados em 1863, lutaram depois de estabelecidos à Estrada Blumenau, na época picada Blumenau. (...) Natal de 1875.” In: Blumenau em Cadernos. Tomo XXVII. Nov./Dez. de 1986, nº 11e12, pp. 319-20.

Natal e seus enfeites mostram a criatividade para esperar Papai-Noel. A narrativa nos conta da história de quatro crianças - Laura, Emma, Mupple e Jacob, um irmão mais velho (o autor do livro) e seus pais. O filho mais velho, que já não acreditava mais em Papai-Noel, foi encarregado pelo pai em ajudar a “fazer a árvore”:

“ ... reunimos todos os galhos bem tortos e cheios de musgo. Uma roda solta de um carrinho é rolada para dentro de casa e o galho maior fincado bem no meio da roda, os outros galhos pregados em diversos sentidos do tronco. No centro, pendurado no teto, um cacho de palmeira (palmito) em flor.

- Corre até a represa, sobre o muro tem um apanhado de abacaxis silvestres e uma porção de musgo, pega tudo, enquanto eu corto o rolo de cera em pedaços e colo as velinhas na árvore.

Amarramos os abacaxis com cipó, fazendo a roda desaparecer completamente. Com o musgo disfarçamos os lugares dos pregos e os espaços vazios. A árvore ficou tão natural, como se tivesse crescido assim.”²⁰⁹

E, após montar a árvore, foi feita a decoração:

“- Vai apanhar a sodela para furar os ‘Pfefferkuchen’ (biscoitos de mel). - Não era lá um trabalho muito agradável, pois os biscoitos quebravam constantemente e a sodela cortava a minha mão esquerda. Ainda mais: até os pedacinhos tinham de ser furados, para serem pendurados na árvore! Depois de meia hora, todos os biscoitos, os pedacinhos e a palma da minha mão esquerda estavam furados! Enfiemos os biscoitos num barbante e os penduramos ao redor da árvore, em diversas alturas, nos galhos. Estava pronta a nossa árvore de Natal. Os presentes foram escondidos no meio dos abacaxis.”²¹⁰

A narrativa acerca da confecção da árvore nos conta de como aquela família resolveu, com materiais diversos dos que estavam acostumados a utilizar, confeccionar o símbolo da tradição natalina. A importância do Natal para os imigrantes,

²⁰⁹ Idem.

²¹⁰ Idem.

especialmente para os católicos, parece ser bastante significativa. Maria Luiza Renaux, ao citar a festa de Natal na região do Vale do Itajaí, diz que: “ *A festa do Natal merece consideração especial, porque reúne por excelência as tradições alemãs. Inúmeros depoimentos falam dos sentimentos ligados aos pequenos atos daquela comemoração.*”²¹¹ Todavia, ao mesmo tempo que comemorar é importante, é bom lembrar que os imigrantes tiveram que “inventar” aqui formas de realizar suas tradições. Assim como a família Krisch utilizou biscoitos furados na decoração da árvore de galhos com abacaxis, a família Brueckheimer, citada por Maria Luiza Renaux, também foi bastante criativa ao adequar os materiais nativos para a confecção de sua árvore: “(...) *papai havia regressado e tudo estava preparado para a festa de Natal e nós esperávamos essa festa com alegria. Até mesmo nem havíamos colhido os maracujás mais bonitos, pois queríamos com eles enfeitar a nossa árvore.*”²¹² Soluções criativas para a manutenção de um antigo costume. Contudo, segundo João Krisch, nem mesmo esta data mudava a rotina de sua família: “ *Os trabalhos habituais da tardinha tinham que ser feitos como sempre.*”²¹³ Seu relato ainda nos conta dos presentes: “ *As meninas, felizes, carregam as suas bonecas, de cabeça de porcelana, já de anos anteriores, mas enfeitados de vestidos novos pela mamãe, os rapazes levam o seu pião e as figurinhas de 40 Réis a folha (2 vinténs) e livrinhos de figuras...*”²¹⁴

Porém, não apenas Krisch lembra com carinho da Festa de Natal ao escrever uma história da Joinville antiga. Gerda Hagemann, nascida em Joinville em 1901, filha de Rudolf Brandt, que emigrou da Alemanha em 1894 e Marie Kröhne, também filha

²¹¹ RENAUX, M. L. O outro lado da história. p. 105.

²¹² BRUECKHEIMER, Max. In: RENAUX, M.L. Op cit. p. 106.

²¹³ Subsídios Históricos. p. 319.

²¹⁴ Idem. p. 320.

de imigrante, ao conceder uma entrevista em 1989 também lembrou do Natal. Disse ela, sobre o Papai Noel, *que “ até 10,15 anos todo mundo acreditava. (...) Acreditava. Porque nós nunca podíamos ver a árvore de Natal antes do dia 24 de noite. Nunca.”*

²¹⁵ Já a Páscoa, era marcado nas lembranças de D. Gerda, pelo vestido novo: *“Quando era Páscoa, ganhávamos os nossos vestido para o inverno. Em novembro, começo de dezembro, ganhávamos um vestido para o verão. E isso era... só! Não tinha como hoje em dia.”*²¹⁶ Ao enveredar por suas lembranças de infância, D. Gerda narra um pouco de sua história, e nos apresenta um pouco das práticas cotidianas de homens e mulheres que viveram em Joinville no início deste século. Aliás, como diz Ecléa Bosi, *“ Se o adulto não dispõe de tempo ou desejo para reconstruir a infância, o velho se curva sobre ela como os gregos sobre a idade de ouro.”*²¹⁷ Com nostalgia, ou não, D. Gerda, nos mostra uma época de dificuldades - um vestido apenas para o inverno e outro para o verão, mas também uma época repleta de outros costumes. Onde, como lembra D. Gerda, *“ Lá da nossa rua para cima, era a Alemanha. Dessa rua para baixo era Brasil”*²¹⁸, divisão marcada por uma linha imaginária, mas muito presente para aquelas pessoas. Os pais de Guerda não falavam o português - *“ Era só alemão”*²¹⁹ - e ela só aprendeu depois de adulta: *“Aprendi com meu marido e meus filhos!”*²²⁰ O relato de Gerda também conta dos segredos acerca do nascimento de um bebê e da menstruação para as mocinhas, fatos envoltos por um mistério. E ao ser perguntado sobre até que idade acreditou na “cegonha”, D. Gerda riu e respondeu:

²¹⁵ GERDA HAGEMANN. Entrevista concedida à Eneida Raquel S. Thiago em 29 e 30 de março de 1989, na residência da entrevistada: Rua Conselheiro Mafra, 136. Joinville..

²¹⁶ Idem.

²¹⁷ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. p. 83.

²¹⁸ GERDA HAGEMANN. Cit.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Idem.

“ Acreditávamos! Uma coisa lógica! (...) Acho que eu tinha doze ou treze anos. Quando uma miga contou para mim. Quando eu tinha dez anos, eu convidei toda a classe para o meu aniversário. E a minha mãe sempre falava: Não convida! Faz isso mais tarde! Mas eu convidei. Dois dias antes, então, eu tinha que ir lá e falar porque eu não podia fazer uma festa. A minha mãe não queria. Eu chorava, naquele dia (...) E dois dias depois nasceu a minha irmã.”²²¹

Sobre a chegada da cegonha ela disse que não se notava nada: *“ Isso era tudo escondido. (...) Ninguém notava nada.”²²²* Já, sobre a menstruação D. Gerda lembrou que ficou sabendo quando tinha já seus 15 anos: *“ Isso eu sabia. Mas eu também já tinha 15 anos.(...) Mas ninguém falava disso. Isso era um tabu para todo mundo!”²²³* Reminiscências como as de D. Gerda, não só nos “apresentam” o passado, principalmente nos ensinam sobre ele. Pois, como já disse Ecléa Bosi, *“ A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda...”²²⁴*

São várias as memórias que contribuíram com a construção desta história sobre as mulheres, memórias na sua maioria de imigrantes e descendentes, pois, foram eles que “garantiram”, através de espaços, como por exemplo o Arquivo Histórico, a preservação de suas memórias. Esta manutenção da cultura garantida através, às vezes, de tradições “inventadas”, foi que resistiu ao tempo, pois serviu (e serve), para ignorar a presença de tantos outros que fizeram parte da história da cidade. As tensões existentes entre brasileiros e imigrantes foram, de certa forma, abafadas através da propaganda de cidade harmoniosa. Mas, tensões existiram, entre imigrantes e

²²¹ Idem.

²²² Idem.

²²³ Idem.

²²⁴ BOSI, E. Op. cit. p. 82.

brasileiros. Ainda, convém ressaltar que, as experiências de sociabilidades que procuramos demonstrar no decorrer deste capítulo indicaram algumas formas de sociabilidades restritas. As sociedades, como a “Só para nós” (Nur Fuer Uns) ou a seletividade dos “Kraenzchen”, por exemplo, sinalizam estas sociabilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“ A arte de ‘moldar’ frases tem como equivalente uma arte de moldar percursos.”

Michel de Certeau*

Foi optando por um percurso que privilegiasse as mulheres na história da colonização de Joinville que escrevemos esta dissertação. Convém lembrar que os nossos mais fecundos documentos são sobre as mulheres imigrantes e suas descendentes. Assim, as experiências vividas pelas brasileiras, apareceram, mais timidamente neste trabalho. Na reconstrução do passado verificamos que suas memórias estão “silenciadas”, encontrando-se nos subterrâneos da história local. Mas, o que emerge?

Joinville, que foi colonizada, principalmente, por imigrantes alemães, tem os seus discursos atuais pautados no “mito fundador”, revivificando a história da colonização. São, geralmente assim, as narrativas que contam a história da cidade:

“ As primeiras viagens em direção à terra prometida eram descobertas recheadas de impressões que revelavam surpresa e devoção pela beleza das novas paragens para os aventureiros. Relembrar esses tempos é, para os mais antigos, voltar no tempo e reconstituir como com uma lupa todos os passos de seus antepassados em direção à riqueza. Para os mais novos, uma lição de abnegação e coragem.”¹

Antepassados pioneiros construindo a riqueza da cidade, através do trabalho, dão o tom aos discursos locais. A narrativa acima é trecho de um artigo publicado no

* CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1- artes de fazer. p. 179.

¹ ASSUNÇÃO, Luis Fernando. Aqui é o Brasil, pátria das palmeiras. *Jornal A Notícia*. Joinville, 09/03/1997. p.D1

jornal **A Notícia** no dia de comemoração do aniversário da cidade, no entanto, este *“reconstituir como com uma lupa todos os passos de seus antepassados em direção à riqueza”*, são elaborações discursivas frequentes sobre Joinville. Todavia, outras histórias podem ser contadas sobre esse período, os primeiros 50 anos, após a colonização da cidade por imigrantes europeus. Histórias que buscam evidenciar outros/as personagens que também estiveram presentes no cenário da colonização.

Nesta escrita sobre uma história da cidade, objetivamos dar visibilidade às mulheres de Joinville do século passado. Mas, não só a questão da visibilidade permeou esta narrativa, pois também voltamos o olhar para algumas tensões entre imigrantes e brasileiros. Além disso, foi sondando os rastros das sociabilidades daquelas mulheres que buscamos demonstrar em pormenores seus divertimentos e suas práticas cotidianas.

Assim, neste trabalho, procuramos não apenas (re)visitar o passado, mas, principalmente, focar as mulheres através das suas práticas cotidianas, ou ainda, como disse Mary del Priore ao apresentar a obra **História das Mulheres no Brasil**, *“Trata-se de desvendar as intrincadas relações entre a mulher, o grupo e o fato, mostrando como o ser social, que ela é, articula-se com o fato social que ela também fabrica e do qual faz parte integrante. As transformações da cultura e as mudanças de idéias nascem das dificuldades que são simultaneamente aquelas de uma época e as de cada indivíduo histórico, homem ou mulher.”*²

Não só mulheres fizeram parte desta escrita, ainda que de maneira acanhada, vozes masculinas também “falarão” daquele tempo, pois, a história das mulheres é

² DEL PRIORE, Mary (Org.) **História das mulheres no Brasil**. p. 9.

relacional. Aliás, parafraseando Michelle Perrot, “*ser homem e ser mulher são representações simbólicas.*”³

São as experiências “daquele tempo” que, ainda hoje, orientam muitas das práticas de homens e mulheres que vivem em Joinville, demonstrando uma presentificação da memória dos fundadores, dos antepassados. São vários os depoimentos que presentificam, ao registrar alguns hábitos e costumes cotidianos, relações existentes com um tempo pretérito. Um tempo de luta, sonho e conquista, vivenciados pelos primeiros imigrantes e/ou uma Alemanha que, na maioria das vezes, não se conhece. Depoimentos como de Edith Íris Delitsch, que com 51 anos nunca foi para a Alemanha, mas orgulha-se do seu sotaque alemão. Para ela: “*Pode parecer bobagem, mas é um orgulho da gente trazer até na fala as origens da terra. É que em casa meus avós só falavam alemão.*”⁴ Este orgulho, é apenas um, entre tantos exemplos, que podem ser citados para demonstrar a presentificação de uma memória dos imigrantes. Uma memória que é também “garantida” em espaços construídos e/ou preservados por descendentes de imigrantes, como por exemplo, o Arquivo Histórico de Joinville, o Museu Nacional de Imigração e Colonização, e o Cemitério do Imigrante.

Assim, ao passear pela cidade, ao caminhar por suas ruas, ao olhar suas vitrines, é comum depararmos com casas, roupas, brinquedos, doces típicos da Alemanha. São pequenos detalhes que não invisibilizam a presença e/ou a invenção de uma “cultura germânica”. Todavia, Joinville não é mais a “terra prometida”, o “sonho conquistado” dos imigrantes.

³ PERROT, Michelle. Entrevista. In: Revista **Projeto História**. São Paulo, (10), dez. 1993. p. 129.

⁴ Jornal **A Notícia**. Joinville, 03/11/1996. p. D6.

Atualmente, outras pessoas, advindas das mais diversas regiões do país, desenham novos contornos para a cidade, modificando suas feições. Joinville hoje é plural, multiforme, cuja polifonia ecoa diferentes sons. Sons, fragmentos e formas que possibilitariam a construção de outras histórias, permanecem a espera de outras escritas...

FONTES

1- MANUSCRITAS:

ACERVO: Arquivo Histórico de Joinville

- **Álbum de poesias de Anna Stamm.** Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Álbum de poesias de Emma Anton.** Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Álbum de poesias de Helene Brand.** Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Album de poesias de Hugo Delitsch.** Tradução: Maria Thereza Böbel.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Inventário.** Inventário de Pedro Wolf a viúva Theresa Wolf. Comarca de Joinville, 1892.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Inventário.** Inventário de Sophia Schenfeldter o viúvo Henrique Schenfeldter. Comarca de Joinville, 1892.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Sumário Crime.** A Justiça por seu Promotor. Dorothea Krelling e Bertha Bayer (rés). Comarca de Joinville, 1892.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Emancipação com suplemento de idade.** D. Ritha Gomes d'Oliveira. Comarca de Joinville, 1892.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Arrolamento.** Arrolamento de Carlos Forster a Guilhermina Forster. Comarca de Joinville, 1892.
- Caixa nº(ano) 1892. **Processo. Abertura de testamento.** Alvin Anton Meyer e Elizabetha Meyer, nascida Koehler. Comarca de Joinville, 1892.
- **Cartas de Ottokar Dörffel**, para sua mãe. 28/05/1855, 29/05/1855, 10/08/1855, 25/08/1855, 21/09/1855, 15/11/1855. Tradução: Helena Remina Richlin.
- DECHENT, Prof. Nikolau (Diretor) **Edição comemorativa ao quinquentenário da "Escola Alemã" - 1866/1916.** Tradução: Maria Thereza Böbel.
- Domínio Dona Francisca. **Publicações da Direção.** 1858-1869.
- **Heiterer Wochenschluss.** (Alegre fim de semana), fundado a 16 de junho de 1899. Estatuto. Clube de crochê. Documento manuscrito em alemão gótico, 2p. Tradução: Maria Thereza Böbel.
- HERKENHOFF, Elly. **Dossiê** entregue em 1984 ao Sr. Wolfgang Voigt, Cônsul Honorário da República Federal da Alemanha, para solicitar a colaboração da RFA para a construção do prédio do Arquivo Histórico de Joinville.

- **Listas de Imigrantes.** 09/03/1851 a 22/01/1860. Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Livro de Correspondências da Direção da Colônia Dona Francisca.** 1867 a 1896.
- **Pasta Mapas Demonstrativos.** (Mappa n.1: Censo de 1859 a 1869)

ACERVO: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

- **Falas dos Presidentes da Província.** 1852, 1854, 1859, 1860, 1861, 1862, 1865.

ACERVO: Pessoal de Maria Thereza Böbel

- **Poesia escrita por Alfred Tiede para Lilly Tiede.** Joinville, 5 de agosto de 1899.
Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **O clube das velhas senhoras.** Poesia escrita por Lilly Tiede em 1929. Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Casinha do tempo.** Poesia escrita por Lilly Tiede. Joinville, 1 de setembro de 1923.
Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Poesia escrita por Lilly Tiede.** s/d. Tradução: Maria Thereza Böbel.

2- IMPRESSAS:

ACERVO: Arquivo Histórico de Joinville

- **FUNDAÇÃO CULTURAL DE JOINVILLE. Dia da Suíça: os suíços em Joinville.** 1997. (Folder)
- **Contos do início da imigração.** Trabalho da Comissão do Museu Nacional de Imigração e Colonização. Joinville, 1992. Mimeo.
- **Telegrama do Diretor da Colônia Dona Francisca, Sr. Frederico Brustlein, ao Presidente da Província de Santa Catarina, Exm. Sr. Dr. Lourenço Cavalcanti de Albuquerque.** 16/08/1870.
- **Relatório do ano de 1897, apresentado ao Conselho Municipal de Joinville pelo superintendente Frederico Brustlein em 17 de janeiro de 1898.** Typ. Boehm. Joinville.

- **Relatório da gestão dos negócios do Município de Joinville durante o exercício de 1903 apresentado ao Conselho Municipal pelo superintendente Procópio Gomes d'Oliveira em julho de 1904.** Typ. Schwartz. Joinville.
- **Resoluções do Conselho Municipal de Joinville do Anno de 1898.** Typ. Boehm. Joinville.
- HENLE, M. **A fein's benehma.** (Boas maneiras) München: Braun e Schneider, s/d. 55p. Tradução: Maria Thereza Böbel. (Livrinho de boas maneiras em forma de poesias, em dialeto alemão, dirigido a adolescentes. Pertenceu à família Carlos Schneider, imigrada em 1881.)
- GERNHARD, Robert. **Dona Francisca, Hansa und Blumenau** - Eine Festschrift. (Dona Francisca, Hansa e Blumenau - uma edição comemorativa). Breslau: Schlesische Verlags-Anstalt v. S. Schottlaender, 1901. pp. 182-193. Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Jornal de Casamento.** Edição comemorativa às Bodas de Prata do Sr. Heinrich Lepper e esposa. Joinville, 28 de março de 1921. Tradução: Maria Thereza Böbel.
- **Canções de mesa para a festa de casamento do Sr. Franz Rust e Srta. Gertrud Lepper.** Hamburgo, 4 de agosto de 1908. Tradução: Maria Thereza Böbel.

ACERVO: Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

- **Fallas dos Presidentes da Província.** 1853, 1855, 1856, 1857.

3- JORNAIS:

ACERVO: Arquivo Histórico de Joinville

- **Constitucional.** Joinville, 27/09/1885 a 21/03/1886.
- **Folha Livre.** Joinville, 23/01/1887 a 03/07/1887.
- **Gazeta de Joinville.** Joinville, 1877 a 1883; e, 20/04/1907.
- **O Democrata.** Joinville, 13/07/1884 a 05/10/1884.
- **O Globo.** Joinville, 09/03/1884 a 22/06/1884.
- **Sul.** Joinville, 11/08/1889 a 30/06/1890.
- **A Notícia.** Joinville, 03/11/1996, 12/11/1996, 19/01/1997, 09/03/1997, 03/04/1997.

- **Kolonie-Zeitung.** Joinville, 10/01/1863, 21/03/1863, 28/03/1863, 08/05/1880, 15/05/1880, 05/02/1901, 21/02/1901. Tradução: Maria Thereza Böbel.

4- DEPOIMENTOS E ENTREVISTAS:

- **ADOLFO BERNARDO SCHNEIDER.** Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva em 29 de abril de 1996, na residência do entrevistado: Rua Tijucas, 255. Joinville/SC.
- **EDITT FISCHER DROLSHAGEN VOGELSANGER.** Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva em 14 de dezembro de 1995, na residência da entrevistada: Rua Max Colin, 1845. Joinville/SC.
- **GERDA HAGEMANN.** Entrevista concedida à Eneida Raquel S.Thiago em 29 e 30 de março de 1989, na residência da entrevistada: Rua Conselheiro Mafra, 136. Joinville/SC.
- **HELENA REMINA RICHLIN.** Depoimento concedido à Janine Gomes da Silva em 23/04/1997, no Arquivo Histórico de Joinville: Av. Hermann August Lepper, 65. Joinville/SC.
- **MARIA THEREZA BÖBEL.** Depoimentos concedidos à Janine Gomes da Silva em 25/02/1997 e 23/04/1997, no Arquivo Histórico de Joinville: Av. Hermann August Lepper, 65. Joinville/SC.
- **MARIE LEPPER FANGHAENEL.** Entrevista concedida à Janine Gomes da Silva em 4 de fevereiro de 1997, na residência da entrevistada: Rua Lages, 320. Joinville/SC.

5- FOTOGRAFIAS: (Por ordem de entrada no trabalho.)

ACERVO: Arquivo Histórico de Joinville.

- Escola localizada na Estrada Dona Francisca. Época: final do século XIX. Caixa nº 321.
- Escola “ Colonial de Joinville”. “ Alunos da Escola formados para ‘Ginástica Suéca’.” s/d. Caixa nº 196.

- Casa de colono: mulheres e crianças. Fotografia desconhecido, s/d. Caixa nº 501.
(Obs.: A foto está catalogada como “ Casa de Enxaimel”).
- “Kaffee-Krauzchen” (Crochê-Café ou Crochê-Lanche). Fotografia desconhecido, s/d.
Caixa nº 164.
- Um Kränzchen (Grinaldinha) hoje chamado crochê. Fotografia desconhecido. Caixa nº 164. Obs.: Consta no verso da foto as seguintes informações: “ Turma de crochê ‘Häkellust’ fundada em 1900. Foto tirada a 28 de julho de 1903. ‘Häkellust’ (‘Vontade de fazer crochê’). Tradução: Maria Thereza Böbel.
- “ Club Sprühteufel (Diabinhas Borbulhantes). Frida Parucker Lepper, Ida Rikes Niemeyer, Helene Hürlimann, Helene Lepper Schack, Rosa Trinks Lepper, Martha Lepper Beck.” Fotografia desconhecido, s/d. Caixa nº 164.
- “ Sprühteufel Club (Diabinhas Borbulhantes). Ida Rickes, Adelh. Hütte, Helene Hürlimann, Hermine Weise, Helena Trinks, Muschel Lepper*, Frida Parucker, Martha Beck.” (Segundo Maria Thereza Böbel, Muschel era o apelido de Rosa Trinks Lepper). Fotografia desconhecido. Caixa nº 164.
- “ Família Lepper e Trinks. Um piquenique no final do século passado.” Caixa nº 143.
- “ Primeira bicicleta para senhoras em Joinville. Helene Trinks, nascida em 15-V-1882, em Joinville, filha de Adolf Ferdinand Trinks. Foto de 1898.” Fotografia desconhecido. Caixa nº 734.

6- BIBLIOGRAFIA:

- Álbum histórico do centenário de Joinville. 1851-1951.** Curitiba: Gráfica Mundial, 1951.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Tradução de Roberto Raposo. 6ª ed., Rio de Janeiro: Forense universitária, 1993.
- ARIÈS, Philippe e CHARTIER, Roger. **História da vida privada, 3: da Renascença ao Século das Luzes.** Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas.** Mágia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

- BIANQUIS, Geneviève. **A vida quotidiana na Alemanha: na época romântica (1795-1830)** Tradução Joel Serrão. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.
- Boletim do Arquivo Histórico de Joinville.** Joinville. Vários números.
- BRANCO, Lúcia Castello e BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita.** Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial; LTC-Livros Técnicos e Científicos Ed., 1989.
- BRENES, Anayansi Correa. História da Parturição no Brasil. In: **Cadernos de Saúde Pública.** Número temático: mulher e saúde. v. VII, nº 2, abr./jun. de 1991.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** 3ª ed. São Paulo: Cia das letras, 1994.
- BURKE, Peter. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- Cadernos Pagu: fazendo história das mulheres.** Campinas, (4), 1995.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____ et alii. **A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque.** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- COLIN, Regina. **Família Colin.** Curitiba: Gráfica Editora Rocha, s/d.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (Orgs.). **Uma questão de gênero.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville 1917/1943)** Curitiba, 1996. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná.
- DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios.** Tradução Mariza Corrêa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 1997.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotiano e Poder: em São Paulo no século XIX.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

FICKER, Carlos. **História de Joinville:** subsídios para a crônica da Colônia Dona Francisca. Joinville: Ipiranga, 1965.

FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX.** Tradução Cláudia Gonçalves e Egito Gonçalves. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, v. 4, s/d.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** Tradução Per Salter. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

GERGEN, Mary McCanney. **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento.** Tradução Ângela Melim. Brasília: Editora Universidade de Brasília, s/d.

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo. **O exercício da arte de curar: o hospital São José de Joinville: 1852-1952.** São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo.

Instituição e sociedade: a trajetória do Hospital Municipal São José de Joinville 1852-1971. Joinville: Movimento & Arte, 1996.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública:** investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Tradução de Flávio R Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história.** Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HERKENHOFF, Elly. **Era uma vez um simples caminho...** Fragmentos da história de Joinville. Joinville: Fundação Cultural, 1987.

Joinville: nossos prefeitos 1869-1903. Joinville: Prefeitura Municipal de Joinville/Fundação Cultural de Joinville/Arquivo Histórico Municipal de Joinville, 1984.

e HERKENHOFF, Rosa (Orgs.). **Famílias Brasileiras de origem germânica.** vol. VI. São Paulo: Instituto Hans Staden, 1975.

História. São Paulo, v. 12, 1993.

HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Orgs.) **A invenção das tradições.** Tradução Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

- HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- KORMANN, José. **Histórico da Estrada Dona Francisca: de Joinville por Campo Alegre, São Bento do Sul e Rio Negrinho a Mafra**. Florianópolis: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 1989.
- LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. SP: Edusp, 1993.
- MAGALHÃES, Marionilde Dias Brepohl de. **Alemanha, mãe-pátria distante; utopia pangermanista no sul do Brasil**. Campinas, 1993. Tese (Doutorado em História) Universidade Estadual de Campinas.
- MALUF, Marina. **Ruídos da memória**. São Paulo: Siciliano, 1995.
- MAUCH, Cláudia e VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.
- OLIVEIRA, Carlos Gomes de. **Integração: estudos sociais e históricos**; Joinville, Santa Catarina, Brasil. Florianópolis: Canarinho, 1984.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: UFSC, 1994.
-
- Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro, 1831-1889. Florianópolis: UFSC, 1995.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1981.
- PIERANGELLI, José Henrique. **Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica**. Bauru/SP: Jalovi, 1980.
- Projeto História**. História e Cultura. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP. São Paulo, (10), dez.1993.
- RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- RENAUX, Maria Luiza. **O outro lado da história: o papel da mulher no Vale do Itajaí 1850-1950**. Blumenau: FURB, 1995.
- Revista Brasileira de História**. A mulher no espaço público. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, v. 9, nº 18, ago.89/set.89.

Revista de Ciências Humanas. Florianópolis, v. 14, nº 20, 1996.

Revista Blumenau em Cadernos. Blumenau. Vários números.

Revista Estudos Feministas. v. 3, nº 1, 1995.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

S. THIAGO, Raquel. **Coronelismo urbano em Joinville: o caso de Abdon Baptista.** Florianópolis: Edição Governo do Estado de Santa Catarina, 1988.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

O prazer justificado: história e lazer (São Paulo, 1969/1979) São Paulo: Marco Zero, 1994.

SCHNEIDER, Adolfo Bernardo. **Nossa boa terra: contos e crônicas da terra dos príncipes.** Joinville: Meyer, 1984.

Vultos ilustres da Colônia Dona Francisca: João Henrique Auler. Joinville: Ipiranga, 1966.

et alii. **Biografias dos Príncipes de Joinville.** Joinville: Ipiranga, s/d.

SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim: um estudo de desenvolvimento econômico.** Porto Alegre: Movimento, 1974.

Nacionalismo e identidade étnica. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

Imigração e cultura no Brasil. Brasília: Ed. UnB, 1990.

SOUZA, Gilda de Mello. **O espírito das roupas: a moda no século dezenove.** São Paulo: Cia das letras, 1987.

STROBEL, Gustav Hermann. **Relatos de um pioneiro da imigração alemã.** Estante Paranista nº 27. Curitiba: Ed. lítero-técnica, 1987.

TERNES, Apolinário. **Joinville, a construção da cidade.** São Bernardo do Campo: Bartira, 1993.

História econômica de Joinville. Joinville: Meyer, 1986.

THÉBAUD, Françoise (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XX.** Tradução Alda Maria Durães e outros. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, v. 5, s/d.

Travessia. Revista de Literatura Brasileira. Florianópolis, nº 23, 1991.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República**. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo.

WEIMER, Günter. As profissões dos imigrantes alemães no século XIX. In: **Instituto Histórico de São Leopoldo**. nº 2, 1976.

WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres na Colônia Blumenau: cotidiano e trabalho (1850-1900)**. São Paulo, 1991. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.